

REVISTA MODERNA



Nº 28 * FEVEREIRO * 1899

ANNO III

Summario

GARRETT NO ESTRANGEIRO	JOAQUIM DE ARAUJO
REVELAÇÃO	THEODORO RODRIGUES
A GARRETT	MAGALHÃES DE AZEREDO
DELMIRO DE ALMEIDA	DOMICIO DA GAMA
FELIX FAURE	LUIS SERRA
DE GREVY A LOUBET	M. BOTELHO
HORAS DE TEDIO	DOMINGO GUIMARÃES
O TRIUMPHO	
DE AMPHITRITE	Quadro de SIMONIDY
AS FILIPPINAS	
E OS FILIPPINOS	XAVIER DE CARVALHO
VISCONDE DE TAUNAY	M. BOTELHO
CARVÕES	JOSÉ DE FIGUEIREDO
SOTERRAMENTO	
DE ALMOFALA	SABINO BAPTISTA
AS MONTANHAS	FONTOURA XAVIER
O JUDEO ERRANTE	RUDYARD KIPLING
UDYARD KIPLING	THOMAZ SWEET
A CÔR E A PHOTOGRAPHIA	A. DA CUNHA
A ENTREGA DA HAVANA	MARIO TOLEDO
DON LORENZO PEROSI	...
AS MILLIONARIAS	
AMERICANAS	L. DE NORVINS
O RAS XANGACHA	M. BOTELHO
CONDE DE CAPRIVI	MARCUS
A ILLUSTRE	
CASA DE RAMIRES	EÇA DE QUEIROZ
2 HISTORIAS COMICAS	

Este numero contem

70 ILLUSTRACOES

E UM HORS-TEXTE A CORES



VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Segundo um retrato publicado na "Revista Contemporanea" em 1856.

Revista Moderna

MAGAZINE
LITTERARIO
E ARTISTICO

ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

CORREIO
DE
ACTUALIDADES

Director : M. BOJELMO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELLHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRACÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

FRANÇA

PORTUGAL

e outros paizes da União Postal

Um anno	50\$000	Um anno	40 francos	Um anno	12\$000
6 mezes	30\$000	6 mezes	24 »	6 mezes	6\$000
Numero avulso	5\$000	Numero avulso	4 »	Numero avulso	1\$000

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS :

AGENCIAS NO BRASIL

Rio de Janeiro	A. LAVIGNASSE FILHO E C ^{ia} , Rua dos Ourives, n ^o 7.	Taubaté	V. COELHO DE CARVALHO.
Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande	CARLOS PINTO E C ^{ia} .	Juiz de Fora e Minas- Geraes	CAPITÃO AVELINO LISBÔA.
São Paulo	CH. HILDEBRAND E C ^{ia} , CASA GARRAUX.	Pernambuco	LIVRARIA CONTEMPORANEA. LIVRARIA DO NORTE, Rua 15 Novembro.
Santos	F. MATTOS E C ^{ia} , Rua 15 de Novembro.	Ceará	J. J. DE OLIVEIRA E C ^{ia} .
Campinas	LIVRARIA ALFREDO GENOUX	Pará	J. B. DOS SANTOS E C ^{ia} .
		Bahia	CATILINA E C ^{ia} .

A REVISTA MODERNA acha-se á venda em todas as livrarias de Brazil e Portugal

EM PARIZ — para as assignaturas e venda avulsa dirigir-se
directamente ao escriptorio da Revista, 48, rue Delaborde

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A REVISTA MODERNA — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

ASSIGNATURAS

BRAZIL

Anno	50\$000
6 mezes	30\$000
Numero avulso	5\$000

UNIÃO POSTAL

Anno	40 francs
6 mezes	24 —
Numero avulso	4 —

PORTUGAL

Anno	12\$000
6 mezes	6\$000
Numero avulso	1\$000

OS NOSSOS CONCURSOS

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio, que no verso d'esta pagina fazemos, a respeito dos dois primeiros concursos que a *Revista Moderna* organiza.

O publico brasileiro apreciaria estamos certos esta nossa iniciativa, feita com intuito exclusivo de incitar e desenvolver as aptidões dos novos litteratos e dos photographos amadores.

Talvez haja quem ache estravagante esta ideia de ligar e fazer coincidir duas occupaões que á primeira vista parecem tão profundamente distinctas. Mas hoje a photographia transformou-se n'uma verdadeira arte, não raro inspirada e seductora, e por processos de reproducção aperfeiçoados está constituindo o melhor, o mais decorativo e o mais natural meio de illustração dos trechos litterarios.

Recorrendo a nossa Revista aos litteratos e aos photographos (os que vêm este processo exclusivamente pelo lado esthetic) era natural que os seus primeiros concursos fossem destinados aos seus mais assiduos collaboradores.

O PROXIMO NUMERO

No proximo numero publicaremos um grande artigo biographico sobre o distincto poeta e nosso prezado collaborador Affonso Celso. Este artigo burilado com esmero por um dos nossos collegas, poeta não menos distincto e collaborador não menos prezado — será illustrado com magnificas photographias ineditas e muito interessantes.

Inseriremos tambem n'esse numero um artigo, sobre as *Estancias* do Rio Grande do Sul, admiravel pintura da vida dos *gauchos*, feita com uma verdade e cor local e revelando a nitida observação e o claro e vigoroso estylo de um dos nossos mais brilhantes litteratos *double* de um homem politico de grande valor.

Este artigo inaugura uma serie de estudos que vamos publicar sobre a existencia pittoresca de cada Estado do seus costumes caracteristicos, da cultura que constitue a sua principal riqueza, etc., etc.

Continuaremos tambem a serie das nossas gravuras artisticas que têm sido tão apreciadas.

« MALA DA EUROPA »

Este nosso distincto collega, teve a extrema gentileza de publicar, n'um dos seus numeros passados, o retrato do nosso director M. Botelho, acompanhado de notas biographicas e de algumas linhas muito lisongeiras e affectuosas.

A *Revista Moderna* agradece muito penhorada esta amabilidade da *Mala da Europa* não só porque foi sincera e espontanea, mas por que alcança uma importancia notavel da propria importancia d'este periodico, um dos melhores e bem informados que da Europa vão ao Brazil.

A *Mala da Europa*, conhecida de todos os nossos leitores é dirigida pelo Snr José de Mello, cujo espirito de iniciativa e emprehendimento é sobejamente conhecido nos dois paizes.

O snr José de Mello, muito intelligente e erudito, conhecendo a fundo o *metier* de jornalista, soube desenvolver a sua publicação não só pelo lado noticioso e illustrado, pretexto principal da sua existencia, como pelo lado litterario, escolhendo com habil juizo critico um corpo de redacção superior e estimado nas lettras lusitanas.

O redactor principal da *Mala da Europa* é hoje o nosso querido e tão apreciado collaborador Abel Botelho, que, na difficil successão de Thomas Ribeiro, tem sabido affirmar-se em artigos importantes de uma sã e fina observação n'aquelle estylo incisivo, sempre original e não raro caprichoso, que de Abel Botelho faz um dos maiores litteratos d'esta geração.

Este facto bastava para que tivéssemos pela *Mala da Europa* mais do que a estima devida a um brilhante e conceituado collega. A homenagem com que nos surpreendeu esta publicação ainda mais veio estreitar os laços de camaradagem; e deixando aqui exarado o nosso agradecimento fazemos votos para que durante um largo futuro a *Mala* e a *Revista* façam sempre juntas a travessia do oceano e juntas levem ao Brazil o echo da vida intensa do velho continente.

Ivanhoé Rambosson. — No proximo numero publicaremos, d'este illustre escriptor e distincto critico d'arte do *Mercur de France* e da *Plume*, uma versão portugueza d'um artigo sobre Mucha, por elle expressamente escripto para a nossa revista.

CARLOS SERTORIO

Morreu ha dias, em Lisboa, este nosso querido e intelligente companheiro de trabalho.

Carlos Sertorio succumbe na força da vida, no inicio de uma carreira litteraria que o seu espirito superior e activo teria feito brilhante.

Com um profundo pezar testemunhamos aqui a nossa saudade do illustre morto e enviamos a Sua Ex^{ma} familia os nossos sentidos pezames por tão cruel e irreparavel perda.

RECEBEMOS

A Aristocracia estrangeira em França. — Anuario dos Saloes estrangeiros, Embaixadas e Consulados. — Chamerot & Renouard, Paris. — Com o esmero e gosto artistico que distinguem as edições da typographia Chamerot & Renouard, acaba de apparecer em Paris este bello e elegante volume-registro precioso contendo todos os nomes e endereços das personalidades mais salientes das colonias estrangeiras que habitam a Capital da França.

Inutil parece insistir sobre a utilidade de um tal obra que vindo preencher uma lacuna e facilitar as relações entre as sociedades dos diversos paizes, constitue por assim dizer o *livre d'or* dos salões cosmopolitas de Pariz.

A Intrusa, par *Sabatino Lopez* — traducção de *Rubem Tavares*. — Genova.

O Snr Rubem Tavares envia-nos, muito amavelmente, a sua traducção do drama de *Sabatino Lopes A Intrusa* que vamos ler com curiosidade e interesse; desde ja poremos, transcrevemos aqui algumas linhas da carta com que o nosso distincto e estimado collaborador Joaquim de Araujo saudou o livro:

Tradusindo uma agradável e mimosa peça do novo theatro italiano, na sua nitida « plaquette », faz o meu amigo mais do que imprimir um trecho delicado para as estantes de amadores; offerece aos tablados do seu paiz uma composição subtil e vivida, começando a completar praticamente o seu papel de demolidor. Apontar o mal representa qualidades de coragem, que nem toda a gente é capaz de expor; mas é tambem exercer apenas uma acção ne-

gativista. Não me parece que fulminar o « existente » seja um titulo supremo. A campanha que o Rubem segue, ha largos annos, na imprensa do seu paiz, seria esteril se o meu amigo ao lado da sua propaganda não possesse os modelos de substituição. Assim fez, na Hispanha, o meu amigo Leopoldo Alas, com a *Teresa*; por signal que eu julguei que vinha o theatro abaixo, com as retaliações da noite, em que Maria Guerrero interpretou a admiravel protagonista de Clarin. A casa de espectaculos estava *au grand complet*. Pois é quasi certo que só do camarote em que estavam Menendez Pelayo, Perez Galdoz, Rafael Altamira e este seu criado é que não partiam clamores de hostilidade... O critico Clarin pagava as contas, em grosso, por uma vez. E todavia quantas bellezas se condensavam no seu precioso drama!

Cuido que a versão da *Intrusa* será seguida da publicação dos dramas originaes e das imitações, que o meu amigo conserva na sua carteira de trabalho, sem esquecer a transplantação do magistral theatro de Vigny. A questão é começar, e a intrusa de certo lhe abre caminho ao complemento da obra.

JOAQUIM DE ARAUJO.

Gabinete dos Reporters. — Lisboa = O N^o 89 d'esta interessante publicação traz documentos photographicos muito curiosos sobre o crime de Almada, que tanta sensação tem produzido em Portugal. Publica tambem, a proposito, um longo e magistral artigo do Dr. Francisco Ferraz de Macedo sobre a *Degeneração e degenerados na Sociedade*.

Gazeta Commercial e Financeira. — Rio de Janeiro. Recebemos pela primeira vez a visita d'este nosso collega, jornal hebdomadario e orgão especial do Commercio, industria, finanças, obras publicas, etc., etc. O campo é vastissimo, como se vê, e de interesse geral, o que explica o successo que tem tido essa publicação que já está no seu quinto anno de existencia.

Revue illustrée. — Ludovic Baschet, Paris. — O ultimo numero d'esta primorosa Revista traz o retrato do presidente Loubet, photographias dos funeraes de Felix Faure e uma encantadora aquarella de Carlos Swab intitulada *Os Sinos*.

CONCURSO LITTERARIO

A *Revista Moderna* faz um apello a todos os escriptores do Brasil e Portugal para o Concurso Litterario de **Um Conto Inedito e Original** sem thema determinado e cujo desenvolvimento não exceda tres paginas da nossa Publicação. Os concurrentes deverão enviar os seus Trabalhos á nossa redacção em Paris até **30 de Junho** data fixa do **encerramento** do Concurso.

Até 30 de Julho proceder-se-ha a leitura e julgamento dos Contos enviados, e o Jury será composto de tres escriptores e presidido por **EÇA DE QUEIROZ**.

PREMIO

A *Revista Moderna* offerecerá ao vencedor deste Certamen Litterario o bellissimo e artistico bronze do grande esculptor **Falguière**,

LA DANSEUSE

medindo cincoenta centimetros de alto e cujo valor real e indiscutivel é de **500 francos**, preço de fabrica em Paris.

Trinta dias depois do julgamento estará esse valiosissimo premio, por intermedio dos nossos Agentes, á disposição de quem de direito.

A Redacção reserva-se o direito de publicar os originaes enviados.

CONCURSO PHOTOGRAPHICO

A *Revista Moderna* convida a todos os amadores do Brasil e Portugal a um concurso Photographico que fica desde já aberto devendo as provas nos serem enviadas até **30 de junho**, praso fixo.

ASSUMPTOS DO CONCURSO

Monumentos artisticos, Paysagens, Marinhas, Typos de cidade e do Campo.

Todas as photographias podem ser acompanhadas de um pequerro artigo descriptivo. Pede-se a maxima **nitidez** nas provas enviadas. O Jury será composto de dois membros do Photo-Club de Paris sob a presidencia do nosso collaborador A. da Cunha, photographo amator, premiado em diferentes exposições.

PREMIO

Um magnifico aparelho e os seus pertences e mais um elegante estojo para ser trazido a tiracollo será offerecido ao author da photographia premiada.

O valor minimo d'este premio é de **200 francos** preço de fabrica.

Até 30 de Julho estará o nosso premio a disposição do amator que for classificado como primeiro.

A *Revista Moderna* nao poderá admittir neste concurso photographias de proffissionaes. Reservamos o direito de reproducção de todos os documentos recebidos.



Garrett no Estrangeiro

ASSIM como, no século XVI, Camões passou os confins da nacionalidade para ser, entre os esplendores vividos da Renascença, o representante do modo-de-ser psicologico e intellectual de um povo, em nossos dias a obra de Garrett, mercê da complexidade empolgadora do seu genio, alevanta, de uma maneira unica, o padrão maior, em que podemos ser aquilatados no balanço de um século, que morre. A superioridade extrema desse Inspirado, que suggeriu e acompanhou a transformação politica, social e litteraria do seu paiz, tem a contra-prova no écho de amoroso respeito, com que os extranhos receberam a *lição* inimitavel da sua aguda e nobre intelligencia. Inventariemos, a largos traços os documentos dispersos, de que se deduz o facto consolador de que ainda commungamos na vida espiritual do mundo. O nome de Garrett é um traço de luz, que a ella nos liga, tão firme como o grilhão que prendia o Prometheu ás rochas. Como os *extranhos* o amaram e amam, a esse divino Garrett!

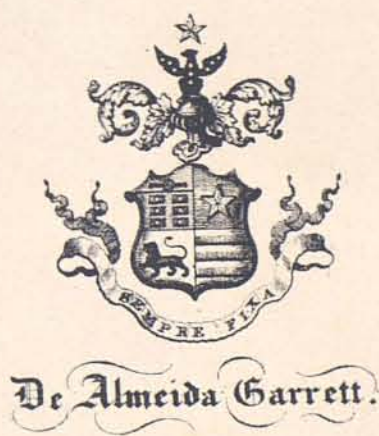
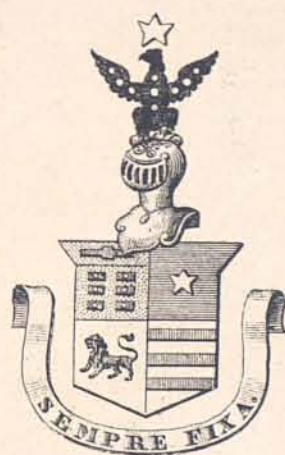
A Hespanha nacionalisou-lhe o *Fr. Luis de Sousa*, o *Bernal francês* e algumas paginas de prosa inimitavel, celebrando-o nos livros de Romero Ortiz e de Fernandez

1895 : « Leí el Fr. Luis de Sousa, que es realmente una maravilla, tanto per la sencillez clasica con que interpetra los datos historico-tradicionales, como por los prodigiosos efectos que logra con essa sencillez de recursos. Su situacion culminante, la aparicion del peregrino, reune al vigor tradicional, manifestado en tantas poesias populares del tipo de nuestro Conde Sol, los admirables detalles de ejecucion que hacen del final del 2º acto una de las escenas de mas fuerza dramatica que puede ofrecer nos el teatro moderno. Sousa tan arrogante en las luchas politicas como en los mas intimos conflictos de su corazon es una figura que me cautivó desde el primer momento. Enfim estoy a V. muy agradecido por haberme hecho conocer esta obra maestra. » (Carta de 15 de maio). « Conocia ya el *Romanceiro* de Almeida Garrett, de que V. me habla, por especial inclinacion mia a la poesia popular y a la en ella inspirada, pero [las] demas obras las leeré en cuanto tenga ocasion, pues que dé *engolosinado* con el Fray Luis. De éste es muy interesante

la anecdota que V. me refiere, y me la explico perfectamente dadole grande efecto que la obra produce. Sin duda que las demas obras



Almeida Garrett em 1840.



Ex-Libris de Almeida Garrett.

(Pertencentes á colleção do nosso illustre collaborador Joaquim de Araujo.

de los Rios. Um dos homens de maior futuro, entre todos os escriptores modernos, Ramon Menendez Pidal, escrevia-me em

[de Garrett] no pueden mantener-se a la altura de ésta, pues seria um verdadero prodigio. » (Carta de 5 de junho ¹).

1. Varnhagen produz a anecdota a que Menendes Pidal se refere, na *Litteratura dos livros de cavallaria*, elegante volume impresso em Vienna, 1870. Sobre a nota que ali attinge Garrett, condensou Gomes de Amorim este resumo : «... O conde de Luckner, ministro da Dinamarca em Lisboa, tradusiú *Fr. Luis de Sousa*, auxiliado pelo autor. O conde divorciara-se da mulher, e esta casara com outro em Dresde. Ficando viuva do segundo, viu annunciada

a representação da peça tradusida pelo primeiro, e teve curiosidade de conhecê-la. Imagine-se a sensação produsida sobre os nervos da sensível viuva, em presença daquella situação terrivel e pathetica, descripta com a singelêza mais sublime! Fulminada pelos pontos de semelhança, e enternecida até ao arrependimento, mandou chamar o Conde, reconciliou-se com elle, e recasaram-se d'ahi a pouco !... »

A França deu a Garrett logar de honra nas obras de Quinet, que caracterizou *Fr. Luis de Sousa* como o typo da tragedia moderna na Europa;



Almeida Garrett em uniforme do batalhão academico.

enalteceu-o nas traducções de Zanole, Ortaire Fournier, H. Faure, Maxime Formont; vinculou-lhe o nome aos trabalhos criticos de Madame Adam, Brinn' Gaubast, Loiseau, M^{me} Rattazzi, Didier, Bouchard, Serran- d'Al- lard; estudou-lhe o *Romanceiro* no livro precioso do sr. Conde de Puymaigre. Não se esqueça a menção da doce companheira de Latouche, que, nos seus versos melancolicos, saudava o grande poeta portuguez, nem Alexandre Boutrove, o sympathico recém-morto, que primeiro

que ninguem lembrou ao seu excepcional paiz a celebração do centenario de Garrett (*Journal des Débats* de 28 de dezembro de 1898), em



Casa onde nasceu Garrett na cidade do Porto.

compte rendu do opusculo, em que tomei ousio de apresentar a data de 4 de fevereiro á sancção dos intellectuaes do nosso tempo¹.

1. E' de iniciativa de Xavier de Carvalho, secundada por toda a colonia portugueza, o brilhante sarau realizado em Paris, em honra de Garrett. Nelle tomaram parte quasi todos os lusitanophilos franceses, muitos artistas e escriptores de nome, e o eminente compositor açoriano Francisco de Lacerda, que na Arte nacional distingue o archipelago, em que nasceu. As traducções garrettianas de Legrand, Brinn' Gaubast e Faure lidas nesse sarau são, especialmente as do primeiro, de uma finissima, interpretação dos textos, a que dizem respeito. Deve tambem citar-se o opusculo de Antonio de Faria. — *Garrett em França*, cheio de interessantes informes bibliographicos. Saudamos nesta nota, escripta á data da revisão typographica do presente esboço, o intelligentissimo commettimento de Xavier de Carvalho.

A Italia e a Allemanha comprehenderam a sublimidade do *Fr. Luis de Sousa* nas suas linguas tão oppostas; Rossi, o grande tragico, consagrou-lhe um capitulo das suas interessantissimas *Memorias*, contando a historia entusiastica das representações que desse drama realisou; Peragallo Cannizaro e Canini traduziram as liricas das *Folhas caídas*, cincoenta e tres annos depois de Domenico Perrero haver transplantado o mais emovente e inspi-

5 de Junho.

My dear
 ...
 Vou pedir - me agor
 um abrigo - o Porto
 a Sr. José Ramos Coelho
 e um jovem. Vou
 ...
 e que tem oclmente
 fundo. — Chegou
 publico ou nos seus
 e comulter subrely
 o juro publico. E
 des de esta f' a opor
 me publico sem
 ut. formal. veja-
 faher com o st. e a
 poder em auctil
 e auctil - la, com
 de esta fudo, creu
 um abrigo e to
 agor e' Debo
 ...
 Almeida Garrett

Autographo de A. Garrett.



VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Segundo um retrato publicado na "Revista Contemporanea" em 1856.

rado trecho do primeiro entre os poemas de Garrett; Ruscgalla explicou a obra do Mestre; Toci mostrou o alto valor do *Romanceiro* no volume da *Lusitania*; Padula apreciou Garrett em conferencias publicas; Schack deu a traducção allemã do *Camões*; Wolff e Hardung consagraram a colheita garrettiana dos romances populares; Storck nacionalizou as liricas de trovador dos *Olhos negros*, e, sob o titulo — o *Monch von Santarém*, uma Bibliotheca popular de Leipzig editou a parte romantica das *Via-gens na minha terra*, especie não citada na *Bibliographie des voyages* do sr. Foulché Delbos (Rev. hispanique), nem nos Additamentos do meu querido amigo Arturo Farinelli. Este eminente critico versa, no actual momento, um estudo esthetico, sobre a personalidade de Garrett.

A Inglaterra, onde o Poeta imprimiu os seus livros *Da Educação*, *Lirica de João Minimo*, *a Adozinda* e outros, como em França estampara o *Camões* e a *D. Branca*, — galardoou o immortal portuguez nos trabalhos criticos de Prestage, nas traducções de Adamson, e no livro que Hugues — se este nome não representa algum poeta norte americano, — consagrou ao Mar.

Na Russia, Platon de Waxel pregoa a gloria luminosa de Garrett, e os paizes scandinavos traduziam pelo meado do século as balladas do *Romanceiro*, como hoje adaptam as liricas das *Folhas cahidas*, na interpretação de Göran Björkman.

Tempo é de citar o paiz glorioso que na America desinvolve a civilização e a lingua portugueza. A palavra prestigiosamente incantadora do singular e poderoso apostolo da nossa tradição foi além-mar acolhida como um verbo divino. Os seus versos emocionaram num pasmo os poetas do Brasil; as suas theorias estheticas foram acclamadas; no theatro, Agrario de Menezes traçava o

Calabar nos moldes do *Catão*, citando Garrett nas suas notas; o *Camões* despertava, entre a maravilhosa vejetação dos tropicos, a vocação litteraria de Gomes de Amorim, e desde 1838 era publicado em successivas edições contrafeitas; o *Jornal do Commercio* (1842-1845) reimprimia as peças capitaes de Garrett, em largas tiragens, duplamente dadas, em jornal e em livro; em Porto-Alegre e na Bahia estampava-se a *D. Branca*, passando a corrente a New-York, onde se divulgou uma edição illustrada desse graciosissimo

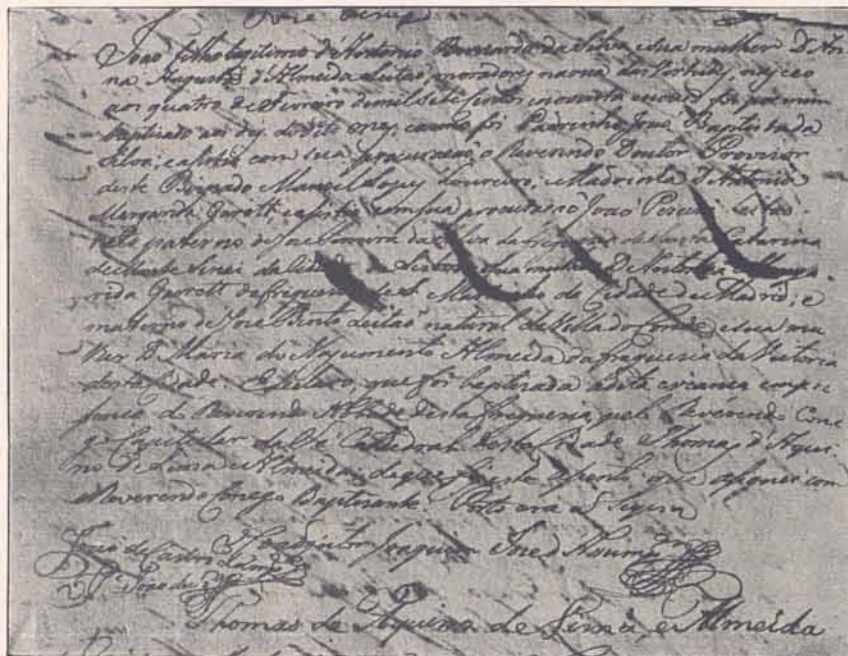
poema, rival dos de Ariosto; as *Folhas cahidas* operavam um deslumbramento, repetindo-se as impressões; na maçonaria, o D^r Mello Moraes declamava scenas inteiras do *Catão*; ainda em 1861, um editor do Rio intercalava na serie das Obras Completas de Garrett, o *Retrato de Venus*, que desde 1823 se achava exaustivo, e que só annos depois José Gomes Monteiro reuniu á serie dos livros do poeta; o Imperador tinha annotado o seu exemplar do *Arco de Sant'Anna*. Na Europa, os brasileiros letrados jamais esqueceram o culto do autor de tantas

criações esculpturaes; Gonçalves Dias recitava-lhe os versos, em Coimbra, como Magalhães de Azeredo lh'os celebra agora, em Roma, na sua lira espirital. Este mesmo numero da *Revista Moderna* é de iniciativa de um brasileiro, como a outro, por igual muito distincto, o Sr. Sant'Anna-Nery se deve uma das versões francesas de *Fr. Luis de Sousa*.

É que no genio de Garrett coincidia a graça do supremo encanto misturada a uma bondade ingénita e ao amor da tradição da sua terra. O momento da sua vida foi no século XIX, que o victoria, expirando, a expressão culminante da alma portugueza.

JOAQUIM DE ARAUJO.

Genova, 4 de Fevereiro 1899.



Certidão de baptismo de Almeida Garrett.

REVELAÇÃO

Tudo deixei por ti, por ti, celeste lyrio,
Tudo quero alcançar, por teu amor, embora
Tenha de ensanguentar no espinho do martyrio
A alma, de soluçar pela existencia a fóra.

Para mim que te sigo e busco a todo o instante,
E quanto mais te quero mais te anseio ainda,
És o supremo ideal do meu sonho incessante,
A fé que não se extingue, a crença que não finda.

Ha de morrer-me n'alma o meu affecto immenso,
Minha illusão final, Doçura, de um carinho,
Quando fugir de mim o teu olhar intenso,
Como ave que deixa abandonado um ninho...

Sonhos, se os tenho agora e crente os alimento,
(É tão doce sonhar, viver de sonhos, filha,
Procurando esquecer este longo tormento
Do viver, esmagar a Dor que nos humilha),

Se os tenho agora, emfim, e quero ancioso tel-os,
Para não me sentir mesquinho ser humano,
É porque como os teus não ha olhos tão bellos,
Nem como o teu existe outro olhar soberano.

Louco, dirão talvez... o amor é uma loucura...
Mas que me importa a mim a alma enboucecida?
Nesta allucinação, é que vive a ventura,
Nesta ventura, emfim, é que se encerra a Vida.

THEÓDORO RODRIGUES.

A GARRETT

I

Nesta hora de nocturno e lento estudo,
 Em que a soidão profunda favorece,
 No silencio de tudo,
 A evocadora prece,
 E a visão dos espiritos sagrados ;
 Remonto-me da terra ;
 Onde, nas sombras densas que prescruto,
 A Forma engana e erra,
 E audaz transponho os penetraes vedados,
 Os mysterios terriveis do Absoluto.
 Á região defêsa,
 Onde com Deus, Alma sublime, fallas,
 Onde a Verdade, a Essencia, a real Belleza
 Contemplas, eu ascendo a contemplal-as,
 E — de homem a homem — fallarei contigo !
 Grande, és grande, ó Poeta ;
 És grande, mas amigo ;
 Não de hoje a fama tua me é dilecta,
 Nem tardio ao teu nome traz meu culto,
 Pelo rumor das turbas attrahido,
 O banal entusiasmo não sentido,
 Que doe como um insulto...
 Infante ainda, balbuciei teus cantos.
 O fragor que por elles trovejava
 De batalhas tremendas,
 A grita e o phrenesi da gente brava,
 A ondulação do sol nos gladios nús,
 O brilho das paysagens e das lendas,
 Eram, na ingenua edade, os meus encantos
 E eu numa embriaguez me desvairava,
 Com tanto colorido e tanta luz !
 Depois, na adolescencia,
 Quando já me excitava a phantasia
 Das primeiras paixões a inconsciencia,
 — A esmo cruzando prantos e alegria,
 Muita vez, sem razão, no mesmo instante —
 Com que ternura extranha eu me embebia
 Nos philtros, nas caricias,
 Nas chammas, nas delicias
 Dos teus versos de amante !
 Ora, que á pensativa juventude,
 Que crê, trabalha, e espera,
 Se me abre o mundo como um campo largo,
 Onde, por lei severa,
 Todo o fructo immortal — genio ou virtude —
 Raizes tem de soffrimento amargo ;
 Ora que a mente encara e abrange a Vida,
 Na sua vária e immensa trajetoria,

De origem fixa e de immutavel fim,
 Eu posso a voz bem alta e commovida,
 Erguer, Poeta, em tua plena gloria,
 E dizer-te : Eis-me, que a saudar-te vim !

II

E em tua plena gloria assim te vejo,
 — Não phantasma indistinto,
 Como Homero ou Ossian,
 Tendo comsigo, pállido cortejo,
 Na nebulosa antemanhan da Historia,
 Monstros, numes da fábula pagan —
 Mas próximo te sinto,
 Qual se tu inda combatente fôras
 Nesta revolta arena
 De invejas e ambições devoradoras,
 Cuja peçonha atroz nos envenena...
 Eu te comprehendo : és homem, não és mytho.
 Filho és do tempo angustioso e torvo,
 Em que eu proprio me agito.
 As ancias que nos pungem, tambem tuas
 São ; suas azas lúgubres de corvo
 O agoiro do porvir, que nos assusta,
 Espalma sobre a tua fronte augusta,
 E te crava no seio as garras cruas.
 Mas, emtanto, preclara,
 Tua altivez ingénita envergonha
 As baixeza do século ; e essa rara,
 Essa áttica elegancia varonil
 Pejo nos causa ante a vulgaridade,
 Estúpida, enfadonha,
 Que, peor que a barbárie, nos invade...
 Deixa passar a multidão informe,
 Onde o instincto brutal sómente lavra !
 Que entenda a tua mágica palavra,
 Não acharás talvez um entre mil ;
 Por que tu foste, na tua obra enorme,
 Livre apóstolo audaz do Pensamento ;
 E esses, de aspecto ignaro e desattento,
 São mercenarios de um labor servil !

III

Mas não te vejo só. Vejo a teu lado
 Um vulto forte, esbelto e marcial,
 Marcialmente trajado.
 Por sob o manto espesso de soldado,
 Fulge a trechos couraça de metal ;
 De ferro está vestido o corpo inteiro ;

E as mãos, que cingem escamosos guantes,
 Se apoiam sobre os copos rutilantes
 Da sua rija espada de guerreiro.
 Que nimbo excelso a face lhe illumina,
 E a cabeça leonina,
 Fulva, cor de oiro velho ou novo cobre!...
 Liberal, namorado e cavalleiro,
 Salve! Este é dos Cantores o mais nobre,
 E' Luiz de Camões... teu irmão gêmeo!
 Nascidos ambos sob a mesma estrella,
 Ambos eguaes no esforço, eguaes no premio,
 Tivestes, por emblema de alliança,
 Para celebrar Lysia — e defendel-a,
 A « mente ás Musas dada »,
 O « braço ás armas feito »... Como outr'ora
 Dante andou peregrino com Virgilio
 Pela gehenna do perpétuo exilio,
 Em que o precito chora
 A perda irreparavel da esperanza ;
 Assim juntos andaes na antiga estrada,
 Que assignalaram em remotos dias
 Marcos tão firmes da pujança lusa!
 A raça, que, por terras e por mares,
 Longe levou a fama d'esses lares,
 Passa por vós, em legião confusa...
 O vento, a vossos pés, nas lages frias,
 O pó das velhas gerações sacode...
 E ambos fitaes unidos, longamente,
 Essa imagem materna,
 A Patria — ora em triumphos esplendente,
 Ora triste, humilhada e subalterna,
 Mas viva sempre, que morrer não pode,
 Pois em vós, como vós, tem vida eterna!

IV

Como, envolto nas pregas do escaphandro,
 Descendo de onda em onda,
 O explorador pertinazmente investe
 Os thesouros que o oceano encerra avaro
 E a occulta flora submarina sonda ;
 Tal tu entrar quizeste
 Da humanidade o mysterioso fundo,
 Que lhe parece ao vulgo esteril ermo,
 Mas para o genio se abre, vasto e claro,
 Em riquezas sem termo.
 E resurgiste creador de um mundo!
 Em torno a ti se agrupam, summo Artista,
 Quaes vassallos em torno de um monarcha,
 As rudes e as dulcissimas figuras,
 Que teu cunho estellar na fronte marca,
 E que contigo levas, á conquista
 Das edades futuras...
 Lá, sobranceiro ao rebaixado nivel
 Do espirito romano,
 Ruge Catão, austero, incorruptivel ;

E, com desdem fugindo a terra ingrata,
 Voluntario se mata,
 Livre só elle em face do tyranno...

Passa, entre a comitiva sumptuosa,
 A Infanta Dona Branca,
 De olhos baixos — devota ou voluptuosa?
 Brinca-lhe o sol nas joias, nas roupagens
 A brisa. Frades, mesnadeiros, pageus,
 Donas, donzellas cercam-na. De longe
 Vem tão guardada!... Mas em vão ; que a arranca
 Do cioso mosteiro
 O bello Aben-Afan... Rezas de monge,
 Esconjuros de Gil, raivas de Soeiro,
 Gritos e imprecações do afflicto pae,
 Nada a salva do mouro... que ella adora!
 Impaciente, sequiosa vae
 Em seus braços gosar, beijal-o agora...
 Mas a hora doce do prazer é curta ;
 Reverdece o laurel, definha a murta...
 Aben-Afan arroja-se á batalha ;
 Ferro inimigo os membros lhe retalha ;
 E, derrubado, em sangue elle se esvae...

Vasco, o estudante medieval, aferra
 Da Virgem o estandarte,
 E, dominando com seu firme pulso
 O refluir convulso
 De uma cidade em guerra
 Contra o pastor que rouba e fere a grey,
 Junta, em pacto leal de parte a parte,
 Dois poderes eguaes : o Povo e o Rei...
 O sisudo Alfageme
 Labuta na officina ;
 E a mão, com ser de velho, não lhe treme,
 Se o aço tempêra de uma espada fina.
 Lamina de primor que alli se forja
 Não sahe por futil briga da bainha ;
 Mas como que azas tem, se se avisinha
 De mouro peito ou castelhana gorja.
 E elle sorri, com a vista no porvir,
 Corregendo em segredo
 Montante, lança e cota,
 Com que Nuno, sem mácula e sem medo,
 Ha-de em Aljubarrota
 A sorte lusitana decidir...

Alem, emquanto sobe á scena o Auto,
 E alegre a cõrte Gil-Vicente acclama,
 Outro, mais grave e commovente drama,
 Se approxima do fim... Princeza afflicta,
 Pela vez derradeira os olhos fita
 No namorado incauto
 No bardo agreste de « Menina e Moça ! »
 E que El-Rey os soluços te não ouça...
 Tens de partir? Parte em silencio. Aceita
 O indifferente, o nunca visto esposo...

El-Rey, que t'o escolhêra, nem suspeita
Que em seu imperio amplissimo, ó Beatriz,
Elle é o Venturoso,
E tu és a Infeliz!...

Em tanto, Portugal a um jugo infenso,
A fronte gloriosa e exhausta curva,
Onde o esplendor intenso
Da primitiva auréola se enturva,
Rosnando vae, como um leão ferido,
Mas, inda fraco e imbelle,
Com as garras e as presas não repelle
O déspota atrevido.

Inda Dona Philippa de Vilhena
Aos impuberes filhos, da mais pura
Linhagem nados, não impoz, serena
E magnánima, a sacra investidura.
Tardam inda os prodigios, que o Bandarra,
Propheta rude e excitador da plebe,
Em toscas trovas sybillinas narra,
Quando do ceu inspirações recebe...
Mas um acerbo e estertoroso choro,
Que os ares corta e as pedras espedaça,
Domina o sussurrar de mau agouro,
Com que a nação revoltas ameaça...
Quem sóffre assim? que igreja
É aquella, onde com luz sinistra e escassa,
Bruxuleiam brandões? onde rasteja,
Convulsa, uma afflicção que não se exprime?
Por quem os psalmos sãoam? por quem sãoa
O organ na sua musica sublime?
Por quem se brada: «O' Deus! ó Deus! perdôa?»
Quem morreu? quem morreu? quem se sepulta?
Ah! tivessem morrido!... Desgraçados,
Vivem!... os corpos que a estamemha occulta
Com que jubilo aos vermes invejados
Se abraçariam!... E esse grito horrendo
De vergonha e pavor que allí retumba,
Os corações mais asperos fendendo
Como se, agudo e subito, sahira

Do âmago de uma tumba!
É uma innocente victima que expira!
Niobe, mãe que da perdida prole
Soffres o iniquo exicio,
Sem que um amigo a tua dor console;
Laoconte ancião, que as atras cobras
Jungem com ferreas, constrictoras dobras
Aos fructos do teu sangue; Prometheu
A pique atado sobre o precipicio,
Que por morada Júpiter te deu;
Vêde este novo e tétrico supplicio,
Que a phantasia antiga não sonhara;
Vede como, num gesto,
O amado e a amada, a filha e os paes separa,
Mais seguro e feroz que um assassino,
O duende funesto,
O trágico emissario do Destino,

Que se chama *Ninguém!*
Anjos bons que adoçaes da vida humana
As decepções grosseiras,
Os travos peçonhentos., vinde! E vêm,
Com suas adoraveis companheiras,
Que uma elegancia fina e casta irmana,
A Gertrudinhas do Arco de Sant' Anna
E a Joanninha do Val' de Santarem.
Cantae, rouxinoes, cantae!
Cortejae a vossa dona!
Posto é o sol, a noite cahe.
E a luz a terra abandona...

Eil-a na velha janella,
Onde a hera enlaça o jasmim.
Dizei-me vós: que tem ella
Que scisma e se queix a assim?

Cantae, cantae, rouxinoes!
Alli, na casa deserta,
Os matinaes arreboes
Ainda a encontram desperta...

Em redor tudo se cala;
Ella chora e falla só...
E as estrellas, a escutal-a,
Se offuscam de puro dó...

Recordae-lhe o seu amor...
Cantae, para alegre a verdes,
Nem só o pranto dê fulgor
A esses lindos olhos verdes.

Alegre? com taes tormentos?
Se ri, de um riso ôco e vão,
É nesses raros momentos,
Em que lhe foge a razão!

Alegre? ai! não, nunca mais!
A desgraça que a tortura
É d'aquellas infernaes,
Que nem na morte acham cura

V

Outras... mas não são timidas crianças,
Que em dias deliciosos ou tristonhos,
Se alimentam de vagas esperanças,
E imponderaveis sonhos...
Mulheres são... famintas, temulentas,
Ávidas como os ávidos vampiros;
Suas caricias meigas ou violentas,
Seus gritos de ciume, seus suspiros
Trémulos e offegantes de prazer,
Suas obscuras, mutações extranhas,
De alma e rosto, te vibram nas entranhas,
Te abalam no mais fundo do teu ser,

Osculos alternando com bramidos,
 Sabem das pombas o arrulhar queixoso;
 E ululam, no delirio dos sentidos,
 Como lobas num bosque tenebroso.
 Impoem de joelhos, mandam supplicando,
 Casam a submissão ao despotismo,
 Com o aceno mais brando,
 Te arrastam, sobre flores, a um abysmo.
 Essas — não as creaste, em namoradas
 Ficções de arte e desejo;
 São reaes, são palpaveis; e abrazadas
 De uma vehemencia louca,
 Te insufflaram no sangue o seu calor;
 E provaste, e soubeste como o beijo
 Tem, certo, em cada bocca,
 Diferente sabor...

Quantas á tua mocidade errante,
 Lá do exilio no frígido negrume,
 Deram essa harmonia inebriante,
 Esse augusto mysterio
 De claridade, música e perfume,
 Que, como um raio de esplendor siderio,
 Na terra o ceu resume!

Mas deixa-as, deixa-as ir; não as retenhas,
 As divinas visões; e d'ellas guarda
 A saudade sómente... Já não tarda,
 Para empolgar-te com as mãos ferrenhas,
 A senectude... E o teu ardor não finda?
 Pois lembrar o passado não te basta
 A' mente inquieta e vasta?
 Queres amar e ser amado ainda!
 Mas vê, Poeta, que te nascem cans...
 A corôa de rosas, myrto e louro
 Já escondel-as não pode... Ás sobras vans
 De um perdido thesouro
 Dize, tranquillo, o derradeiro adeus...
 Ou, novo Anacreonte,
 Tu descobriste de Juvencia a fonte,
 E és sempre moço, por favor de Zeus?
 Dobre o corpo a velhice; intacta e leve,
 Tem o espirito a seiva dos vinte annos;
 E o tempo não se atreve
 A offender-lhe os direitos soberanos.
 Mas, solemne, fatidica e presaga,
 Quando, na tregua das externas luctas,
 Uma illusão carissima te afaga,
 Essa palavra mysteriosa escutas,
 Que te murmura: O tumulo está perto!
 Tu, então, grave e triste,
 Tu apertaste, num amplexo estreito,
 As formas adoradas ...e fundiste,
 Em versos de candente e rubra lava,
 O desejo febril, que devorava

Teu dolorido peito...
 « Seus olhos, se eu sei pintar
 O que os meus olhos cegou,
 Não tinham luz de brilhar,
 Era chamma de queimar;
 E o fogo que a ateou
 Vivaz, eterno, divino,
 Como o facho do Destino,
 Divino, eterno! — e suave
 Ao mesmo tempo; mas grave,
 E de tão fatal poder,
 Que um só momento que a vi,
 Queimar toda a alma senti...
 Nem ficou mais do meu ser,
 Senão a cinza em que ardi...
 — Alli sós no mundo, sós,
 Santo Deus! como vivemos!
 Como eramos tudo nós,
 E de nada mais soubemos!
 Que longos beijos sem fim!
 Que fallar dos olhos mudo!
 Como ella vivia em mim,
 Como eu tinha nella tudo!... »

Amor pedias, arquejando exausto.
 Amor! Amor! Amor! E em holocausto,
 Genio e gloria quizeste offerecer.
 A argilla desfazia-se; a alma forte
 Com a morte luctava braço a braço;
 E unica pôde a morte,
 Quando tombaste succumbido e lasso,
 Teu coração gelar e endurecer...

Descansa. Ao vento não se irão perdidas
 Essas « folhas cahidas »
 De merencorio e agonizante outomno,
 Que, antes do ultimo somno,
 Abrazou-se em incendios de verão,
 Reviçou em verdor de primavera...
 O teu canto inda paira sobre nós,
 Como de ave que habita os altos cimos;
 Inda frementes de emoção o ouvimos,
 — Verbo divino de uma humana voz,
 Onde em notas de chamma transverbera
 O fogo de um indómito vulcão.
 Descansa. Ao sol de um Pentecostes novo,
 As suas igneas linguas, de era em era,
 Celebrando as grandezas do teu Povo,
 Teu nome levarão!

MAGALHÃES DE AZEREDO.

Roma. Fevereiro 1893.

BELMIRO DE ALMEIDA

No dia em que me disseram que o Belmiro nasceu no Serro todo o determinismo facil dos criticos de origens e ambientes me acudiu n'uns lindos versos nostalgicos de Lucio de Mendonça

Como a Allemanha legendaria e fria
Minas é a terra das manhans brumosas

para explicar a grisalha luminosa em que se embellem as figuras e os objectos nos quadros ao ar livre do autor das *Nuvens* e dos *Descobridores*. Mas logo fui levado a considerar que dos quarenta annos do pintor bem poucos foram os que elle viveu no Serro natal, e que antes de embrumar de azul a sua visão de artista de meias tintas elle a tinha longamente enlutado em bitumes baços, sarapintado de coloridos barbaros, tinha feito pintura forte, segundo a tradição classica. E abandonando a «theoria dos meios», mais util em estudos inferiores, cheguei á conclusão de ter sido o aperfeiçoamento do desenho o que levou este artista a pintar claro.

Não quer isto dizer que Rembrandt, Ribera, Delacroix e outros mestres do *es-curo* não soubessem desenho. Apenas o que na obra d'esses, por effeito da sinceridade da visão, era o ambiente prestigioso, envolvendo figuras graves ou dramaticas, pareceu aos professores ser a fórmula que se impunha, universal e segura, característica das *télas fortes*. O romantismo, que trouxe á arte a abolição das fórmulas, não conseguiu supprimir os banhos de bitume do «colorido vigoroso.» Entre as mais bellas obras da pintura franceza contemporanea figuram télas de Ribot e de Courbet, de H. Regnault, Paul Baudry, J.-P. Laurens, Henner, Bonnat, Aimé Morot, Roybet, de trinta outros mortos ou vivos que pintaram *carregado*. E esses grandes mestres são autoridade e exemplo não só para os seus discipulos como para os criticos.

Entretanto, sem recordar a velha disputa entre os partidarios da linha e os da cor, que resurgiu mais violenta no tempo de Delacroix e Ingres, com os seus argumentos em favor do desenho puro, rigoroso e honesto contra os disfarces artificiosos da cor, que perturba e engana, não é preciso grande força de theorias estheticas para nos convencermos de que a tonalidade clara e discreta, dominante hoje nas exposições de pintura, é mais favoravel aos progressos do desenho do que os fogos de artificio e os negrumes dramaticos dos quadros theatraes. Renunciando aos elementos violentos de emoção, o artista estuda a sua representação minuciosa e cuidadosamente no perfil, no agrupamento e no movimento da composição, nas quantidades e valores das figuras nos seus planos, nos effeitos de iluminação — mais complicados e difficeis quando os reflexos se en-

trecruzam e contrariam, escapando á disciplina das *luzes* familiares e complacentes do atelier, — na harmonisação e integração dos tons que o olho escrutador e sincero differenciou nas *dominantes*.

Quando é feito conscienciosamente, esse exercicio, que leva muitas vezes á producção de obras intensas e originaes, proporciona aos artistas estudiosos maior somma de contentamentos sob a forma de descobertas, de variações da visão, de contemplações independentes, do que a marcha pelá estrada batida da tradição. Era, pois, natural a mudança na maneira de Belmiro por força da sua mestria no desenho, annunciada desde os principios da sua carreira, adquirida e generosamente manifestada nos quadros que tem produzido n'estes ultimos dez annos.

Belmiro Barbosa de Almeida Juinor nasceu na cidade do Serro, provincia de Minas Geraes, ha perto de quarenta annos.

Veio pequeno para o Rio de Janeiro e ahi fez os seus estudos primarios no externato do mosteiro de S. Bento. Entrando para a Academia de Bellas-Artes, completou em dous annos o curso de desenho, que se fazia em quatro, obtendo no concurso do primeiro anno a medalha de prata e no segundo a grande medalha de ouro. Foram seus mestres Agostinho da Motta, o paizagista, o escultor Chaves Pinheiro, Victor Meirelles de Lima e João Zefirino da Costa.

Em 1884 fez uma primeira viagem a Pariz e por cá se demorou até 1885. E' natural que por esse tempo se dissipasse em desenhos leves e pinturas faceis. Fez retratos e desenhos caricaturas em jornaes illustrados do Rio. Antes de partir pintou em duas horas um tempestuoso *Naufragio do Monserrate*, com um mar sujo e

revolto, de ondas altas e escumosas, ondas loucas, esverdeadas de espanto, sob a oppressão de um ceu tragico, baixo, negro, carregado de temporal, e o vulto lamentoso do navio desarvorado e perdido na tormenta — que era uma illustração a cores segundo a composição classica, porém tinha vigor, movimento drama. Era o tempo em que Emilio Rouède pintava marinhas em seis minutos, sobre o palco, nas representações de caridade. Mas o que o amator fazia por exercicio de velocidade e sem tenção maligna o artista não podia imitar sem dilynquir. Já elle sabia desenho bastante para ter consciencia do indisciplinamento, da incorrecção que essas phantasias trazem ao estylo de um pintor. Entre os quadros hoje numerosos de Belmiro não figuram outras télas de dous metros brochadas em duas horas. Ao contrario, os amadores de boa pintura se queixam da lentidão da sua producção, escassa para a impaciencia dos que na obra excutada não consideram o trabalho de invenção, os progressos realizados.

E todavia a gente informada sabe que, ou seja por gymnas-



O Pintor Brasileiro
BELMIRO DE ALMEIDA

tica esthetica, por exercicio de estudo ou por pingo de amor proprio, os artistas andam sempre buscando dificuldades a vencer. E conforme a elevação do ideal pessoal, essas *africanas* do pincel, do espro ou do buril, essas tentativas por crear o novo ou fazer o ainda



Os descobridores.
Estudo de Figura.

não feito dão em resultado a obra estupenda de Miguel Angelo ou as maravilhas de execução graphica de Denner e dos mestres japonezes, com as gradações intermedias dos que ficaram em caminho ou não visaram tão longe. Todas representam um esforço meritorio, de que a arte aproveitou. O tempo empregado em realis-as nunca é perdido, se a tenção é sincera e bem guiada. E tanto podia ser tirada da historia heroica da arte como das campanhas pela independencia nacional a divisa soberbamente estoica de Guilherme o Taciturno: *Point n'est besoin d'espérer pour entreprendre ni de réussir pour persévérer*. Apenas pôde acontecer que o artista morra pobre ou de pobreza; mas a possibilidade dos accidentes funestos nunca deteve inventores nem descobridores.

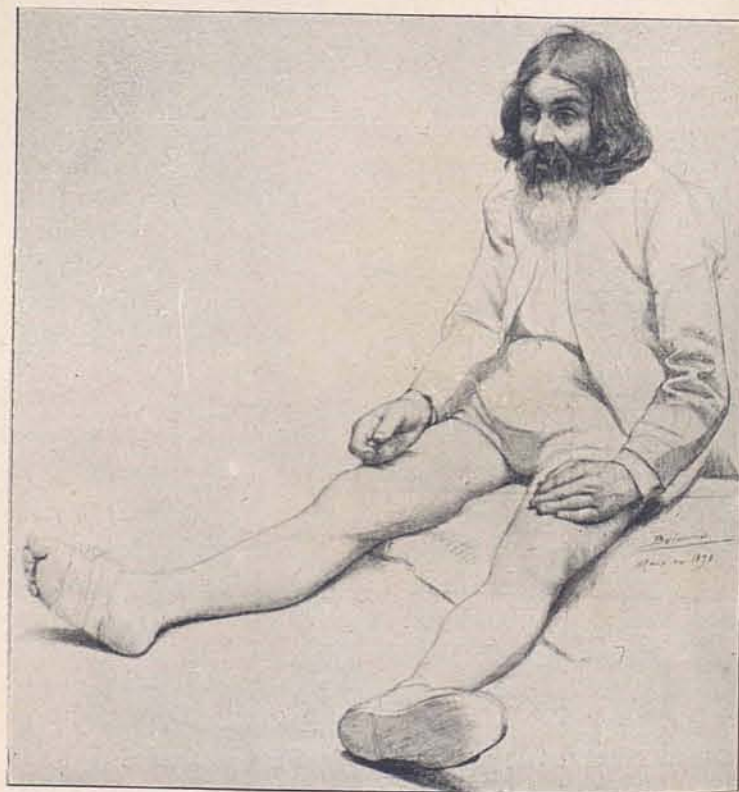
Este não é o caso com Belmiro de Almeida, que se impoz á attenção dos seus compatriotas e é hoje

um nome, representa uma individualidade, com crédito seguro e rendimento artistico em consequencia. Os que ajudaram ao seu desenvolvimento, mandando-o para Roma quando, em 1887, foi annullado o concurso de viagem — Rodolpho Bernardelli, o promotor da idéa, coração fraternal e generoso; Ferreira de Araujo, impulsivo da bondade, um Bispo Myriel leigo, ganhando fortunas, repartindo fortunas pelos que julgava merecedores de auxilio, enganando-se muitas vezes, acertando algumas e dando-se por pago com essas, chegando lenta e penosamente á conclusão melancolica de que *no fim tudo dá certo* e persistindo, apesar das philosophias e dos desconsolos e soffrimentos. Luiz de Rezende, Manoel Viscente Lisboa, Alfredo Rocha, o Dr. Cruz Tamandaré, grupo sympathico de amigos intelligentes e dedicados — sabiam que bem collocavam a sua confiança, que da sua viagem de estudos o alumno voltaria mestre.

E não se enganaram. Esse foi o periodo mais fecundo da sua producção. Dos trabalhos anteriores de Belmiro só me lembram os *Arrufos* — um antipathico quadro de genero que está na Galeria da Escola de Bellas Artes — a descabellada marinha do *Mousserate* e a *Flagellação*, do concurso de viagem. O resto foram retratos e desenhos apressados. De Roma mandou elle o quadro das *Nuvens*, que pertence ao Dr. Ferreira de Araujo, o *Bom tempo*, que é *pendant* d'aquelle, *A tagarella*, *Efeito de sol*, *Vaso de flores*, que estão na Galeria da Escola, *Vendedora de phosphoros*,

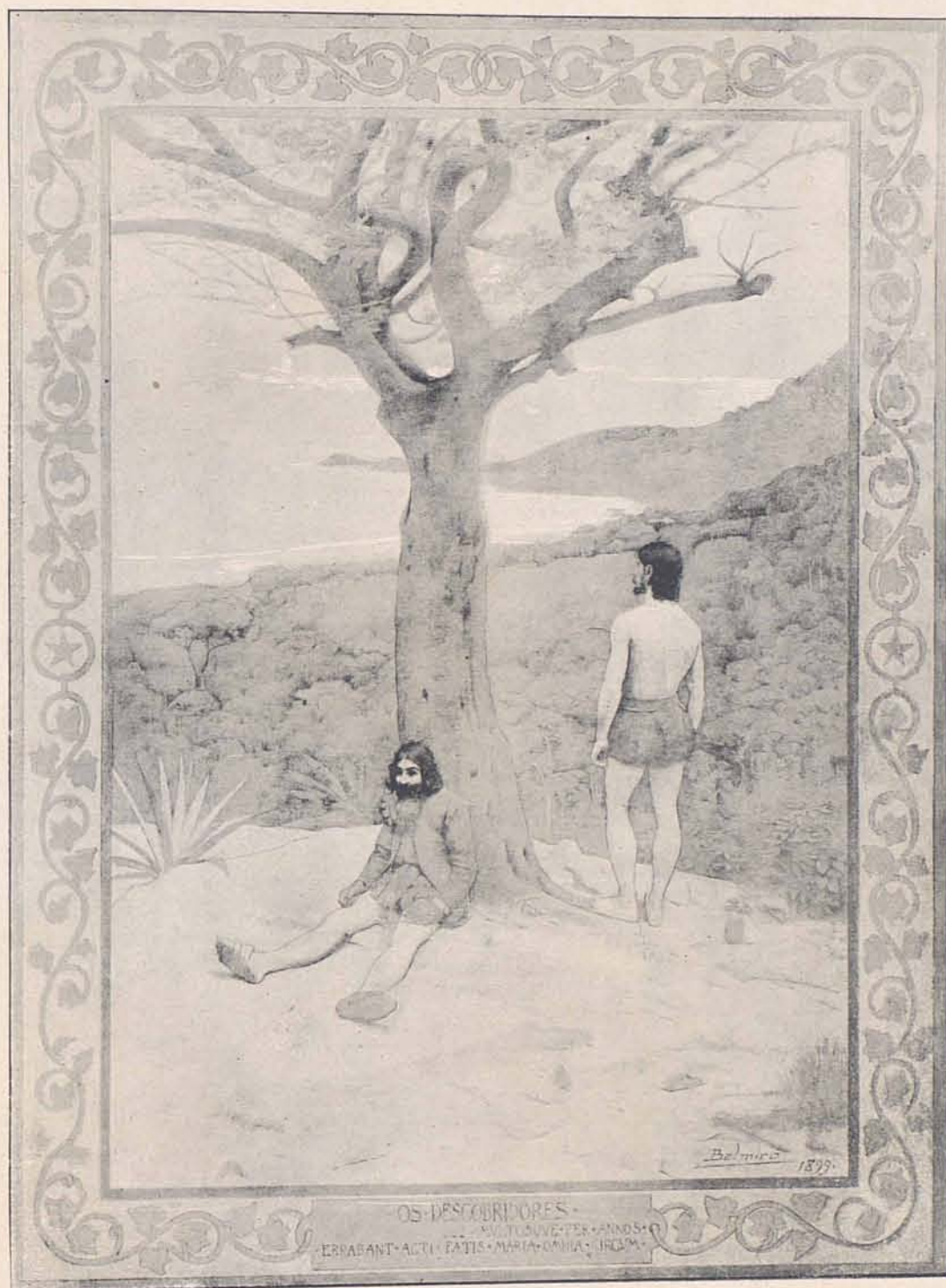
Um dia infeliz, *A cega de Narni*, *Depois da patroa*, eu .. e vistas da Campagna e estudos de *ciociaros* e de linha e de cor na paizagem, na severa e prestigiosa paizagem romana, exhibiu-se em obras diversas em tamanho e importancia, desde a taboinha portatil em que se fixam *impressões* até á tela monumental da *Aurora do 15 de Novembro*, almanjarra pittoresca de mais difficil collocação que uma colleção de animaes ferozes. E mesmo esse quadro decorativo, em que o artista consumira um anno de trabalho e que posteriormente o fez crear cabellos brancos por dentro, ainda lhe foi util, porque, sem falar nos estudos que teve de fazer para o executar, a *Aurora* matou em Belmiro a gana que tem todo pintor de pintar o seu quadro *grande*, que é como a tragédia ou o poema épico para o principiante em litteratura. As realizações imperfeitas são as melhores n'este caso. O desdem dos artistas pelos pequenos pedaços, — a tendencia a fazer grande é originaria de um bom sentimento, mas é praticamente desastrosa. Está bem claro que se, em vez de se lançar á tela que dá para uma véla grande, elle tivesse pintado um modesto painel de uns seis metros quadrados, ainda hoje teriamos o Belmiro a pintar obras monumentaes, pois que do seu primeiro telão só o descontentou a difficuldade quasi toda material da sua collocação. E' natural que chegasse á perfeição no genero, como adquiriu a mestria nos fragmentos e anedotas poeticas dos quadros de cavallette. Mas n'uma terra em que os palacios não são construidos para a decoraçào mural, os quadros de cavallette, portateis e accomodaticios são muito mais bem recebidos. Além de que são mais variados, dependem de outra esthetica; são dispersivos e partilháveis...

Em 1889 e em 1891 fez Belmiro duas excursões de Roma a Pariz, que lhe transformaram o estylo. Estudou as exposições de Puvís de Chavannes e, como soubesse desenho bastante para não receiar a claridade, começou a pintar *claro*. Se houve melhoria de maneira poderão dizel-o os que compararem as suas telas *fortes*



Os descobridores
Estudo de Figura.

com as cinzentas. As difficuldades vencidas n'estas ultimas demonstram o artista sincero e decidido a não abusar da sombra theatral, a não correr cortinas artificiosas sobre as bellezas da vida. Entretanto, em Roma primeiro, entre o grupo conservador dos seus amigos e collegas, e depois no Rio de Janeiro, entre a gente da



OS DISCOBRIDORES

Ultimo quadro de Belmiro de Almeida.

Devendo ser brevemente exposto no Rio de Janeiro.

visão romantica, o seu colorido desmaiado e fino não foi aceito sem discussão e passou mesmo por pretenciosa adaptação da moda pariziense.

Em vez de discutir, o artista respondeu ás criticas, como assenta a um pintor — pintando novas télas em que a sua cons-



Os descobridores.
Estudo de roupagens.

ciencia technica e sinceridade de visão se impuzeram irrecusavelmente. E quando, d'aqui a dezenas de annos, o tempo houver reduzido a maior parte dos quadros contemporaneos a uns negrumes vagos em que boiam figuras perdidas, a pintura sólidamente desenhada de Belmiro ainda conservará a harmonia das suas tonalidades claras, com a justa relação dos valores nos planos perspectivados.

Ha tres annos estabelecido em Pariz, depois de ter sido por tres annos professor na Escola d'onde sahiu para Roma, vae o artista mineiro trabalhando assiduamente em quadros de minucioso estudo. Foi primeiro a *Má noticia*, que lhe comprou o Estado de Minas, depois o *Repouso do artista*, que figurou no *Salon* de 1898 e *Prompta para a festa* e retratos e desenhos e ultimamente o painel decorativo dos *Descobridores*, que os fluminenses terão a fortuna de vêr na sua luz e do qual a *Revista Moderna* dá uma reproducção, com alguns estudos das figuras.

E' este um quadro de mestre, obra intensa e simples, de symbolismo facil, que o sentimento gerado pela contemplação basta para explicar. Sob a ramagem desguarnecida e ingrata de uma grande arvore coroando um monticulo, no meio de uma longa, larga paizagem de linhas fugientes, desoladoras, fechada ao fundo

pelo mar immenso, estão dous homens parados. Um d'elles, já entrado em annos, alquebrado e ferido, deixou-se cahir por terra entre as raizes da arvore e de cabeça pendida, bocca amargurada e olhar perdido, prostado de fadiga e de miseria, scisma desalentadamente. O outro, moço e inquebrantado, mostrando no corpo nua musculatura athletica do homem da grande actividade physica, conserva-se de pé, em postura erecta e firme, correndo o olhar indagador pelo horizonte. São os Descobridores da terra incognita, os inquietos, os corajosos, os ainda mais curiosos que ambiciosos aventureiros antigos, os vagabundos heroicos do mar mysterioso que sempre, acossados pelos Destinos, erravam longos annos sobre as aguas infinitas :

... multosque per annos
Errabaut, acti factis maria omnia circum.

Como dos seus navegantes diz o sonoro Mantuano. São os antepassados do periodo legendario, os reveladores da terra americana á civilisação, os iniciadores da creação de um mundo. Por isso, sobre aquelle monticulo descarnado e inhospito, entre a paizagem erma e desolada e defronte da vastidão do oceano, as figuras dos companheiros perdidos de Cabral ou de Martim Affonso crescem de vulto e se impõem á memoria visual como representações de personagens typos nos poemas épicos. E só agora me occorre que, para ser bem feita esta noticia, seria preciso estudar na obra pittoresca de Belmiro a sua tenção poetica e analysal-a e criticar o artista com o poeta. Fica o ensaio para mais tarde quando elle tiver ajuntado mais cantos ao seu poema graphico e definido completamente o estylo das suas creações. Até lá já se póde affirmar que o mestre dos *Descobridores* é um pintor formado, a quem só faltará occasião de se manifestar livremente em composições decorativas, se a penuria publica entre nós chegar ao ponto

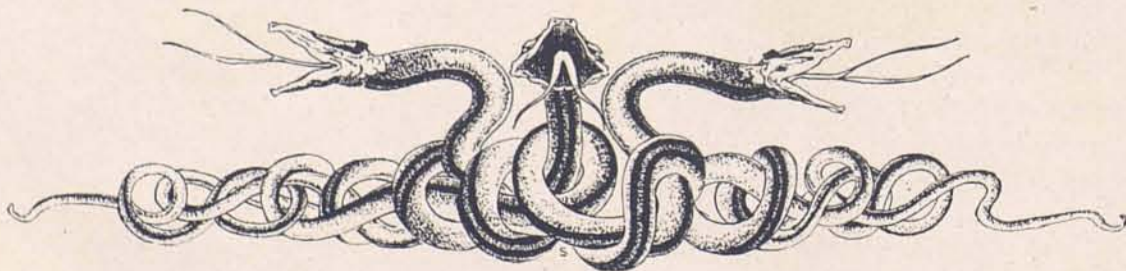


Os descobridores.
Estudo de cabeça.

de seccarem as tintas na palheta dos nossos artistas. Essa apreensão sombriamente pessimista desaparecerá, porém, deante da luz clara e serena das télas do amavel e sempre alegre e esperançado mineiro do Serro.

Pariz, Marco de 1889.

DOMICIO DA GAMA.



FÉLIX FAURE

FÉLIX FAURE, sexto presidente da terceira Republica franceza, não foi de certo um grande homem, mas foi um cidadão notavel, o que já é muito na epocha niveladora em que vivemos.

Disse-se no universal necrologio, que seguiu a sua morte subita, que elle fôra um vivo e salutar exemplo de democracia. Não creio. Penso antes que não seria facil encontrar typo mais perfeito e completo da burguezia actual, aristocratica e conservadora. Os paes de Felix Faure eram operarios, é verdade, mas quando este nasceu, na modesta alcôva de um *faubourg*, já uma certa prosperidade reinava em torno do seu berço, e quando depois brincandô entrou na officina de seu pae, logo se habituou a ouvir os trez ou quatro operarios que este dirigia chamarem-lhe o *filho do patrão*.

D'essa epocha nascem as aspirações fidalgas de Felix Faure; uma visinha, lembra-se tel-o visto já todo aprumado e cuidadoso. Mais tarde na escola dos frades de Beauvais e depois no Lyceu esta feição burgueza desenvolveu-se na camaradagem com os filhos dos negociantes ricos e dos fidalgos de provincia. De volta a Paris, seu pae, espirito pratico, fel-o frequentar a escola Pompée que preparava para o commercio e industria, e mandou-o depois passar dois annos em Inglaterra para se aperfeiçoar na lingua d'este paiz.

Vê-se quanto a educação de Felix Faure foi diferente e superior á dos outros operarios e como, já n'essa epocha, tudo lhe facilitava a vocação e desenvolvia a intelligencia.

Assim preparado, Felix Faure entrou como empregado no armazem de pelles, que um amigo do pae tinha na rua Moneconseil. Ao fim de poucos mezes, tendo percebido quanto este negocio era rendoso, quiz estudal-o a fundo, pensando já estabelecer-se, de futuro, por sua conta. Para isso partiu para Amboise onde entrou n'uma fabrica de sola e durante dezoito mezes trabalhou, como operario, na ardua e suja tarefa de curtir pelles.

Este foi o periodo da sua vida que deu ensejo ao *reclame* democratico feito ao seu nome; o retrato do curtidor Felix Faure, de avental de couro e de tamancos, não pouco contribuiu para a popularidade do Felix Faure presidente da Republica.

Ora este periodo foi transitorio e voluntario, com o fito louva-

vel de aprender a fundo uma industria a explorar — com razão identica á que leva o engenheiro de caminho de ferro a exercer durante mezes a profissão de fogueiro — mas não por necessidade de existencia, nem por sympathia libertaria.

Não. Mal a aprendizagem acabara, já Felix Faure partia para o Havre e logo depois se estabelecia de sociedade com um hollandez e muito pacatamente começava a fazer a sua fortuna.

O pezadello operario tinha passado e agora surgia o sonho de cada burguez feliz: a situação politica.

Não lhe foi difficil realisal-o.

Commerciante prospero e honesto, moço intelligente e activo, de maneiras e habitos elegantes, socio dos club de sport, membro de varias associações onde a sua instrução pratica para logo lhe facilitava logar preponderante, Felix Faure não tardou a entrar na carreira politica, que encetou pelo cargo administrativo de *adjoint au maire* do Havre. Por esta epocha, 1870 rebentou a guerra, Felix Faure, collaborou então com uma actividade surprehendente na fortificação da cidade, organisou corpos de voluntarios e, tendo sido nomeado chefe de batalhão, combateu valorosamente merecendo em 1871 a medalha de cavalleiro da Legião de Honra. As suas convicções republicanas e a propaganda que d'ellas fazia não tendo agradado a M. de Broglie, Felix Faure foi demittido do cargo que occupava o que naturalmente, só ser-

viu para crear-lhe maiores sympathias e mais larga influencia.

Félix Faure apresentou-se como deputado, mas não tendo sido eleito, voltou ás viagens seu prazer dilecto e durante annos percorreu o mundo, mandando regularmente á Camara do Commercio do Havre e ao governo, relatorios e memorias sobre a industria e desenvolvimento dos paizes que atravessava.

D'este modo a sua lembrança continuou no espirito dos conterraneos e de anno para anno se avultou com os serviços prestados pelo patriota ausente.

Por isso quando em 1885 Faure se apresentou de novo ás eleições de deputado, os suffragios dos seus amigos do Havre deram-lhe uma maioria enorme e significativa.

No parlamento a sua carreira foi obscura e banal apenas uma ou duas vezes se salientou por discursos em que não se revellou



Félix Faure a cavallo.

Segundo uma photographia feita em 1898.

orador, mas em que de novo patenteiou o caracter pratico de seu espirito e um conhecimento profundo das questões commerciaes e maritimas. Collaborou tambem na maior parte das leis operarias promulgadas n'estes ultimos tempos.

Feito secretario de estado em 1882, não tardou a preponderar no ministerio e como as suas aptidões para o commercio maritimo e as relações com os armadores lhe davam n'este ramo uma incontestavel autoridade, foi em breve nomeado ministro da marinha, cargo que desempenhou brilhantemente até á data da sua nomeação inesperada á presidencia da Republica.

De Felix Faure presidente pouco ha que dizer que sobejamente não esteja conhecido.

A sorte quiz que elle fosse o heroe de grandes factos politicos que outros tinham preparado.

As festas da alliança franco-russa marcam indubitavelmente uma data memoravel na historia da terceira republica e a ellas ficará eternamente ligado o nome do presidente Faure.

Mas, se este facto politico realça por um lado a figura do presidente, por outro faz-nos ver quão representativo foi o papel que desempenhou em tão grande occasião.

O destino, ordinariamente cego e injusto, acertou d'esta vez na escolha do personagem que teria de incarnar-o; e se, para os preliminares da alliança d'estes dois grandes povos da terra convinha a fria e scientifica reflexão de Carnot, para as pompas que deviam consagrar tão faustoso acontecimento quadrava a esterioridade decorativa de Felix Faure.

O seu prestigio vinha em grande parte d'essa causa futil para a gerencia dos negocios politicos mas até certo ponto indispensavel nas relações internacionaes, principalmente quando se representa uma republica burguezia e conservadora.

Se Félix Faure nem sempre esteve a altura das graves questões que agitaram o seu paiz, é inegavel que nem uma só vez desmereceu do protocolo. Afóra este lado absorvente da sua modalidade, Felix Faure era um

grande patriota, no sentido nobre da palavra. A sua affeição pelo exercito porvinha d'ahi e todos os que viveram na sua intimidade affirmam que o presidente nada descurou para o engrandecimento e força da nação. A defeza nacional era a sua preocupação constante como sobejamente provava a assiduidade infatigavel com que seguia as manobras, exercicios militares e navaes.

Felix Faure intimo era em extremo lhano, e agradável. Bom e despretencioso tinha ao mesmo tempo o trato fino e superior. A educação vasta, as numerosas viagens e as relações que soubera angariar e manter na alta sociedade da França, Russia, Inglaterra, Belgica etc., davam á sua palavra um interesse particular que a sua bonhomia transformava n'uma agradável conversa esmaltada de aneddotas e phrases de espirito.

Muito trabalhador, levantava-se ás cinco horas da manhã e a sua actividade quotidiana admirava os seus mais dedicados colaboradores.

De uma saude que parecia de ferro e que lhe aprumava a estatura de colosso, Felix Faure adorava os *sports* de que fôra um fervente adepto na mocidade. Ainda n'estes ultimos tempos fazia longos passeios a cavallo sem revelar a menor fadiga e durante as viagens presidenciaes que com frequencia emprehndia mostrava uma energia e um vigor que o sequito esfalfado lhe invejava.

Felix Faure adorava a caça e era um merito caçador. Todos os annos, nos esplendidos bosques de Rambouillet que pertencem ao estado e que fazem parte das regalias presidenciaes, Felix Faure organizava



O ultimo retrato de Félix Faure.



O cortejo funerario passando nos campos Elyseos.

interessantes *battues* muito concorridas e apreciadas de todos os convidados do Elisêo. Muitas vezes também ia caçar nas terras de seus amigos que gabavam a sua extraordinária pontaria uma das melhores de França.

Na viagem que fez á Russia, no meio das festas mais somptuosas e admiráveis d'este século Felix Faure soube guardar, como que predominando todo o caracter official e solemne da recepção, uma franqueza e sem cerimonia que lhe adquiriram não só a amizade da familia imperial como a estima dos altos funcionarios e as sympathias do povo alliado.

Um jornal russo, o mais importante quotidiano do imperio, disse por essa occasião, que Felix Faure representava admiravelmente a sua raça e o seu povo, porque era forte sem arrogancia, intelligente sem petulancia, delicado sem affectação, lhano sem hypocrisia, elegante sem ser ridiculo, bondoso sem fraqueza, eloquente e engraçado sem esforço nem vaidade; que acima de tudo adorava a terra e o ceu da sua patria, as mulheres bellas e as creanças louras, o vinho e as flores, os versos de Hugo e a musica de Gounod, e que apesar dos laços constitucionaes que o prendiam ao seu cargo fallava com enthusiasmo das grandes ideias libertarias de futuro.

A morte arrebatou-o subitamente, fulminantemente, quasi sem soffrimento. E até no derradeiro instante, este afortunado foi um eleito da sorte, que guarda para os seus a agonia breve.

Se nos ultimos momentos a vida inteira resurge intensamente, como vivo clarão de lampada que se apaga, Felix Faure adormeceu tranquilamente para a eternidade, como homem para quem a vida laboriosa e proba foi uma serie crescente de successos, desde o atelier obscuro de um *faubourg* de Paris, até á sumptuosa residencia do Elisêo.

Sobre o seu tumulo raso do cemiterio do Père Lachaise, amontoam-se n'um *bêlé-mêlé* egualitario as flores democraticas e as

palmas dos grandes soberanos do universo; ao lado da simples corôa de perpetuas dos trabalhadores, a magnifica guirnalda de flores raras do Imperador Guilherme de Allemanha, junto á cruz



A EXPOSIÇÃO DO CORPO DE FÉLIX FAURE

No grande salão do Palacio do Elisêo.

em vidrilhos das mineiros a palma de oiro do Czar e a *gerbe* da rainha Victoria, como se a cova d'este homem symbolisasse o fim de todas as gerarchias sociaes e significasse na suprema egualdade da morte a futura egualdade da vida.

LUIS SERRA.





DE GRÉVY A LOUBET

O DESTINO inclemente faz decididamente pesar sobre a presidencia da França uma negra e cruel fatalidade Desde 1887 que os titulares d'esse alto posto são implacavel-

preparava-se a gosar de um bem merecido repouso pela breve conclusão do seu septenato presidencial.

A assembléa nacional, ainda toda emocionada pelo assassinato



SADI-CARNOT
(1887-1894)



JULES GRÉVY
(1879-1887)



CASIMIR-PÉRIER
(1894-1895)

mente banidos do palacio do Elyseo, sem conseguirem terminar o periodo de governo fixado pela constituição da Republica.

O snr. Julio Grevy, respeitavel e bom papá presidencial foi apezar do seu legendario agarramento ao poder, forçado a demittir-se em nome do supremo principio que a mulher de Cesar nunca deve ser suspeitada. A celebre questão das condecorações cujo principal responsável era um dos seus mais proximos parentes obrigou esse velho e ambicioso burguez a abandonar um cargo o qual com toda a honestidade, justiça lhe seja feita, elle tão bem soubera converter n'uma inefavel e rendosa situação.

A violenta campanha da imprensa, a indignação do parlamento e a revolta da nação contra os negociantes da ordem nacional da Legião de Honra explodiu n'um desabafo de moralidade nomeando Sadi-Carnot depositario da alta magistratura do paiz.

Ficou universalmente conhecida e popularisada a bella e decorativa figura, d'esse correcto e probó cidadão que, com tanta dignidade soube representar a França deante do estrangeiro e com escrupulosa imparcialidade foi o arbitro supremo da sua politica interior durante mais de seis annos.

O tragico acontecimento de Lyão que encheu o mundo de uma sincera tristeza, roubou á patria um dos mais dedicados dos seus filhos e a uma nobre e distincta familia o mais affectuoso dos paes ; justamente, quando esse magnanimo homem,

do estimado Presidente, elegeu ao supremo cargo, para substituil-o Casimir Perier, estadista de prestigio e talento, e cuja reputação de energia e independencia, o consagrava como o homem necessario.

Os mysterios da politica fiseram d'esse republicano aristocrata um presidente ephemero, que no fim de alguns mezes dava inesperadamente a sua demissão, por motivos que até hoje se ignoram. O neto do grande ministro de Luiz Fillipe, não esteve para massadas e não querendo ser um Presidente de parada desembaraçou-se do penacho com a mesma sem cerimonia que um simples mortal atira de lado as botas que o impedem de caminhar. A historia registra que na curta experiencia á qual sua excellencia sujeitou-se ficou bem provada a sua annunciada independencia e inflexivel energia.

A demissão causou uma geral estupefacção e essa misteriosa retirada extravagantemente commentada pelo mundo parlamentar ainda mais o foi pela opinião publica, nem de leve preparada para essa inesperada mudança.

Mais uma vez, no breve espaço de seis mezes, foram convocados em Versalhes o Senado e a Camara e apoz uma tempestuosa sessão na qual o estadista Dupuy, parecia ser o favorito do dia, a Assembleia nacional acclamou por surpresa o nome de Felix Faure como Presidente da Republica.

Abre-se então para a França democrata uma era de fausto, larguezas e viajens triumphaes.



FÉLIX FAURE
(1895-1899)

O antigo curtidor de couros do Havre que elevou-se pela tenacidade e trabalho até as alturas que causam vertigens, e cuja morte repentina provocou tanta emoção no paiz e no estrangeiro, era, na verdadeira acceção da palavra o perfeito typo do burguez intelligente e duplamente *raffiné*. Esses quatro annos decorridos foram para o governo da França um cyclo luminoso que se o destino não tivera enluctado, se terminaria pela apothese de Guilherme II visitando a exposição de Paris e recebido com honras reaes no palacio de Felix Faure, cercado de camareiros em calções de seda e espadachim ao lado.

Modestissimo operario de provincia aos vinte annos de idade, acabou aos cincoenta offerecendo recepções grandiosas aos soberanos e principes e terminou a sua carreira, sellando com o mais autocrata dos Imperadores, em meio de festas e de abraços a alliança poderosa que transformou a politica do mundo. Ninguem excedia no bom gosto e na ostentação esse burguez que, verdadeiro privilegiado da sorte conseguiu fortuna, honras e a mais brilhante e invejavel carreira politica. O seu amor pela grandesa e pelo luxo era illimitado e desde a sumptuosa residencia de millionario que fisera construir em meio de um bellissimo parque nas immediações do Havre até aos quatro vastos salões do Elysée que por sua ordem foram ricamente mobilados e ornamentados para servirem de imponentes antecamaras, impressionando assim os grandes personagens que em visitas officias eram forçados a atravessal-os para chegar ao quinto e ultimo onde thronava o Presidente da França.

Em toda a sua vida, a mais fidalga generosidade dictou os seus actos e quer como commerciante no Havre, politico em Paris e Presidente no Elysée, Felix Faure foi um verdadeiro faustoso, apaixonado convicto da etiqueta e das grandes ceremonias.

Somente na sua existencia os dous contrastes da vida foram pequenos e insignificantes; o seu berço e o seu tumulo. Em um segundo andar que dá sobre o pateo de uma modestissima casa de um quarteirão operario de Paris, nasceu o futuro chefe d'Estado, que acaba de fallecer e na vasta necropole do Père Lachaise, perdido nos confins de uma ruella, sem importancia uma simples pedra tumular cercada pela pequena grade banal, constitue o jasigo da familia Faure.

No dia seguinte aos funeraes quando os Embaixadores extraordinarios, acompanhados de uma peregrinação de duzentos mil parisienses, foram prestar as ultimas homenagens ao morto, a decepção foi grande e completa ao depararem com a mesquinha sepultura do presidente; e a população desillusionada, não comprehendia a imprevidencia d'aquelle que tanto gozou da vida ao ponto de esquecer-se da morte.

O Snr. Felix Faure começou a carreira politica como conselheiro municipal e presidente da associação commercial do Ha-

vre. Mais tarde eleito deputado, representou em muitas legislaturas essa circumscripção; ministro da marinha no gabinete Dupuy em 1894 foi eleito presidente da Republica em 17 de Janeiro de 1895.

Quarenta e oito horas depois da sua morte o congresso de Versalhes reunia-se novamente para proceder a eleição presidencial. O estado d'espírito que domina actualmente os partidos em França não presagiava uma solução tranquilla para essa crise nacional. Julio Meline e Emilio Loubet foram os candidatos designados pelas maiorias das Camaras. O primeiro, politico violento e autoritario segundo disem, era o homem apontado para abafar se possivel fosse a questão Dreyfus; o segundo, pacifico e conciliador presidente do Senado, não deixou de ser vivamente combatido pelos antirevisionistas que já o accusavam de ser a creatura do Sr. Clemenceau o infatigavel adversario do Estado Maior.

O resultado final elege-o por uma grande maioria, sendo o Chefe do Senado aclamado como o setimo presidente da Republica Francesa.

Ao responder ás felicitações dos seus amigos o Sen^r Loubet declara que sacrificava-se ao serviço da patria, pois não ignorava que a partir d'aquelle momento começaria o seu calvario.

Obscuro advogado de Montelimar, seu paiz natal, o actual presidente da Republica é como o seu antecessor de modestissima origem. Tambem começando pelo conselho municipal o Sr. Emilio Loubet foi deputado, senador, ministro e presidente do senado o que é considerado em França como o mais provavel substituto do Chefe do Estado. Em 1892 era ministro da Justiça com o grande estadista Constans e durante esse ministerio foi que agitou-se a celebre

liquidação do Panamá que tanto comprometteu o parlamentarismo da Republica. O ministro Loubet guardou a maior correção e probidade, agindo imparcialmente e procurando sempre conciliar os partidos radicaes que faziam d'essa questão um elemento dissolvente e desmoralizador da actual forma de governo.

Não nos é possivel encontrar no inicio da administração dos seis antecessores de Sua Ex^a uma mais frisante e inexplicavel prevenção como foi aquella que acolheu o actual Presidente entrando em Paris, de volta do Congresso de Versalhes. Dir-se-hia o preludio de uma verdadeira revolução politica, protestando contra o eleito das camaras, e ao espectador imparcial, parecia-lhe, que a hora fatal dos grandes acontecimentos estava bem proxima. Mas assim não foi e toda essa fumarada em meio da qual agitava o povo não era mais que um movimento superficial provocado pelo estado de nervosidade em que se acham os partidos em França desde o começo da campanha Dreyfus.

Mas força é confessar que foi n'um momento verdadeiramente difficil que Sua Excelencia o Sen^r Emilio Loubet deixando a tranquilla e prestigiosa direcção do Senado herdou a pouco invejavel e não menos ingrata posição, de Hospede do Elysée.

M. BOTELHO.

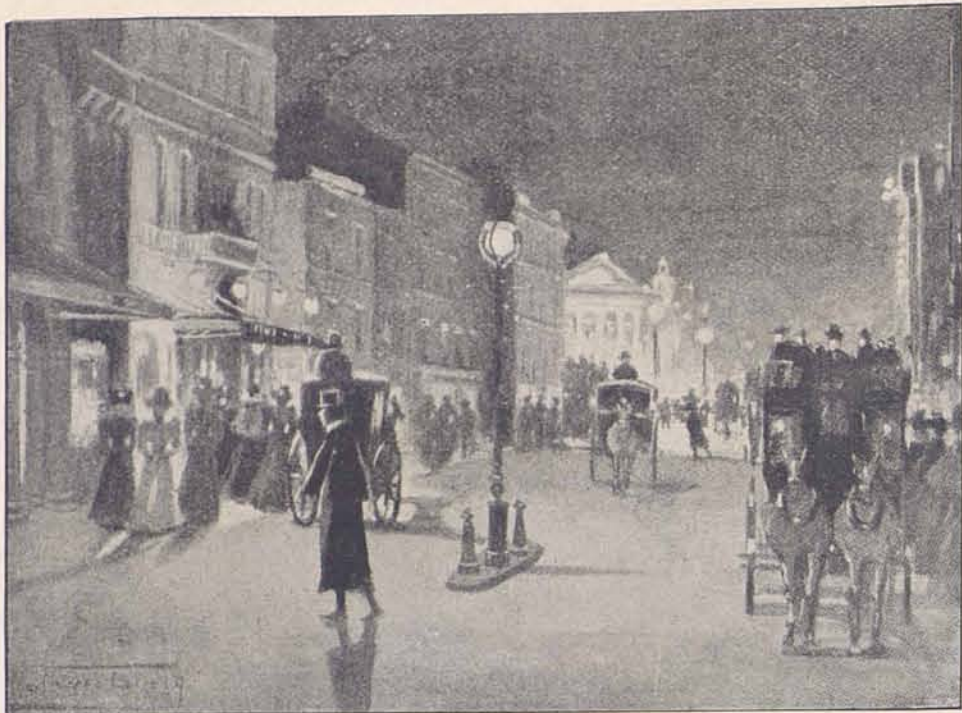


ÉMILE LOUBET

Actual Presidente da Republica Franceza.

HORAS DE TEDIO

A M^le Joaquina Ferreira Cardoso.



PARA fugir a tristes pensamentos corro as ruas no meio do borborinho, e acotovelo os que passam n'uma hallucinação de crime commettido. Encontro gente que me cumprimenta e que eu nunca vi.

E' um domingo. As ruas estão cheias de gente que passeia. Ha caras sinistras que sorriem com um sorriso cheio de fel, arregaçando os labios.

Chalram creanças n'uma algaravia doce e suave com um côro. Porque olham para mim?

E' cruel esta insistencia. Tenho vontade de chorar e vergonha de o fazer, no meio da alegria dos outros que me escorraçam do seu gremio feliz e aconchegado.

N'esta pualha outomnal que cae do céu doirado sobre as arvores despidas, falla uma continua melancolia de tysicas que morreram por esta hora, n'um soluço, com as faces violetas voltadas para o céu.

Porque ha de haver sempre na natureza ruidosa um traço de saudade e de angustia que nos deixa absortos e desprendidos da vida que em volta de nós escorre, n'um caudal de seiva?

E' o minuto em que lemos os soffrimentos secretos e os intimos pezares no rosto dos que passam.

Uma mulher fina como lyrio, que tem a linha augusta de uma belleza patricia, tem um riso que faz lembrar um chôro, alguma coisa no fundo de uns olhos que são abysmos de dôres.

O que se passará, santo Deus, na alma dos que riem por fóra?

* * *

Hoje a cidade está triste como um dia de enterro. Ha uma luz difusa e uma pulchra cadencia no ramalhar das arvores. Dir-se- hia que se espera de momento a momento um luto que pese nos corações ou um cataclismo que abysme n'um sorvedoiro homens e coisas?

Hoje, sim, comprehendo hoje a cidade. Eu choro porque não ha de ella chorar commigo? Ha mesmo uma alegria egoista em mim; os que passam curvam a cabeça como se os açoitasse um aguaceiro de desgraças e olham-me com um ar de commiseração. Compreenderão a minha dor?

Encontrei um rancho de petizes, em linha de dois, com uma precoce, melancolia nos rosados labios, physionomia pouco aberta a expansões. Não palram os louros pequeninos que eu adoro; a sua mimica infantil é pouco treguitada, é grave — conselheirinhos de calção e bonné á marinheira.

Na nuvem que escurece o ar, este ar cansado e absorto, a quem parece que fizeram mal, pesa um mau presagio que desaba como uma grande cupula de zinco e fecha os horizontes.

Ninguém sorri. Eu creio que se chora pelos cantos; parece-me ouvir gemidos das olaias, roxas de dôr, na viuvez dismantellada da acida paysagem; parece-me ver Deus n'uma nuvem côr de sangue, espalhar ás mãos cheias as angustias, n'uma raiva feroz.

Quem me tira este peso de cadaver que me afoga e me

estrangula? Suito ranger-lhe os ossos que riem n'um chocalhar de troça doida, com estalidos de castanholas, n'um baile á luz d'um ponche, Vejo-lhe os dentes a triturar a felicidade dos outros, rasgando-a em farrapos...

Porque não ha-de a Morte ser alegre, ou vestida de noiva, com um sorriso calmo, perfumada e casta?

* * *

Sob a chuva que cae desde manhã e alaga os caminhos, a boa velha, embrulhada no chale curva a cabeça, e estuga os passos. Vejo-a por dentro da vidraça, enrugada e adunca, com uma luz sinistra nos olhos enterrados.

Pára depois de porta em porta, com o ouvido á escuta. Parece palpar o riso e o chôro, a alegria e a dôr, franzindo a bocca secca.

Móra aqui defronte um par feliz que casou hontem. A Noiva briu já as janellas ao ar frio da manhã, e os seus olhos côr de céu olham para o nevoeiro d'agua que tece sobre a cidade uma longa teia de diamantes.

Pensa talvez na felicidade que a espera uma vida inteira, sem pesares que lhe torturem a alma, n'um clarão de sol rútilo sobre doirando os seus sonhos; e parece extactica ante o agoiro da chuva persistente que franja de pequeninas gottas o rebordo da janella.

Na rua deserta, só o vulto da velha silhueta o ar baço. Parece descontente a avaliar pelos guingrias escondidas.

Os seus olhos encontram os olhos azues inundados de felicidade da Noiva matutina e um clarão lhe fez torcer os labios n'um esgar.

Ella empallideceu, mais branca que a espuma do seu roupão. E no grito dilacerante que a fez cahir desamparadamente para traz, n'um estertor de morte, iam-se todos os seus sonhos embrulhados na alva tunica do nevoeiro.

Corre, contente, a velha. Que lhe importa a chuva, se desfez um ninho? Outros virão e outros que o seu olhar de abutre derribará, n'uma alegria insana.

Porque não olhaste antes para mim?
Meu corpo morto já não tem uma alma para viver. Chorar a felicidade perdida não será pedir a morte a altos brados?

DOMINGOS GUIMARÃES.





TRIUMPHO D'AMPHITRITE

Quadro original de Simonidy.

(Collecção do musêo de Birmingham, Inglaterra.)

163



As Filipinas e os Filippinos

Os americanos do norte estão praticando n'este momento um crime no archipelago das Filipinas. Cegos pela exaltação d'um sonho de politica colonial e a perspec-



AGUINALDO,

Presidente da republica das Filippinas.

tição de novas conquistas e de novas anexações, pizam a pés juntos todo um passado glorioso, cheio de tradições d'independencia e de liberdade. A maior democracia do mundo, após um seculo de *self-governement* quer rebaixar-se ao papel da bismarkiana Prussia conquistadora.

As forças americanas tinham ido ás Filipinas para libertar aquelle povo do jugo hespanhol e para restituir aos filippinos a liberdade que tanto ambicionavam. Assim o promettera solememente Mac Kinley ao patriota Aguinaldo. E no fim de contas, essa ajuda dos yankees era uma mal disfarçada guerra de conquista. E os filippinos que tinham escapado ao jugo hespanhol vão cair amanhã sob as garras dos hypocritas salvadores e ambiciosos conquistadores.

Será esta politica nova d'annexações bastante favoravel á grande republica? Não será a causa de futuras com-

plicações bastante graves, tanto no exterior como no interior! Talvez, — sobretudo quando acabamos d'escutar a voz do senador de Massachusetts, o snr. Hoar que, com todo o desinteresse e com toda a coragem, protesta contra a nova direcção que a politica americana está soffrendo, em opposição ao espirito e á letra escripta da constituição.

Hoje a situação é clara.

Os filippinos que sacudiram o jugo hespanhol, não podiam sujeitar-se de novo a outra nova tyrania, embora com ares mais civilizados; e depois de terem a certeza que os americanos faltavam á palavra dada, romperam as hostilidades. A guerra santa foi declarada. Aguinaldo, o heroe patriota, atirou-se com 20 mil tagalos contra as forças dos generaes americanos Dewey e Otis. E' uma lucta sem quartel, como o deseja o governo do Matolos, o da Republica Federativa das Filippinas e o governo de Washington, dos hypocritas protestantes que menti-

ram mais uma vez quando declararam ao mundo civilizado, após a victoria facil de Cavita :

— « O povo americano vem aqui simplesmente como campeão e libertador dos povos oprimidos pelo mau governo hespanhol ».

Toda a razão se encontra n'este momento do lado dos filippinos. E querem saber porque? Vamos a vêr como baseou Aguinaldo na sua confiança durante mezes para com os americanos.

Antes da chegada da esquadra de Dewey nas agoas de Manilha, os Estados Unidos seguros d'uma facil victoria naval sobre os navios de madeira velha da marinha hespanhola, lastimavam ao mesmo tempo que a destruição da esquadra inimiga não fosse sufficiente e bastante para obter o desejado triumpho; e por isso trataram de negociar com o chefe da revolução patriótica dos filippinos, o destemido Aguinaldo. Este acabava de firmar um accordo com o governador hespanhol, o general Primo de Rivera e licenciava o exercito revolucionario, retirando-se depois para Singapor. Foi a essa cidade que os emissarios americanos vieram procurar o chefe da revolução filippina e lhe propozeram o auxilio para um novo levantamento contra a soberania hespanhola. Aguinaldo accitou, e, logo em seguida, foi concluido um accordo baseado nas seguintes clausulas :

- 1º A independência das Filipinas seria proclamada;
- 2º O estabelecimento.

Suma republica com um governo cujos membros seriam provisoriamente nomeados por Aguinaldo;

3º Esse governo reconheceria uma intervenção temporaria de commissarios americanos e europeus designados pelo almirante americano Dewey;

4º O protectorado americano seria estabelecido nos mesmos termos e condições como elle é accite pelos cubanos;

5º Os portos das Filipinas seriam abertos ao commercio universal do mundo;

6º Seriam tomadas todas as medidas com respeito á immigração chinesa para que ella não prejudicasse o trabalho dos naturaes do archipelago;

7º O systema judicial seria reformado e em quanto se não decretasse essa reforma seriam juizes europeus competentes que se encarregariam dos julgamentos;

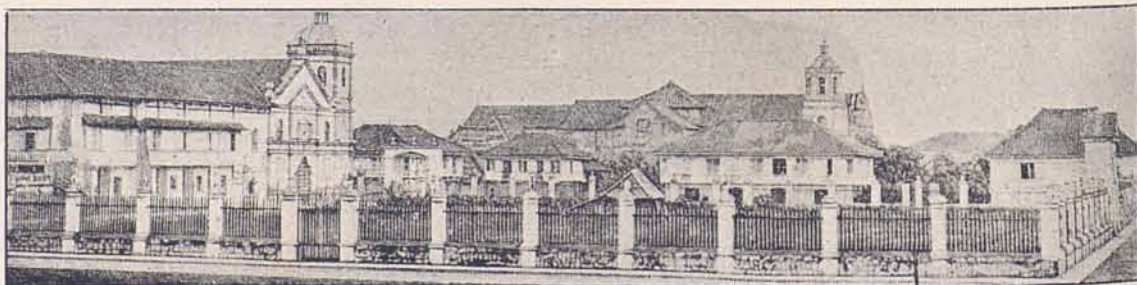
8º Seria proclamada a liberdade de imprensa e a liberdade d'associação;

9º E o mesmo com respeito á liberdade de cultos;

10º A exploração das riquezas mineraes seria regularisada convenientemente;

11º Para facilitar o desenvolvimento da riqueza publica seriam abertas á circulação novas vias ferreas;

12º Seriam abolidos todos os embaraços que existiam até hoje



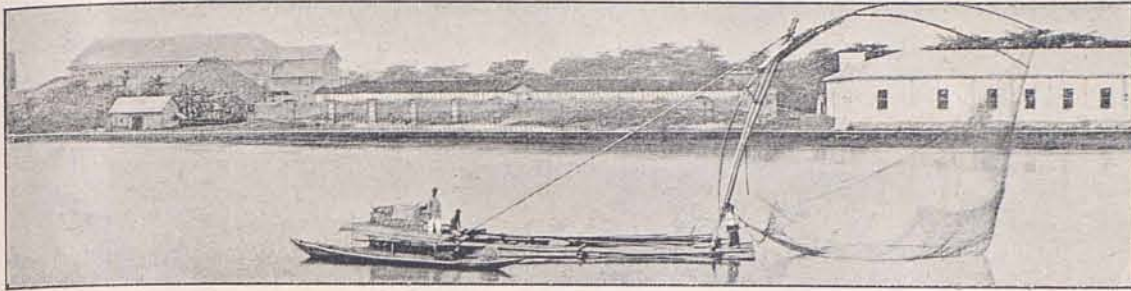
Praça da Cathedral e do convento dos Jesuitas em Cebu.

para formação d'empresas industriaes, assim como seriam abolidos os impostos que ferem os capitaes estrangeiros;

13º O novo governo obrigar-se-ia a manter a ordem em todo o archipelago e a impedir quaesquer vinganças.

Embora esse accordo não fosse assignado pelo proprio punho

de Mac Kinley, — foi approvedo legalmente com as assignaturas do consul geral dos Estados Unidos nas Filipinas e pelo almirante americano Dervey que o governo de Washington enviara a Manila para combater os hespanhoes.



Singular barco de pesca usado pelos indígenas nos rios das Filipinas.

Faltou Aguinaldo a qualquer d'esses compromissos? Não. Foram os americanos, elles só, os que mentiram e os que impudentemente rasgaram esse accordo, enviando tropas d'occupação, principiando a sondagem dos rios e lagos, decretando como em paiz conquistado e querendo explorar por conta propria os jazigos de carvão mineral e as riquezas da terra filippina.

E quaes eram pelo contrario os actos d'Aguinaldo ou do seu governo, estabelecido em Matolos? Proclamava a independencia do paiz, a liberdade de cultos, de reunião e d'associação, separava a igreja do Estado, collocava em cada cidade principal de provincia governadores encarregados de manter a ordem e assegurar a tranquillidade publica; reduzia os impostos; estabelecia um orçamento equitativo e economico, acercava-se de homens esclarecidos e liberaes, eleitos n'um congresso regular e os fazendeiros filippinos com plena confiança no chefe do governo, principiavam por toda a parte as suas plantações de canna d'assucar e de tabaco.

Eis os pretendidos selvagens que os hypocritas *yankees* hoje combatem!

Vamos historiar rapidamente os ultimos acontecimentos que leva-



Margens do rio Pasig um dos mais pittorescos arrebalde de Manilha.

ram os filippinos a pegar em armas contra os invasores americanos.

Como já dissemos as aspirações dos tagalos foram sempre alimentadas pelo governo de Washington, antes e depois da lucta com a Hespanha. Á proporção que decorriam em Paris as sessões da grande commissão para a discussão do tratado de paz,

crescia na grande republica norte americana o partido contrario á politica annexionista, tendo ao seu lado Brian, o competidor de Mac Kinley na eleição presidencial.

N'um *meeting* realisado em New-York foi lida uma carta do

ex-presidente Cleveland em que este se dizia adverso á loucura expansionista. Brin, ao mesmo tempo, escrevia aos organizadores do *meeting*, dizendo que podiam contar com elle para salvar a republica dos perigos do imperialismo, — termo modernamente applicado á politica de expansão territorial.

N'esta reunião a que adheriram muitas das mais altas personalidades dos Estados

Unidos ficou resolvido: 1º que as obrigações contrahidas pelos Estados-Unidos para com os filippinos determinam que se ajude estes no estabelecimento da ordem e da liberdade oppondo-se á annexação das ilhas filippinas como parte do dominio nacional; que



Uma fazenda no interior, casas do proprietario e dos colonos.

todos os individuos que assistiam aquella reunião eram contrarios a que a Republica abandonasse os seus ideaes de prosperidade nacional pelos ideaes europeus de conquista nacional; 3º que nem o governo dos Estados-Unidos nem o povo contrahiram, em resultado da guerra com a Hespanha, compromisso nem obrigação

alguma com a Hespanha que obrigue ao abandono da politica traçada por Washington na sua ultima despedida ao povo americano; 4º que protestavam em nome d'um povo dedicado ao desenvolvimento da sua riqueza nacional contra o prosito de n'este momento ou de futuro, se entrar em qualquer

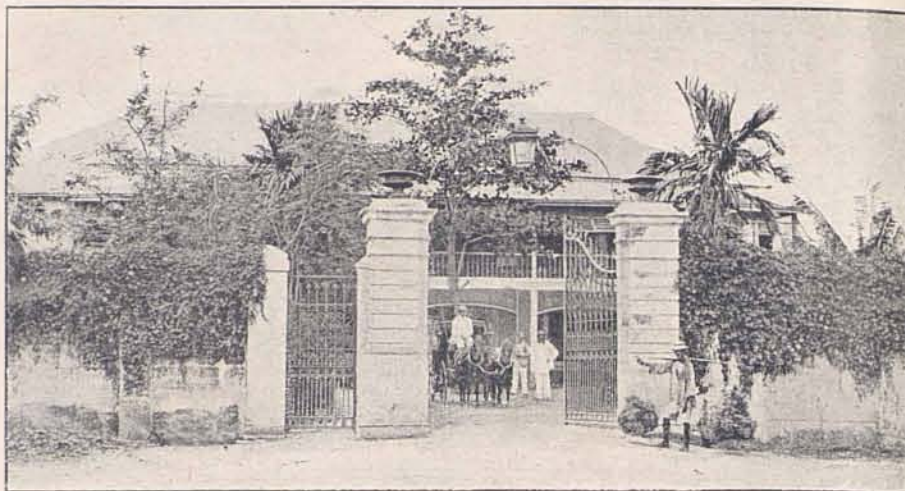
ordem de alliança com uma nação da Europa, cuja consequencia inevitavel seria a União achar-se envolvida nas questões europeas; 5º que se fizesse uma manifestação de gratidão, em nome de povo americano aos senadores Hbar, Hale, Maron e Well pela sua campanha contra a perigosa politica imperialista.

O partido antiannexionista desenvolvia-se no paiz e no proprio senado tinha e tem elementos seguros. E foi esta lucta dos dois partidos americanos que animou Aguinaldo para a resistencia. A prisão em Manilha o dentista Arevalo por o suporem auctor d'umas proclamações distribuidas entre os soldados americanos, aconselhando-os a que não se associassem á expoliação planeada pelos seus officiaes e a energica resposta do patriota filippino Lopez, presidente da confederação Visaya á proclamação hypocrita de Mac Kinley, tudo isso produziu os resultados esperados.

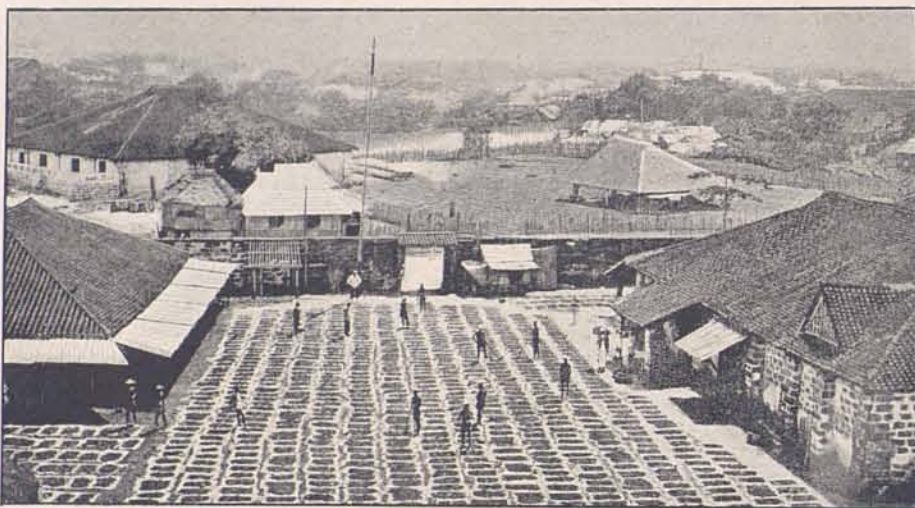
No emtanto os tagalos, embora avisados mesmo de New-York, pelo delegado Agoncillo não esperavam que o governo da grande republica Americana do Norte faltasse, com tanta deslealdade, a compromissos de honra. E, infamia que marcará para sempre a historia da America do Norte, — foram os americanos que á traição, romperam o fogo contra os tagalos!

Uma sentinella do regimento de Nebraska que estava n'um posto avançado fez fogo sobre um grupo de filippinos desarmados que vinham, como de costume, confraternisar com os americanos que elles ingenuamente consi-

metralhadora do systema Kowitzter que lançava bombas incendiarias sobre o campo inimigo. Mas horas depois, os americanos,



Palacio de um rico proprietario nos arredores de Manilha, entrada principal do Jardim.



Terreiro de assucar na provincia de Mindanao.

deravam os seus salvadores. Á vista d'esta tão inexperada aggressão, os filippinos recuaram mas um regimento yankee, durante dez minutos atirou sobre elles. Os tagalos viram-se, de repente, envolvidos n'um combate para que não estavam preparados, mas passado os primeiros momentos de surpresa, atiraram-se a valer sobre os americanos.

No dia seguinte ao d'esse rompimento de hostilidades sem haver *ultimatum* nem provocação da parte dos tagalos, estava declarada a guerra entre a Republica Filippina e os desleaes americanos do Norte. Nas primeiras escaramuças, verdadeiras batalhas, perderam os filippinos 2 000 mortos e cerca de 5 000 prisioneiros. Mas os americanos tambem soffreram grandes perdas, porque nos combates dos primeiros dias as forças de Aguinaldo eram de 18 a 20 mil homens bem armados. Os americanos tem obtido successivas victorias graças á artilheria que possuem. Mas convem notar que no combate do dia 4 de fevereiro nos arredores de Manila, os filippinos concentrados em oito bairros e bem acampados no monte de Galingatan assestaram a sua artilheria toda moderna e fizeram um fogo destruidor nas fileiras dos americanos que caíam — dizia um telegramma d'origem hespanhola, portanto pouco suspeita — como espigas ceifadas por mão de habil cegador. Ao lado da estrada de Santa Meza tinham os tagalos collocado uma

protegidos pelos cruzadores *Curcord*, *Charleston* e outros barcos de guerra começaram a bombardear Manilha e bateram em retirada os tagalos que no entretanto offereceram uma resistencia desesperada. Mesmo dentro de Manilha, as proprias mulheres filippinas apunhalavam os americanos. De resto, da bella capital do archipelago não resta hoje senão ruínas, — parte destruida pelo incendio e outra parte pelo bombardeamento dos americanos.

E eis em que se resume a : *America aos americanos!*

O que hoje tem logar nas Filippinas, deve amanhã realisar-se em Cuba.

* * *

As ilhas das Filippinas, archipelago da parte N. E. da Oceania são banhadas ao oeste pelo mar da China e ao norte fica proximo do archipelago das Molucas. A superficie total das suas ilhas é de 295,585 kilometros quadrados. A população das 43 provincias, com as suas 933 cidades e villas importantes é avaliada em cerca de 8 a 9 milhões de habitantes. Não existe comtudo um censo exacto da população porque em todas as ilhas, mesmo na de Lução, ha raças independentes onde é impossivel quasi penetrar. O archipelago,



Aldeia Indígena nas margens do Pasig, construida sobre estacas.

como já dissemos está dividido em 43 provincias, mas as principais são : Lução ao norte, Mindanao no sul ; Palaouan que forma com outras pequenas ilhas a parte occidental. Ao centro : Mindoro, Panay, Negros, Zebu, Samor, Masbate e Bohol.

D'origens vulcanicas, productos de phenomenos igneos de remotas eras, este archipelago apresenta uma cadeia de montanhas que correm em todas as direcções. A mais elevada de todas é a de Lução que se dirige de norte a sul.

Os vendavaes e tufões são aqui muito perigosos e ao mesmo tempo muito frequentes. Mas o clima das Filipinas é geralmente bom. Em Manilha, a capital, o thermometro nunca marca mais de 35 graus nem desce a + 13°. Os tremores deterra muito frequentes tambem teem destruido cidades inteiras eesses phenomenos são quasi todas elles devidos a vulcões que irrompem simultaneamente. Em 1641, a abertura de tres crateras em Lução e Mindanao ouviu-se até Cochinchina.

As Filipinas, embora não sejam tão ricas como as ilhas da

Sonda; em productos mineraes, possuem comtudo muitas minas d'ouro, de prata, de mercurio, de cobre, de ferro, d' enxofre, etc. Ha muitas fontes d'agoa mineral.

A terra é d'uma fecundidade extraordinaria para todas as culturas, mesmo as mais variadas. As colheitas d'arroz, de canna d'asucar, de café, d'algodão são de primeira ordem. Se exceptuarmos a batata, todos os legumes europeus se dão excellentemente na terra filippina. E as admiraveis bananas, as soberbas laranjas e os saborosos ananazes! E' o torrão abençoado para todas os vegetaes, sobretudo dos climas tropicaes, as pimenteiras e a arvore do açafrao. As plantas medicinaes são prodigiosas. Ha uma abundancia enorme de vegetaes de filamentos, proprios para serem tecidos. Nas florestas filippinas não ha animaes gigantescos, mas em com-

penção, extraordinaria quantidade de macacos, de porcos montezes, veados, gatos selvagens etc., e sobretudo de bufflos. E' tal a quantidade da raça cavallar que em muitas povoações ha 3 cavallos por cada habitante.

Em todo o archipelago ha muitas serpentes, desde a boa e o pythão até á vibora. Tambem se encontram aqui, em abundancia os insectos da ilha de Sonda e os passaros de lindas plumagens das ilhas hollandezas da Oceania.

As ilhas Filippinas foram descobertas pelo portuguez Fernão de Magalhães, ao serviço

Legaspi foi investido pelo rei de Hespanha com o titulo de governador geral das Filippinas e fundou no mesmo anno a cidade de Manilha.

Durante os primeiros tempos, o archipelago foi alvo dos ataques dos piratas japonezes e chinezes, mas sempre repellidos com valor pelos hespanhoes. No seculo XVII, os chinezes estabelecidos na ilha de Lução revoltaram-se contra a auctoridade da Hespanha, mas essa insurreição foi promptamente reprimida, n'um banho de sangue, com um requinte de crueldade inaudita.

Em 1762 uma esquadra ingleza apode-rou-se de Manila, mas o grande Andra levantou o patriotismo da população indigena e os inglezes foram corridos da ilha, dois annos depois. D'então para cá, — até aos nossos dias, isto é, até á

victoria dos americanos, as ilhas do vasto archipelago continuaram sob o dominio hespanhol. N'uma tranquillidade perfeita? Não, positivamente. A agitação separatista fazia-se por vezes sentir. Os mulatos, os mestiços e os creolos detestaram sempre o governo explorador da metropole.

Em 1823 houve uma grande revolução patriótica do elemento indigena que reclamava a independencia da ilha. Novales pagou com a vida a sua dedicação á causa da liberdade e da independencia. Mas o sangue derramado então, não cahiu em terreno improductivo. Setenta annos depois resurgiam Rizal e Aguinaldo, — o primeiro covardemente assassinado pela Hespanha, ainda ha dois para tres annos e o segundo, vencedor de Primo de Rivera, bate-se hoje, de novo pela independencia de sua patria que os yankees pretendem annexar e conquistar a ferro e a fogo.

Nas Filippinas ha muitas raças aguerridas que sempre detestaram os elementos europeus ou d'origem europea: são os tagalos e os bissayas, que parecem descender dos malaios, fallando idiomas diversos; os papus que são quasi selvagens, vivendo nas montanhas e nas florestas, e os gyrorotes quasi da mesma raça, mas mais doces e mais humanos. Convem não esquecer os indigenas das ilhas orientaes, os crueis bottas, indomaveis e terribes guerreiros.

Os hespanhoes governavam as Filippinas pelo terror e, como em Cuba, exploravam os pobres indigenas que se não podiam queixar, atemorizados diante da auctoridade indiscutida e indiscutivel dos capitães generaes sem *contrôle*. O arcebispo de Manilha, chefe espiritual, esse era completamente independente da auctoridade civil; mas as ordens religiosas, mais ou menos independentes do arcebispo tinham nas



Grupo de indigenas. Trabalhadores das minas de ouro.



Typo de Rapariga
Provincia de Lução.



Typo de Mulher
Provincia de Mindoro.

da Hespanha, em março de 1521. O celebre navegador, rival de Vasco da Gama e de Pedro Alvares Cabral, morreu no mesmo anno, victima dos ferimentos que recebera n'um combate com os indigenas de Zebu, — uma das ilhas d'este archipelago a que elle primeiramente dera o nome de São Lazaro. A obra de conquista de Magalhães foi continuada e firmada em bases solidas. Em 1561,

suas mãos todas as parochias do archipelago e muitas vezes o padre-cura exercia conjuntamente as funções d'administrador civil, commissario de policia, juiz, em fim, o senhor supremo, o tyranete da villa ou logarejo.

Essas ordens religiosas cheias de dinheiro, verdadeiras sansugas do pobre indigena, eram profundamente detestadas por causa

das injustiças, das infamias e dos seus revoltantes abusos d'auctoridade.

A historia das congregações religiosas n'esse archipelago dava assumpto para um longo artigo, curiosamente documentado. Mas falta-nos agora sobretudo a obra do Dr. Rizal, o martyr da liberdade filippina, livro que n'este momento se imprime em Paris e que de ve ser posto á venda, muito em breve pela livraria Stock, da Place do Théâtre Français, em Paris. E' n'esse trabalho em dois volumes: *Au Pays des moines* — que melhor podemos estudar a historia da



Rapariga do Interior empregada no trabalho das fazendas.

escavidão do povo filippino, sob o dominio hespanhol.

Como é que os frades recoletos, franciscanos, dominicanos, agostinhos, do Coração de Jesus e jesuitas tratavam os filippinos? Basta transcrever o que sobre elles escreveu um dos jornalistas mais notaveis de Hespanha e ao mesmo tempo, um conservador d'alma e coração. Depois de nos contar a maneira como os jesuitas sabiam captar as sympathias do indigena para depois melhor o explorar, falla-nos das outras congregações :

« As outras ordens religiosas são muito diferentes em tudo. Os seus conventos são palacios sumptuosos dignos da moradia de principes ou grandes aristocratas. Teem vastas e riquissimas fazendas que mais parecem vivendas encantadas : jardins deliciosos, verdadeiros paraizos sobre a terra com formosos lagos povoados de peixes os mais raros ; tanques e fontes com estatuas allegoricas d'artístico lavor ; bosques frondosos e alamedas d'altas e copadas palmeiras. Vivem rodeados d'uma numerosa criadagem, com coches luxuosos e cavallos da



Rapariga mestiça, em trajo nacional.

mais fina raça. Os frades andam vestidos de habitos brancos de linho fino e algodão tecido com seda ; usam chapéu de rico castor, andam armados de revolver e punhal, levando na mão uma vara de bambu, a qual descarregam sem misericordia sobre qualquer filippino insubmisso.

Um viajante conta tambem:

« Nunca me esquecerei do que uma vez eu vi em Panganisam. Era o dia da festa do santo da freguesia e o cura convidou para assistirem á solemnidade uns 30 frades da ordem dos franciscanos recoletos. A funcção da igreja durou até ao meio dia ; depois seguiu-se o jantar que durou até ás 4 horas da tarde, hora em que os reverendos sahiram da casa do despacho, uns tocando guitarra, outros pandeireta, outros castanholas, cantando sevilhanas, malaguénas e dançando *jotas* aragonezas. Quasi todos eram moços cheios de vida. Chegaram á praça publica e ali a expansão tocou as raías do delirio, acabando por encher na fonte publica os chapéus com agoa e, como collegias, atirando com ella uns aos outros. Por fim começaram a enfarruscar-se mutuamente com as mãos sujas de carvão. E tudo isso se passava á luz do sol, no meio das gargalhadas e das vaias da soldadesca que ria ás bandeiras despregadas. Com a noite terminou a festança, recolhendo os alegres convivas todos embriagados ao mosteiro.

É por estes e outros motivos, continua um escriptor da peninsula que os filippinos odiaram os frades hespanhoes. Estes sonhavam para si um mundo onde dominassem unicamente, sós, sem outra soberania do que a sua, — a d'elles. O odio ao *castila* (como os tagalos denominavam os castelhanos) foi aconselhado pelas ordens religiosas que lhes convinha a expulsão dos hespanhoes afim de dominarem e educarem aquella raça a seu bel-prazer. O tagalo já meio civilisado não podia comprehender que houvesse corporações que vissem na opulencia, em quanto elle trabalhava como um escravo, sem descanso, dia e noite, para abastecer os celeiros do convento.

« E então os tagalos congregaram-se instinctivamente por meio de sociedades secretas (*katipunangs*) e ali conspiravam con-



Rapariga indigena empregada no trabalho das fazendas.



Convento dos Dominicanos.

tra tudo que fosse extranho á sua raça, e n'esta conjuração foram envolvidas as seitas monasticas e a soberania hespanhola.

Diziam os filippinos :

— Os frades levam-nos tudo quanto possuímos e o governo hespanhol apoia e consente. Fóra com elles todos ! guerra d'extermínio a todos elles !

E esse grito de morte sou de monte em monte, de valle em valle e pouco tempo depois a guerra rebentava em todo o archipelago.

Após a victoria americano-philippina, os frades foram atrozmente

com tanta coragem e com tanta valentia, hontem contra o hespanhol que o escravizava e hoje contra o americano não menos brutal, mas ainda por cima de tudo refinadamente hypocrita que se lhe intenta impôr pela força. Quando terminará esse martyrio, — d'um seculo de lucta — pela independencia e pela liberdade?

Para esse vasto archipelago da Oceania estão voltados hoje



A cathedral de Manilha.



Egreja de Santo Antonio.

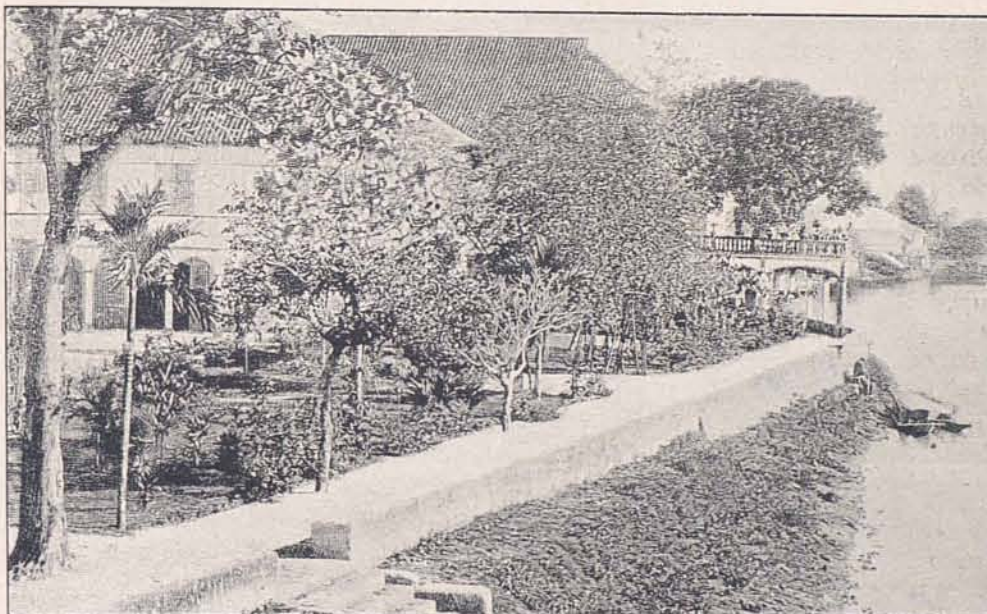
castigados e pagaram pelos crimes praticados mesmo pelos soldados hespanhoes, durante a campanha ultima. Os conventos, que em lugar de serem um azylo de fé e de penitencia, eram verdadeiros antros d'ociosidade e d'impureza, foram quasi todos arrazados.

Dizia ha pouco um official hespanhol :

« — Quando estava prisioneiro do general americano Merrit a minha attenção foi attrahida um dia por uma algazarra de rapazio junto d'uma das portas de Manilha. O que era? Aproximei-me e pude vêr um espectáculo deveras curioso: um tagalo que conduzia um frade como um

urso de feira, com uma argola no nariz do qual pendia uma corda. E o monge era obrigado a dançar e a dar urros como uma fera.

todos os olhares da Europa, porque ha muitas nações do velho continente que teem interesses de primeira ordem nas Filipinas, — como a Allemanha, sobretudo.



Palacio de verão do Governador de Manilha.

Poderão os yankees subjugar as 43 provincias em revolta? Talvez, — após longo mezes de lucta incruenta. A independencia das Filipinas será afogada n'um lago de sangue, mas a honra e o renome liberal dos vendedores de porcos de Chicago ou dos especuladores bolsistas de New York devem tambem desaparecer, n'um enorme poço sem fundo de lama...

Os assassinos da independencia da heroica Republica Philippina ficarão marcados a terro em braza, como grilhetas, no pelourinho da Historia!

XAVIER DE CARVALHO.

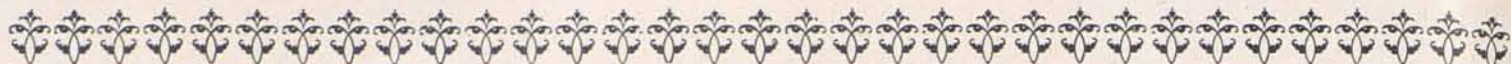
Glorioso povo das Filipinas! raça de heroes que sabe bater-se

Paris, 1899.

BRINCADEIRAS DE GAROTO



Esperando o trem.



VIÇONDE DE TAUNAY

FILHO do commendador Emilio Taunay nascera o visconde de Taunay, no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843.

Bacharel em lettras pelo antigo collegio Pedro II foi tambem mais tarde em sciencias phisicas e mathematicas pela Escola Central, da qual tinha o diploma de engenheiro geographo.

Militar em 1861 chegou até ao posto de major e apoz uma brilhante e patriótica carreira deu contra a expectativa de todos e geral sentimento dos camaradas a sua demissão do exercito, onde prestara dedicados e assignalados serviços. Em breve sorriu-lhe a politica, no intelligente diser de Ferreira de Araujo, e, aquelle soldado que era escriptor e poeta e que cultivava as bellas artes, interpretando ao piano os grandes mestres e compondo elle mesmo trechos de real valor foi para a politica com a alma assim ornada...

Continuando a merecer a confiança do governo, é enviado á provincia de Santa-Catharina como Presidente e ahi soube logo conquistar as sympathias da população que o elegeu como seu representante á camara dos Deputados, pelo districto da capital. A sua vida parlamentar foi a datar d'esse momento uma serie de luctas, batalhando com a vanguarda progressista pelas grandes evoluções da nossa historia politica, nos ultimos vinte e cinco annos do Imperio.

Com a ascensão do gabinete Cotegeipe foi o visconde de Taunay indicado para administrar a provincia do Paraná de onde voltou senador do imperio, preenchendo a vaga do fallecido barão da Laguna.

Foi n'esse elevado posto que Taunay lançou-se na grande lucta que precedeu a tão radical reforma do trabalho no Brazil, batendo-se de corpo e alma na tribuna e pela imprensa, até que o decreto de 15 de Maio de 1888 revolucionando a agricultura nacional, preparou o 15 de Novembro, que destruiu as instituições e o throno e com elle a dynastia que um anno antes sanccionara a mais liberal e a mais humanitaria das leis.

Seria talvez o unico pezar que nos ultimos annos da sua existencia entristeceu o espirito do distincto brasileiro que acaba de fallecer, quando evocando a lembrança de um longo passado politico, o seu pensamento cheio de nostalgia dos tempos de outróra viesse, atravessando os mares que elle sulcou alegre e feliz, gravitar em torno da modesta casa de Bolonha, ultimo vestigio dos passados tempos e de uma saudosa era historica.

O visconde de Taunay era um sincero amigo pessoal do grande Imperador e a queda da monarchia foi o epilogo da sua longa e intelligente carreira politica.

Depois de 1887 dedicou ao lar e á vida de familia outros carinhos e atenções que a agitação dos passados tempos não o permittiam fazer.

Na litteratura e nas artes brasileiras occupou desde bem moço um brilhante e proeminente logar affirmando o seu bellissimo talento com a producção de trabalhos de alto valor e que honram sobremodo o nome patrio mesmo no estrangeiro.

Silvio Dinarte era o conhecido pseudonymo do fecundo escriptor que naturalmente o adoptara para com mais liberdade expandir o seu espirito eternamente joven e sonhador.

Será talvez um contrasenso a nossa opinião, mas sempre achamos uma certa analogia entre a transparente mascara de Sylvio Dinarte e o véo rendilhado de Carmen Sylva, a romantica Elisabeth da Rumania.

Se a rainha busca um nome de legenda para ser poetisa, o politico, crea uma especie de cavalleiro andante para dar livre curso a sua intelligente e tambem romanescas phantasia.

Data segundo nos parece de 1868 o primeiro livro de Taunay intitulado *Scenas de Viagem* e d'essa epoca em deante as suas producções são bastante numerosas e muitas d'ellas alcançaram grande successo no Brazil e alem mar.

Uma das suas mais admiraveis obras é a *Retirada da Laguna*, poderosa narrativa na qual o author descreve de um modo grandioso e immortal esse feito immorredouro. É dos seus trabalhos o mais applaudido e admirado fóra da patria. Seguem-se depois; *Commando de Sua Alteza o Marechal conde d'Eu, na campanha do Paraguay, Questões Politicas e Sociaes, A classe militar perante as camaras, Estudos criticos, Elemento servil, etc*

A collecção de romances de Silvio Dinarte é uma das mais completas do Brazil e n'ella figura *Innocencia* publicado em diversos paizes e ainda ultimamente como folhetim no jornal parisiense «Le Temps»: *Mocidade de Trajano, Ouro sobre Azul, Lagrimas do Coração, Ceós e Terras do Brasil, Narrativas militares*, e outros que não nos ocorrem á memoria.

Taunay foi tambem um grande musico e authorisado critico musical e os seus artigos sobre *Meyerbeer, os Huguenottes* publicados na Revista

Brazileira affirmam a sua grande competencia na divina Arte.

A ultima vez que nos foi dado vel-o, muito de passagem, em uma das barcas de Petropolis, n'uma dessas tardes purpurnas, que illuminam a admiravel bahia do Rio de Janeiro; Taunay assentado em um dos bancos do tombadilho contavamos a sua fervorosa admiração pelo abbade da Baviéra e promettia a breve conclusão de um livro de propaganda que n'essa occasião terminava sobre o systema do Cura de Wörishoffen que para elle representava a continuação dos milagres da Escripura.

Desde ahi, novembro de 1894, não mais vimos a tão sympathica e franca phisionomia d'esse homem superior, e hoje, as noticias da patria n'um coro de homenagens, annunciam o seu desapparecimento, rendendo sem distincção de classes e de partidos, uniforme e respeitavel manifestação aquelle que em vida foi um sincero patriota, brilhante escriptor, adoravel amigo e perfeito homem de sociedade. A *Revista Moderna* associando-se sinceramente ás manifestações da Imprensa Brazileira, registra com enorme pesar esse triste acontecimento.

M. BOTELHO.



Visconde de Taunay

Distinto escriptor e estadista brasileiro ultimamente fallecido.

CARYÕES

A Alberto d'Oliveira.

COMO se no seu mesmo intimo fosse tocada d'uma subita dôr, a cidade, de um dia para o outro, cobrira-se por completo d'uma funda camada de neve. Era a attitude rigida e dura d'um cadaver amortalhado, a triste uniformidade d'um branco de cinza, que escondesse muita e muita negrura de vida, de vida... e de morte.

Toda em linhas geometricas, sem nuanças de côr, nem gradações de luz as suas velhas construcções, olhadas cá de longe, pareciam avançar n'um arranco cada vez mais aggressivo. — Um terrivel *Dies irae* da pedra, maior, mais tragico ainda na sua augusta e absoluta mudez.

Por toda a parte grandes blocos monstruosos, dispersos, amontoados uns a cavalleiro dos outros, erigidos ao alto, correndo até ao ceu, sem ponto algum de partida, um alicerce sequer cá em baixo, na terra — a terra, ella mesmo, tambem abafada e coberta. E lá para cima, para alem de tão extranha e ameaçante linha, um ceu impenetravel e egual, um ceu que, na sua colera poderosa, Deus, quem sabe! velasse para a terra...

A cidade transfigurada assim, dir-se-hia uma phantastica cathedral, que um vento mau tivesse abatido e desmantellado: — paredes ainda meio erguidas, e que a morte de noite, piedosamente, viesse cobrir do recato e pureza do seu algido sudario.

Presentia-se que atravez o invisivel da treva, Alguem, na marcha sinistra e pesada d'um supremo destino, por ali tinha passado. Tanto em tudo e por toda a parte eram grandiosos esses amontoados informes, como grande e sublime era tambem, a sua irregular e funda dyssemetria!

Mas o tempo mudára, e agóra já mais tarde, e com o sol cá fóra sobre o mesmo disforme amontoadado das coisas e acima da cidade ainda presa e coberta do gelo, corria uma tão grande alegria de luz, e uma tanto e tão prodiga symphonia de cores, que, instinctivamente, tal maravilha nos levava á idea o extranho e magico poder d'uma qualquer varinha encantada.

Aspecto bizarro, mas superiormente grandioso, como essa mesma divindade alta e superior. Visão sublime, que esse Deus vingador, desvelando-se do alto, viesse de novo, e porventura,

mostrar-nos, na colera ainda mais luminosamente divina d'um seu gesto poderoso.

Tal a vida crescendo da morte, a belleza triumphando da treva, verdade, que, explendendo, deixasse, cá em baixo todo o branco impeccavel do seu symbolico manto de arminho.

No reflexo surdamente metalico das fórmãs, a dança de tão extranha e maravilhosa fada era ainda d'um effeito mais extranho

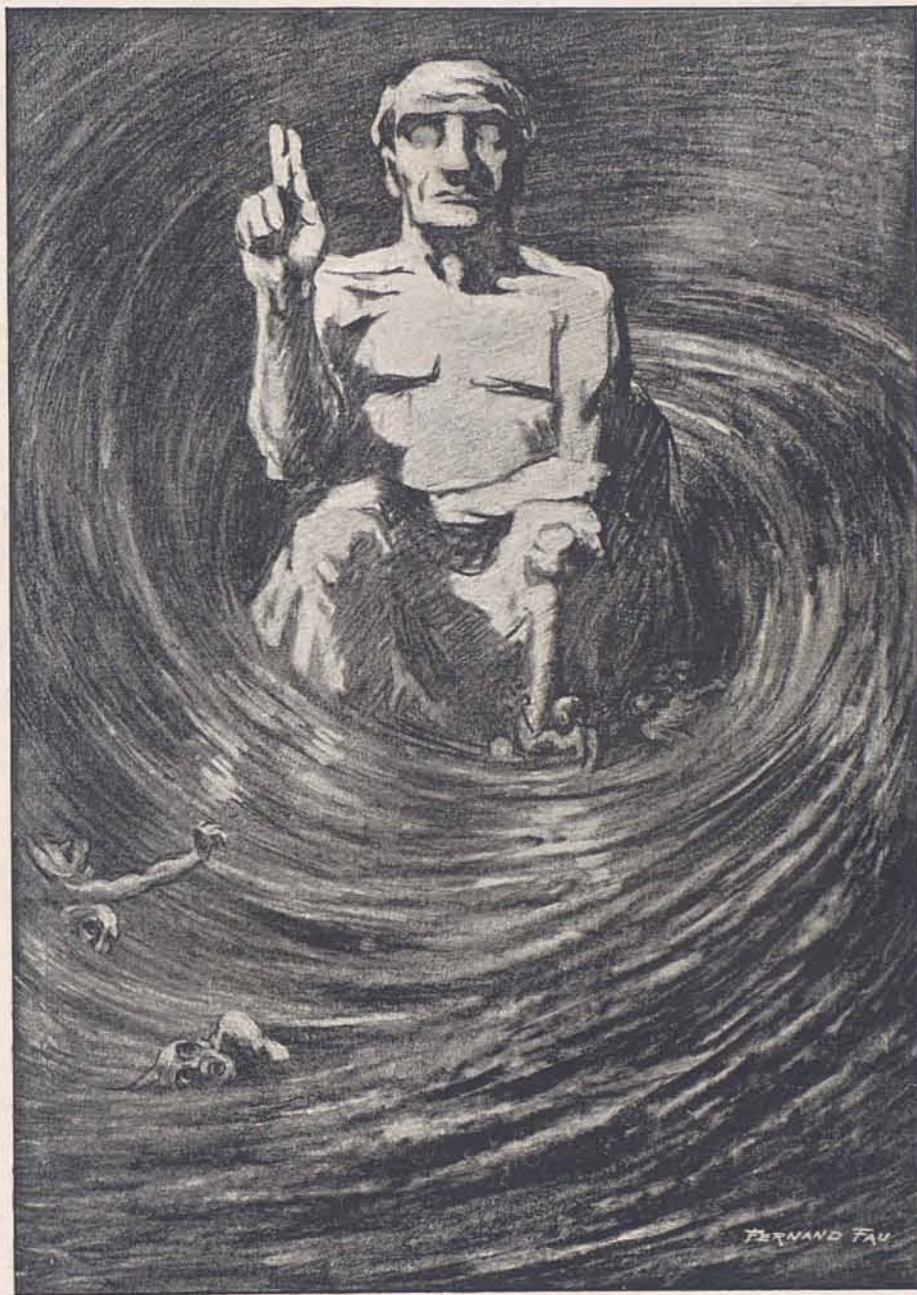
e maravilhoso. Parecendo até por vezes, no agora latente evaporar das coisas, querer, como na caricia d'uma superior bondade, velar-lhes as agrestes duresas com a mesma bruma tenue e suave d'esse seu tão aerio e mystherioso manto.

Glorificação divina, ou antes tentação d'um enganador inferno, tudo vivia no espaço um luminoso sonho. Entretanto a cidade ferida de morte nada parecia ver de tão feiticeiro appello, e, cada vez mais muda e mais monstruosa, na apparente inutilidade d'uma tal inercia, era como a carcassa desmantellada d'um phantastico navio, que, perdido e preso dos escolhos n'uma região polar, cercado d'avalanches, ahi se fosse deixando ganhar por ellas, elle, em si mesmo, de ha já muito, tambem transformado e ganhado.

Dir-se-hia que pelo longo das mais mystheriosas estradas, as estradas sem fim do infinito espaço, e ao lado do andar rapido e apressado do tempo, um Deus caminha sempre, egualmente

supremo e implacavel, tão cego para o vago tenebroso da sombra, como para o lume fulguroso e brilhante da luz; — e tanto, e tão implacavelmente cruel que, se ainda na angustia d'uma noite, a terra, seguindo sempre o ininterrupto desenrolar da sua marcha fatal, tem ahi mesmo, por veses, na sua obra de fecundação, e a dentro do mystherio calmo e absoluto da treva, um brilho ainda mais intenso e radiante que o mesmo brilho radiante e sublime da luz, tal brilho, comtudo, não conseguirá nunca mudar a negrura d'um qualquer marcado destino, como o resplendor de taes luzes, não servirá tambem a mais do que a mostrar-lhe toda a sua, e por isso mesmo, maior negrura!

JOSÉ DE FIGUEIREDO,



O DESTINO

Desenho de Fernand Fau.

O SOTERRAMENTO DE ALMOFALA

A 168 kilometros a oeste da cidade da Fortaleza, capital do Ceará, norte do Brazil, floresceu em tempos idos a pittoresca povoação de Almofala, poetica e aprazivel habitação de pescadores. Antiga aldeia de indios, a sua historia começa de 1608, data em que os jesuitas se incumbiram da penosa missão de aldeiar os selvagens nas praias chamadas *Lençoes* ou *Totã* conforme as lendas daquelle tempo. Eis a sua tradição segundo o testemunho competente do distincto historiador cearense Antonio Bezerra :

Descendentes dos indios Tramembés, habitavam os gentios a estenção comprehendida entre a serra grande (Ibiapaba) e o mar, desde o rio Mundahú até o Paraguassú (ParnaHyba) e tinham por chefe Juripariguassú, que, no dialecto tapuyo, queria dizer grande diabo.

Parece que eram turbulentos porque o Capitão-mor do Ceará, Jorge Correia da Silva, em 9 de Setembro de 1671 enviou á Jericoacoara, onde elles se achavam, o ajudante Francisco Martins para tratar de guerra ; e no anno de 1673, a 3 de Novembro, Manoel Pereira da Silva, tenente do presidio do Ceará, seguiu em companhia do missionario Fr. Francisco de Sá para a serra da Ibrajaba com 50 soldados e 150 indios domesticados, conseguindo fazer pazes e tratado de alliança com diversas tribus, inclusive aquella. Ainda assim não se contiveram, em vista da C. R. de 21 de Março de 1688 que concedeu a Urbano Rodrigues a mercê de reedificar a fortaleza no sitio Piara de Ceará, para dominar o gentio Pramembés e servir de signal aos navios que iam ao Maranham.

Tendo o padre Assenço Gago, da companhia de Jesus. escripto a El-Rei de Portugal, mostrando ser conveniente situarem-se os indios em aldeas pela costa que dista do Ceará ao Maranham, na estenção de duzentas leguas, e que se lhes desse de scismaria as terras que ficavam desde a barra do rio Aracaty-merim até a barra do rio Timona, — S. M. por C. R. de 8 de Janeiro de 1697 ao Governador do Maranham assim o concedeu, e ordenou que se não inquietasse os gentios, nem os apartasse dos sitios que elles escolhessem para sua habitação.

Assim se procedeu, sendo o P^o José Borges das Neves o primeiro missionario que em 1702 os aldeou e viveu entre elles, construindo no sitio Aracatymerim (Aracatymerim) uma igreja sob a invocação de N. S. da Conceição, cujo local chamou-se primitivamente Missão do Aracaty-merim, mais tarde, até 1763, Nossa Senhora da Conceição dos Pramembér, e de 1766 em diante, — depois que por alvará de 8 de Maio de 1758 El-Rei estendeu aos indios de todo o Brazil as disposições dos alvarás de 6 e 7 de Junho de 1755, em virtude dos quaes era restituída aos indios do Maranham e Pará a liberdade de suas pessoas, bens e commercio, dando-se-lhe preferencia nos cargos de justiça e milicia — Nossa Senhora da Conceição da Almofala.

Em 18 de Maio de 1759 o Governador de Pernambuco Luiz Diogo Lobo da Silva, communicou ao Capitão-mór do Ceará, a vinda do Dezembargador Bernardo Coelho da Gama Casco a esta capitania para erigir em villa as aldeas dos indios que eram deri-

gidas pelos jesuitas. Parece entretanto que aquella aldeia não chegou a este dezideratum como a de Cancaia, que em 15 de Outubro do mesmo anno passou a chamar-se Villa de Soure.

Apenas, como a todas as outras, mudaram-lhe o nome indigena pelo de Almofala, denominação que ainda hoje conserva a antiga aldeia dos Framembér.

Historia simples e obscura é sem duvida esta que resume a vida do pequeno logarejo, hoje sepultado no seio branco das areias movediças que tanto abundam no littoral cearense.

Plantado á beira-mar, numa arenosa enseada de pequena estenção, é ainda Antonio Bezerra quem o descreve á pagina 316 do seu livro *Notas de Viagem*, publicado em 1889 :

— Duas ruas de casas de pobre apparencia dum e outro lado da estrada formam o povoado de Almofala, que se acha situado á margem esquerda do rio Aracaty-merim.

No meio do espaço comprehendido entre as duas ruas, do lado de leste, fica a egreja, um mimo de architectura, que a Rainha de Portugal, D. Maria I mandou edificar em 1702 para os indios Fremembér.

É diferente de todas quantas se encontram na provincia, no gosto e na construcção. Quem a visita não pôde deixar de reconhecer em tudo o cunho das obras dos jesuitas, e com quanto seja de pequenas proporções, sua perspectiva lembra um dos velhos templos de Portugal. E' pena que o abandono a vá deteriorando.

Mais adiante, na pagina seguinte, observa ainda o mesmo escriptor referindo-se aos arrabaldes de Almofala :

— A poucos passos do povoado fica o rio e logo a estenção accidentada pelo movimento das areias se desdobra a plenos olhos. Nos terrenos mais baixos acumulam-se as aguas das chuvas que formam grandes lagôas, e por ahi abundam em quantidade extraordinaria aves aquaticas como carões (*aramus sp*) pernaltas da familia dos Rallida, colhereiras (*cancorna cochlearia*), familia das Ciconida, garças brancas miudas, cinzentas (*ardea caudissima, egritta, tigrina*), que se agrupam a esta mesma familia, tujujús (*tantulus loculatur*) e outros que não se pôde conhecer. D'entre estas e algumas variedades da especie *anas*, ordem dos palmipedes, como marrecas, patos, putriões, etc, sobresahindo pelo brilho da plumagem vermelha a *ibis rubra* (guará) do genero ibis, grupo das Cudonida. Pode-se dizer que as margens destes pequenos lagos são occupadas litteralmente por aves das ordens dos gralatores, pernaltas corredores e palmipedes. Se não fosse Almofala tão farta de peixe, poderia, a caça prestar grande auxilio aos habitantes ; mas estes são pouco affeiçãoados a estes passatempos, razão porque no seu districto acodem tão variadas especies de aves ribeirinhas.

Em muitos logares, sobre o chão movediço, encontram-se vestigios de antigas habitações, que as areias aterraram pondo em fuga os seus proprietarios. Não é raro ver-se coqueiros indicando sitios apropriados a plantação ou pelo menos que proximamente existiu algum morador.



A igreja de Almofala hoje quasi inteiramente soterrada.

Por esse testemunho insuspeito do autor das *Notas de Viagem* vê-se que não é de hoje o soterramento de Almofala. Vem de longa data já, e o morro que a sepultou impellido pelas fortes correntes marítimas do norte ameaça outros arraiaes visinhos. Numa estensão superior a 6 kil., com uma largura extraordinaria, avança dia a dia á proporção que as areias movediças se vão accumulando, e o seu dominio se vai estendendo por sobre todas as cousas.

Da antiga aldêa dos Fremembés sómente uns restos de torres da egreghinha branca e alegre — outrora doce refugio a tantos fieis — permanecem ainda inseputos, como que indicando as ruinas daquella nova Pompeia.

As singelas casinhas, o velho Cruseiro do adro, as quintas dos moradores, tudo desapareceu deixando livre espaço ás dunas que lhes servem de tumulos rasos.

Em dias de Outubro do anno passado, quando já um pedaço da egreja se achava submerso, o povo da cidade do Acarahú, que lhe fica a 36 kil., de distancia, tendo á sua frente o parochio da localidade, retirou da ermida em ruinas as imagens dos santos para um nicho que lhe fica proximo.

Os indios domesticados, que ainda existem em cazebres de palha por sobre os morros, oppuseram-se a essa mudança e travou-se um conflicto em que afinal foram elles os vencidos. A retirada foi tocante e commovedora e os mais insensíveis corações se enterneceram ante as tristes lamentações daquellas rudês creaturas chorando a perda da Doce Mãe Celestial, a bôa Senhora da Conceição dos Premembés, para quem sempre recorreram nos mais difficeis transes da existencia.

Pobre Almofala! abandonada sepulta, nessa inanimada impos-

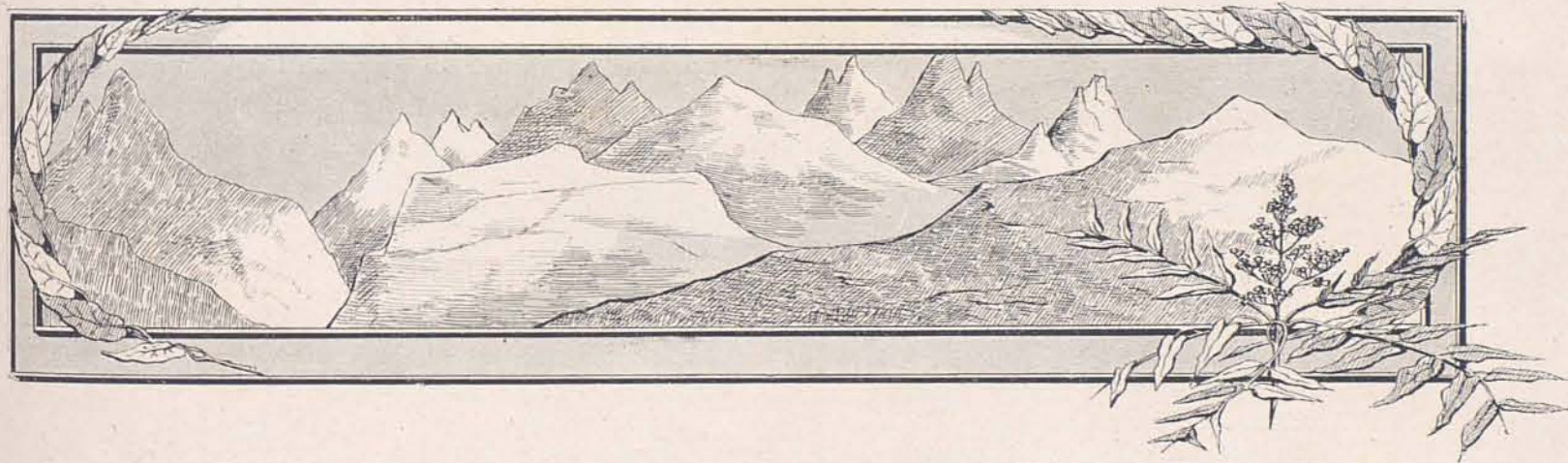
sibilidade das cousas mortas, viste partir o teu ultimo habitante, á semelhança do moribundo que nos paroxysmos do aniquilamento sente fugir a derradeira centelha de vida! A propria imagem da tua Padroeira, que ha 196 annos, do seu singelo altar parecia sorrir carinhosamente ás supplicas das almas crentes, emigrou tambem de teu triste recinto onde sómente a desolação e a saudade existem...

A gravura representando a egreja foi copiada do proprio original em começo de 1898 pelo Snr. Raymundo Guilherme, intelligente amator photographico, quando o possante morro em evolução não se havia assenhoriado de todo daquelles sitios indefesos. Apanhada de improviso, quasi instantaneamente, é natural que o leitor exigente descubra nella defeitos de arte e até mesmo falta de retoque. O autor não tem a velleidade de haver produzido obra perfeita, nem tão pouco reclama para seu trabalho outro merecimento alem da gloria de reviver uma reliquia do passado. Basta-lhe a compensação de orientar os futuros chronistas e a certeza de deixar um rosteiro aos historiadores patrios.

Presentemente, para a maioria dos leitores da *Revista Moderna*, ella desperta apenas um sentimento de curiosidade passageira; volvidos annos, entretanto, esta tosca gravura ha de avivar tristes recordações e muitos a contemplarão com saudade... Serão estes os nostalgicos, os sobreviventes de tão surprehendente naufragio, que hão de chorar sobre Almofala como Jeremias, outrora, ante as ruinas da cidade Santa!...

SABINO BAPTISTA.

Ceará, Fevereiro de 1899.



AS MONTANHAS

*Vejo as montanhas juntas conspirando
No fundo do horizonte.
Um monte venerando
Levanta calvo e sobranceiro a fronte
E parece falar com voz de mando.
Um fremito de guerra
Percorre-as monte a monte
E agita toda a serra...*

Deus, meu Deus, o que querem as montanhas?

*Uma entre todas cuja altura aterra,
Como antevendo a gloria das façanhas,
Ergue o pico irascivel!...*

*Ó Deus, meu Deus, vinde applicar-lhe as sanhas!
Livrae-nos, se é possível,
De uma guerra de morte das montanhas.*

FONTOURA XAVIER.

O JUDEO ERRANTE

(CONTO INGLEZ DE R. KIPLING)

« Quem percorre o mundo na direcção oriental, ganha um dia », disseram a John Hay os homens de sciencia.

Annos após, partindo em todos os sentidos, visitando todos os climas, elle fez negocios, amou, divertiu-se ou aborreceu-se, sem que as alludidas informações scientificas uma só vez fossem lembradas, esquecidas entre questões de identica importancia.

Mas um dia a noticia inopinada do fallecimento de um tio abastado, veiu surprehender John Hay ; e elle que tivera até aquella data uma existencia accidentada, a que não tinham faltado dissabores, achou-se subitamente cem vezes millionario.

Quando legalmente se viu na posse d'esses avultados bens, constituidos por valiosas terras, casas de grande e segura renda, e titulos que proclamavam a mais garantida estabilidade de sua fortuna, uma nuvem escura veiu toldar-lhe a felicidade : foi o receio doloroso e ingente de que a inesperada ventura fosse de muito pequena duracao.

Esse temor era suggerido a John Hay pelo parente rico, a quem fôra permittido regressar invisivel á terra, no intuito de torturar o sobrinho até o dia da morte.

Sob o imperio d'essa obsessão apavorante, o millionario, simulando uma satisfação intima que despertava a inveja dos que se deixam seduzir por illusorias apparencias, sentia amarguras indiziveis e gemia ao peso de uma tenebrosa dôr.

No intento de destruir a sua indescriptivel magua, transtormou em douradas libras as casas, os terrenos e os titulos, porquanto, no seu conceito, as terras se podiam facilmente desvalorisar, os edificios voariam nas azas de vermelhas e inextinguiveis chammas, como em inuteis papeis se transformariam, talvez, um dia os titulos preciosos ; ao passo que a libra esterlina, luzente e poderosa, será sempre o soberano perante o qual respeitosos se hão de curvar, os idolatras da terra.

Na posse de abundantes libras, acudiu a John Hay o desejo de despendel-as em continuos prazeres, mas a idéa da morte desviou d'esse intuito o seu pensamento, a que o espirito do tio incessantemente lembrava os estreitos limites da existencia.

Penetrando na casa fechada, o primeiro possuidor da colossal fortuna gritava ao sobrinho que a vida era curta e que já se estavam pregando as taboas do caixão que lhe era destinado...

Hay ouvia aterrorisado a surda voz do morto, e não conseguiam distrahir-o os numerosos amigos, aos ouvidos dos quaes não resoavam aquelles lugubres clamores, que vinham muitas vezes interromper a fallaz alegria de John.

E o receio da morte cada vez mais dolorosamente se apoderava do cerebro do infeliz nababo.

Mas uma noite de insomnia, durante a qual a sua alma agitada em vão tentava illudir a lei fatal da natureza humana, recordou-se elle do facto scientifico, em virtude do qual, na asserção dos sabios, um dia é ganho pelo viajante que busca as paragens do Levante.

E quando a voz soturna do tio veiu provocal-o de novo, Hay, a rir, objectou ao tetrico visitante que n'uma viagem ao redor do mundo elle ganharia sempre um dia na direcção do oriente.

Mas só ao morto revelou a esperança que de subito illuminára as trevas de sua angustia ; duvidando por instincto, desde que se achára rico, da amizade d'aquelles que mais estima lhe testemunhavam, o millionario não lhes desvendou o segredo.

A ninguem, portanto, confiaria a solução do terrivel problema, porquanto seria impiedade iniciar os seres humanos em arcanos que contrariavam os designios do Creador, e elle evitaria assim que se enchessem exorbitantemente os navios e os trens.

Estas considerações tranquillisaram plenamente a consciencia de John.

Emprehenderia a volta do globo em dois mezes, porquanto

alguem, em epochas preteritas tinha feito em oitenta dias essa excursão. Em sessenta, ganharia, portanto, um e proseguindo infatigavelmente n'esse escopo, elle alcançaria cento e oitenta dias no decurso de trinta annos.

O resultado não seria, evidentemente, fabuloso ; mas no correr das éras, com o adeantamento da civilização a estrada de ferro do Valle do Euphrates foi aberta ao trafego, e elle poude, com manifesta vantagem, augmentar a velocidade de sua marcha em direcção ao sôl.

Tendo no bolço tilintantes e reluzentes libras, John Hay, aos trinta e cinco annos, encetou as suas viagens. O destino favoreceu-o. Foi elle o primeiro que tomou bilhete directo de Calais a Calcuttá, e, regressando áquella cidade, directamente da America em doze dias, partiu novamente, depois de ter obtido a seu credito vinte e quatro horas preciosas.

Passaram-se tres annos, John Hay, fiel ao seu programma, circumdava a terra... Conhecido nas varias linhas ferreas, elle respondia aos que o interrogavam :

— Estou vivendo !

Os seus dias eram empregados em fitar o branco sulco que os navios deixam á pôpa, ou a contemplar na rapida carreira dos trens as verdejantes campinas ou os valles profundos.

E elle conscienciosamente inscrevia os minutos que no trem veloz ia extorquindo á implacavel eternidade, e dirigindo o olhar para o nascente, ainda uma vez partia, na ancia de viver...

Os annos tinham operado em seu favor muito mais do que ousára esperar.

Graças á extensão da linha do Valle de Brahmaputra, que penetrará na China Central, um bilhete tomado em Calais permitiria ao viajante uma excursão directa a Hong-Kong.

A viagem circular poderia ser effectuada em quarenta e sete dias ; e esse resultado antevisto, já notavel, encheu de jubilo a alma insaciavel do millionario.

E John Hay, o discreto e silencioso John, olvidando a desconfiança que a humanidade lhe inspirava, confiou o segredo de sua ongevidade...

N'um instante de expansivo contentamento murmurou o segredo aos ouvidos da mordoma, aos cuidados da qual se achavam os seus aposentos de Londres.

Ella prometteu calar-se ; mas solicitando o conselho dos juri-consultos, convenceu-se de que as libras de John Hay podiam ter mais util emprego.

Da consulta aos homens de lei deprehendeu-se a existencia de outro Hay, em favor do qual foram distrahidas da grande fortuna algumas centenas d'entre as moedas de John...

Rapidamente partira elle outra vez no rumo do sôl, quando um velho medico, que fôra enviado no seu encalço, poude attingil-o em Madrasta.

O discipulo de Esculapio, attrahindo um momento a attenção do viajante, offereceu-lhe a recompensa de tão cançativo empreendimento, isto é, a certeza de uma bemaventurada immortalidade.

John, com o olhar fixo no Oriente, com as mãos tremulas e as pernas fatigadas, escutou attento a voz da sciencia.

E convencido de haver achado a solução ambicionada, accedeu passivamente aos conselhos do medico.

Suspendeu-se por meio de cordas ao tecto do quarto e deixou livremente girar a terra aos seus pés. Mais commodamente do que a bordo ou no estreito compartimento de um trem expresso, adquiriria elle a vida perenne, como o imorredouro sôl, que os seus olhos continuamente fitavam.

O outro Hay pagaria, despendendo largamente em seus

prazeres as libras esterlinas, as despezas de John durante a eternidade...

E' certo que não podemos ainda tomar bilhetes directos de Calais a Hong-Kong; isto se fará, provavelmente, n'estes dez annos. Mas affirmam fidedignos forasteiros que, se viajardes nas costas meridionaes da India, vereis n'uma casinha branca, sentado n'uma cadeira suspensa ao tecto, sobre uma tenue folha de aço que destroe a attracção da terra, um homem velho e livido, que olha sem cessar na direcção do levante.

Um relógio que tem á mão indica-lhe os minutos que são por elle disputados ao infinito.

Não póde beber, não fuma, e a sua despeza diaria é insignificante; elle se chama porém, John Hay, o immortal.

E quando ouve o suspirar das vagas, assevera que é o ruido do globo terrestre a mover-se incançavelmente sem elle, porquanto John não tem contacto com o mundo, do qual está separado para sempre, eternamente...

RUDYARD KIPLING.

RUDYARD KIPLING

O escriptor inglez Rudyard Kipling tem adquirido n'estes ultimos tempos tão brilhante nomeada, que nos parece interessante dizer sobre essa individualidade litteraria algumas palavras.

Na Inglaterra a sua celebridade é incontestavel. Jovens romanistas, que se dizem seus discipulos, discutem nos cenaculos as suas « theorias sobre a arte », e os snobs, com transparente emoção, dão-lhe simplesmente o nome de Rudyard, que indica o gráo de intimidade permittida pelo illustre auctor de tão originaes narrativas.

Entretanto, poucos escriptores são menos accessiveis litterariamente aos estrangeiros do que o notavel *conteur*. Aos proprios britannicos ou áquelles que profundamente conhecem o idioma inglez os livros de Kipling offerecem ingentes difficuldades, tão technica é por vezes a sua linguagem, para a elucidacão da qual se torna necessaria a consulta de varios lexicos especiaes.

Physicamente apresenta alguma semelhança com o sr. Ferdinand Brunetiere, cujo renome não alcançou ainda a expansão da notoriedade de Kipling, do qual o approximam apenas certa analogia de traços physiognomicos.

Recebido, ha poucos mezes, em Nova-York com entusiastica manifestação, o eximio litterato, que conta apenas trinta e tres annos, teve ensejo de conhecer os encantos da gloria. Uma ode que compuzera a bordo, foi telegraphada integralmente para diversos pontos do universo civilisado, e hoje esses versos do joven poeta são populares em Londres como em Calcuttá, em Melbourne como no Cabo da Boa-Esperança.

Nascido em Bombaim, tem sabido Kipling nas suas apreciadas producções revelar á Europa a India, tão ignorada. E representante de uma nova civilisação, a dos anglo-indianos, é elle o precursor d'essa raça universal que o seculo vindouro nos reserva quando Babylonia fór povoada por Londres, e Palmyra por Manchester.

Não é um pensador, dizem os criticos, não é um erudito, accrescentam os sabios que se interessam por sua, celebridade crescente; tem, porem, o dom supremo de evocar a vida, e essa qualidade preciosa n'um homem de lettras foi logo manifestada nos seus primeiros volumes de contos, entre o quaes cumpre destacar o *Phantasma-Ricks haw*. Mais tarde accentuaram-se os seus dotes naturaes nos dois livros dos *Jungles*, collecção curiosa de narrativas attinentes á India e ás populações polares, e dos quaes a *Revista Moderna*. — que hoje publica uma pequena historia do eminente auctor, — deu em numeros anteriores duas traducções,

Deixando a India em 1889, percorreu Kipling a China e o Japão, onde colheu argumentos para as suas novellas, e entre ellas *Um facto*, exemplo da nova feição que os seus contos tomaram após essa viagem.

Ao regressar a Londres, onde reside, era, aos vinte e cinco

annos, um escriptor afamado, a quem iam supplices os seus admiradores, implorar a dadia de um autographo.

Sobrinho de Burnes-Jones, proporcionou-lhe esta circumstancia vastas e proveitosas relações artisticas; e Kipling, incensado pela imprensa diaria, teve a ambição de tornar-se o interprete de um grande movimento nacional.

Na India já havia elle presentido o imperialismo; e com o instincto de jornalista, que ali adquirira, fez da litteratura um meio de acção. Adverso ás strictas leis da arte, emprega o seu talento na defeza de idéas politicas, e celebrando em odes o jubileo da rainha ou cantando em delirantes estrophes os fastos nacionaes, é hoje pelo consenso popular o verdadeiro « poeta laureado » da Inglaterra.

A essas funcções, Kipling junta, desde algum tempo, as de polemista politico. No anno passado, quando a guerra entre a sua poderosa nação e a França pareceu imminente, excitou sobremaneira o ardor patriotico de seus conterraneos.

E esse escriptor que tem feito da litteratura uma arma de combate, trabalha energeticamente, com a mesma perseverança que o Sr. Chamberlain, em fortalecer a alliança dos povos anglo-saxonios.

Não hypnotisados pelo esplendor de sua gloria, querem criticos estrangeiros que esse renome singular seja artificial; consideram o seu proclamado genio como simples habilitade jornalistica acham mediocres os seus romances (*O Trabalho do dia a Luz que faltou*), que revelam diminuto talento de composiçao; e, relembrando as suas poesias des-

tituidas de belleza, quanto á fórma ou quanto á idéa, censurando o abuso de termos populares ou o exaggerado emprego de expressões technicas duvidam da estabilidade d'essa fama offuscante e ruidosa.

A posteridade dirá, friamente, longe da suggestão d'este momento em que o nome do Rudyard Kipling em plena actualidade impõe a todos os que se interessam pelas lettras a curiosidade de lêr as suas obras, si realmente é um genio o narrador aclamado ou si, n'um assomo de insensato entusiasmo, os seus contemporaneos lhe deram immerecido valor.

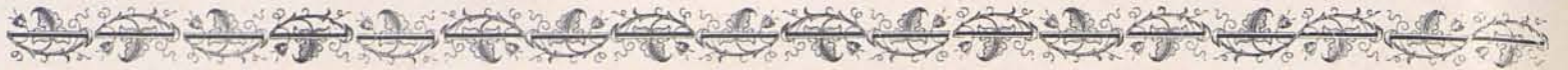
A titulo de eloquente testemunho de sua notoriedade, digamos que o mais popular dos escriptores d'esta epocha acaba de contractar com uma revista inglesa a publicação de seis artigos por 1 200 libras cada um, sendo, segundo todas as probabilidades, de 40 mil libras esterlinas a somma que lhe concedem annualmente os seus escriptos.

Achando-se actualmente enfermo, são ao mundo inteiro transmittidas todos os dias as suas condições. E desde Nova-York até Sidney, os telegrammas avidamente lidos tranquillizam os admiradores do escriptor, cujas melhoras promettem breve e completo restabelecimento.

THOMAS SWETT.



RUDYARD KIPLING
Celebre litterato inglez.



A CÔR E A PHOTOGRAPHIA

DESDE que se descobriu a photographia, constantemente se procurou resolver o problema da obtenção de imagens, dando directamente as côres do objecto reproduzido, com todas as intensidades e as diferenças reaes de tons e valores.



Preludio.

M^o. Binder-Mestro.

que M. Lippmann explicou pelo methodo das interferencias das ondas luminosas, permittiram que os irmãos Lumière nos mostrassem clichés coloridos muito perfeitos; a tentativa d'estes indus-



Aguas mortas.

A. da Cunha.

triaes, louvavel sob todos os ponto de vista, não passou com tudo de curiosidades que terão logar na historia da photographia, mas que seria temerario querer fazer entrar no dominio da pratica.

Pode-se discutir para saber se, sob o ponto de vista artistico, existe uma vantagem real em produzir imagens coloridas. As obra d'alguns pintores encham-nos de admiração, mas não porque ellas

reproduzam a natureza com suas côres verdadeiras, mas porque nos dão uma noção exacta d'estas, o que não quer dizer a mesma coisa; para termos as mesmas sensações que teve o autor do quadro não é necessario que os tons sejam exactos mas antes que sejam interpretados; certos valores têm de ser attenuados em proveito de outros e reciprocamente; é necessario emfim que um artista verdadeiro empregue mil pequenos segredos de *métier* para vir a ser um grande pintor.



Claridade Nocturna.

A. da Cunha.

A photographia que nos mostrasse as coisas vistas com suas proprias côres dar-nos-hia uma impressão bem exacta da realidade? Não é provavel, porque para isso seria necessario rever a imagem nas condições de dimensão, luz, e disposição de espirito que existiam no momento da concepção o que é impossivel realisar.

A photographia monocromatica, tal como hoje a vemos, é um meio de traduzir a realidade, meio empirico talvez, e que necessita uma certa educação para produzir effeito, mas a todas as artes graphicas succede o mesmo; existe por acaso a menor analogia entre os traços das gravuras e as meias-tintas das coisas vistas? Entre as manchas negras da aguaforte e as sombras das scenas que se nos apresentam?

Não decerto. Para aproveitar completamente do que estes proces-



Estudo ao ar livre.

P. Bergon.

sos nos indicam é preciso um certo habito que temos nós todos, mas pelo qual nem sequer damos, porque é tão velho como nós mesmos

recomeçava a mesma operação para o amarello e para o vermelho. Logo que as tres provas tinham sido obtidas era necessario syn-



Contra a luz.

A. da Cunha

e por que começou na nossa primeira infancia! Desde que estes modos de representar a imagem nos permittam de apprehender as ideias do autor devemos considerar o processo como um meio artistico sufficiente e dar-nos por satisfeitos.

Não dizemos isto para que os inventores desanimem, ao contrario, mas para defender a photographia tal qual a possuímos e que — apesar dos detractores, e do que dizem os que a consideram ainda como uma mecanica aperfeçoada só capaz de fornecer documentos — é realmente apta para produzir obras unicas revestidas d'um verdadeiro cunho de arte; não occupa decerto o primeiro lugar entre as diversas maneiras de publicar a natureza, mas será sempre para os que sentem vivamente e o querem mostrar sinceramente um dos meios mais manejaveis e rapidos.

Não desanimemos pois os que procuram tornar pratica a reprodução das côres pela photographia; existem certos artificios que empregados com successo, se não permittem mostrar directamente os objectos que nos cercam com todas os seus tons, podem pelo menos reconstituir automaticamente as côres com seus verdadeiros valores por meio de aparelhos bastante simples.

A experiencia não data de hoje mas de 1869; como porem ainda não deu resultados praticos é ainda de actualidade. Seu autor è o Snr. Ducos de Hauron que é egualmente autor de uma applicação maravilhosa da photographia — os anaglyphos. — Este inventor não é feliz; nenhuma de suas descobertas tão engenhosas lhe deu a fortuna e apesar dos novos horizontes que descobriu não achou ainda n'uma applicação corrente a recompensa que merecia.

O Snr. Ducos de Hauron analysava todos os tons em tres côres que considerava como fundamentaes em vez de sete como habitualmente se dizia. Na sua opinião o azul, o vermelho e o amarello são as unicas geradoras de todas as côres do espectro e só d'ellas provêm todos os tons. Partindo d'este principio fazia tres clichés correspondendo a cada uma das bases; por meio de um vidro azul só deixava passar na primeira experiencia as côres complementares do azul e seus derivados. Obtinha assim um positivo. Depois

D'este modo obtinha-se quadros coloridos de uma grande exactidão e que podiam ter applicações interessantes; uma vista qualquer, por exemplo, reproduzida d'este modo dava lugar a tres clichés que podiam ser expedidos a distancia, n'um paiz estrangeiro onde pelo mesmo methodo podia ser reconstituído por meio de projecções.

Tambem se construíram varios aparelhos que permittem ver as côres durante o dia. Mr Nachet construiu um e Mr Ives acaba, de construir um novo, baseados um e outro no mesmo principio de physica consistindo n'uma serie de espelhos dispostos de maneira que as tres imagens elementares coincidam.

A mais bella applicação do processo a unica que dá resultados praticos é a que diz respeito á impressão polychromica pelo methodo das tres côres frequentemente empregado em typographia. Esta impressão tem a dupla vantagem de reproduzir muito fielmente os tons do original e de ser muito economica porque reduz a tres o numero de operações que d'antes era de oito e mesmo doze.

Ao nome do inventor do processo o Snr. Ducos de Hauron, deve-se juntar os do Snr. Yves que procurou tornal-o pratico na America, e o do Snr. Leão Vidal principal vulgarizador do methodo em França e a



Estudo.



Antes da tempestade.

M. Buequet.

quem se deve a applicação á imprensa de que acima fallamos
(Traduzido do Frances.)

A. DA CUNHA.



A ENTREGA DA HAVANA

AINDA algumas linhas retrospectivas sobre a ingloria guerra Americana, que talvez possam interessar aos nossos leitores. Referimo-nos á entrega official da bella capital das Antilhas feita pelo general Castellanos, em nome do Rei d'Hispanha ao general americano Brooke nomeado pelo presidente Mac-Kinley governador militar e civil da ilha de Cuba.

Ceremonia triste e imponente, na qual extinguiram-se tres seculos de grandesa e soberania, que bem certo, não foram conquistadas á força de dollars, mas simples resultado do epico cavalheirismo de uma nobre e valente raça.

Primeiro de Janeiro de 1899! A bandeira hespanhola fluctua sobre a mais alta casa-mata da fortaleza do Morro ondulado as cores de Castilha sob os raios de um violento sol tropical.

Da fortaleza das Cabanas, um sulco luminoso, atravessando os ares parte na direcção do mar azul e um segundo apoz, uma forte detonação, repercute o tiro do meridiano; emquanto que todos os relógios da cidade soando meio dia, marcam n'um badalar moroso e triste a ultima hora da Hespanha nas Antilhas.

Nesse momento todas as fortalezas da Havana salvam de vinte e um tiros saudando, n'um derradeiro e supremo adeus o altivo pendão que ha trescentos annos aportava nessas plagas com as caravellas de Colombo e deante de cem mil espectadores mudos e opprimidos, a bandeira gloriosa e immortal desliza docemente, como um passaro ferido para sempre desaparecendo nas profundezas dos baluartes.

Nenhuma voz levanta-se para bradar victoria e todos os olhares parecem extasiados num extraordinario sonho, contemplando o fim solemne e imponente da mais gloriosa das eras historicas.

Ao mesmo tempo passava-se no palacio do governador uma outra scena bastante diferente; de um lado o general Castellanos cercado do seu estado maior e dos membros da commissão hespanhola, do outro toda a hierarchia dos governadores americanos, o general Brooke, governador em chefe da ilha; o general Lee, governador da provincia da Havana; e o general Ludlow governador civil e militar da cidade da Havana. Os officiaes hespanhoes vestem o uniforme de campanha emquanto que os Americanos estão todos em grande gala quasi esmagados pelas colossaes dragonas douradas que lhes occulta metade do ante-braço. Os peitos d'esses bravos soldados da livre e igualitaria republica estão cobertos de condecorações e de distinctivos honorificas que protestam solememente contra as apregoadas doutrinas que nos mostram os subditos da União como os grandes inimigos de tudo quanto é vaidade ostensiva. Trasm todos elles um grande fitão, tambem dourado, insignia de comando.

Ao primeiro tiro de peça em honra da bandeira hespanhola que era arriada o general Castellanos, pallido e preso da mais respeitosa commoção profere as seguintes palavras que foram religiosamente escutadas pelo grave e marcial auditorio. « Generaes e

commandantes do exercito americano! de conformidade com o accordo intervindo entre os Commissarios da Paz em Paris e obedecendo, á ordem do Rei de Hespanha, declaro que, hoje, primeiro de Janeiro de 1899, meio dia justo, cessa a soberania hespanhola na ilha de Cuba, fazendo eu a entrega do governo da mesma ao presidente da commissão americana nomeada para este effeito pelo seo respectivo governo.

Faço tambem votos para que a cordealidade que tem reinado entre as duas partes belligerantes, continue a existir até que o ultimo dos meus soldados tenha partido d'esta ilha. Declaro tambem meus senhores que como velho soldado, tenho sempre dedicado a minha vida ao meu Rei e a minha Patria; mas esta ultima prova á qual o cumprimento dos deveres militares me obrigou, cumpro-a sem coragem e possuido de um supremo desanimo... e sem mais uma palavra proferir o ultimo representante da soberania hespanhola em Cuba assigna a acta d'essa memoravel e triste cerimonia.

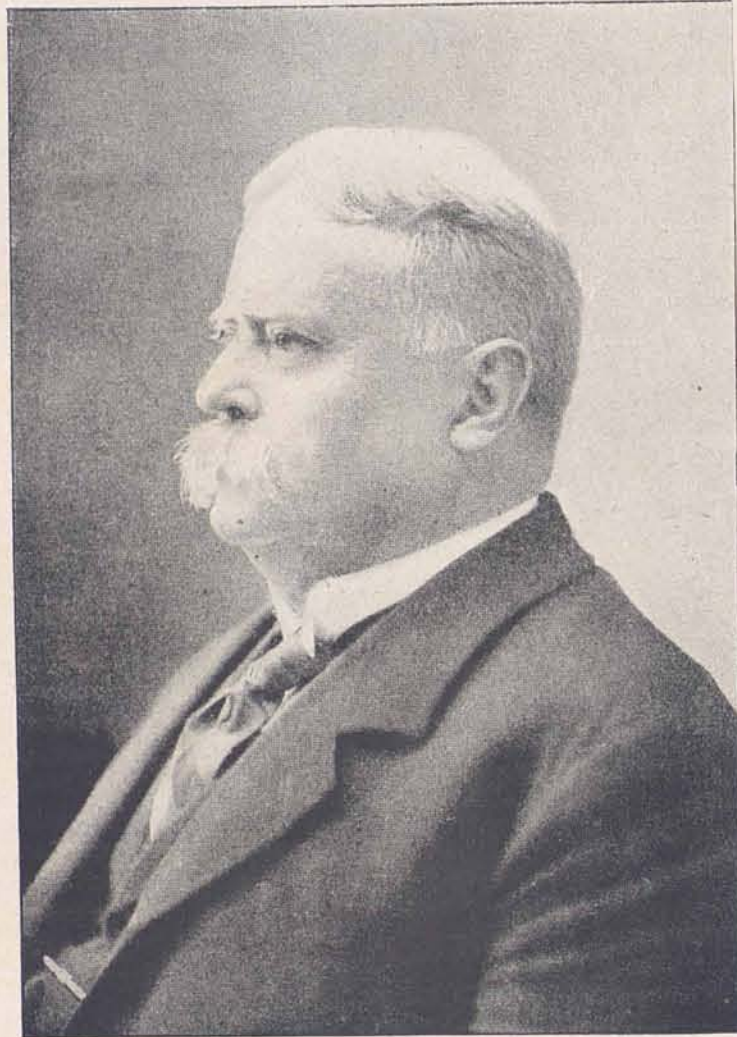
Os generaes americanos limitaram-se a responder que em nome dos Estados Unidos aceitavam a entrega da Ilha promettendo dedicarem-se á prosperidade do paiz.

Das janellas do salão de honra onde a Hespanha acabava de abandonar a mais rica parte do seo imperio colonial o espectáculo era imponente. O general Castellanos cercado do seu estado maior e á frente dos seus batalhões ordena a retirada em direcção ao caes do embarque. Os clarims soam, os tambores rufam, e a banda militar começa a bella Marcha Real. É a Hespanha, que ao som do seo hymno patriota, abandona com honras, levando os seus estandartes e as suas armas, o solo que ella descobrira e que ha tres seculos occupava. Tudo quanto é de sagrado e que representa a honra da Patria, é le-

vado em meio de homenagens e abrindo o prestito de toda essa immortal gloria historica, as cinzas de Colombo partem cercadas por todo um exercito, fugindo ao contacto profano do estrangeiro invasor!

A photographia que illustra esta pagina é a de um dos personagens que vai actualmente occupar no governo da ilha, saliente posição; referimo-nos ao general Feetzugh Lee que antes de ser nomeado governador da provincia d'Havana já occupava ha alguns annos o posto de consul dos Estados-Unidos nessa mesma cidade. Esse enviado politico e commercial, creatura de toda a confiança dos governos que succederam-se em Wasinghton foi pode-se quasi afirmar sem temor de parcialidade, uma das principaes causas que precipitou os dous paizes em guerra. Os constantes relatorios que o sr. Lee enviava ao seu governo sobre a situação da ilha continham pavorosas descripções de factos inverosimeis nos quaes a má fé e a má vontade constante, de agravar as relações das duas nações, era a nota dominante d'esses documentos officiaes.

Esse funcionario não fasia mais que amontoar informações fallaciosas que terrorisavam os Estados-Unidos contra a crueldade hespanhola que, segundo o seu modo de ver reduzia Cuba a uma vasta necropole de famintos e fuzilados.



O GENERAL FEETZUGH LEE.

Ex-consul Americano, hoje governador da provincia da Havana.

A opinião publica na America do Norte era intelligentemente explorada pela imprensa jacobina que por sua vez trabalhava pela guerra, por conta dos syndicatos americanos que tinham pressa em apoderar-se de Cuba.

E essa imprensa jacobina não possuía melhor agente para as suas informações sensacionaes que o respeitavel consul americano na Havana.

No desgraçado accidente da explosão do Maine o sr Lee affirmou cathegoricamente ao seo governo que o desastre era o resultado indiscutivel de uma conspiração hespanhóla o que lançou sem mais possibilidade de accordo as duas nações, na ultima e nefasta guerra.

Quando esse agente consular partiô da Havana, uma ruidósa

manifestação acompanhou-o até ao paquete ; mas pouco effeito lhe causavam essas *homenagens*, pois o bravo e rotundo general, já tinha conseguido o seu fim e estava bem certo que cedo ou tarde seria largamente recompensado pela sua inegavel dedicação. Ao mesmo tempo que esse funcionario exercia a mais inqualificavel espionagem, não se esquecia nas occasiões que a sua presença era obrigatoria deante das autoridades hespanholas de renovar continuamente os seus protestos de amisade fazendo sinceros votos para a breve pacificação de toda a ilha.

O governo de Madrid está completamente documentado sobre o papel que representou o consul Lee voltando hoje triumphante para a capital de Cuba gozar o fructo do seo trabalho no alto cargo de governador da provincia da Havana.

MARIO TOLEDO.

DON LORENZO PEROSI

HA quasi um anno que toda a Italia, levantada n'um commun enthusiasmo, saudou pelas suas aclamações um novo genio musical que acabava de se revelar como insignie compositor sacro.

Hontem completamente desconhecido, é hoje celebre em toda a Europa o nome do abade Perosi.

Em Tortona no Piemonte, pequena cidade episcopal, muda e silenciosa, nasceu a vinte de Desembro de 1872 don Lorenzo Perosi. Foi n'esse meio tranquillo e solitario, de uma paz quasi claustral que o artista cresceu e educou-se sob as vistas do pae, tambem um excellente musico e chefe organista da cathedral d'essa cidade.

Os seus progressos foram rapidos e a severa disciplina paterna produziu os melhores resultados. Aos dez annos de idade o pequeno *Renzo* já era um bom pianista e começava seriamente o estudo do organ, da harmonia e da composição.

Inspirado nas austeras tradições dos grandes mestres allemães, o jovem artista parte com quinze annos para Roma, seguir o curso do Lycéo musical e dous annos mais tarde obtem o diploma d'organista da Academia de Santa-Cecilia. Em 1890 faz uma pequena estada como director dos côros do grande convento de Santo Cassino, partindo depois para o Conservatorio de Milão onde trabalha durante um anno.

Em 1894 desejando completar e aperfeiçoar a sua educação musical emprehe uma viagem á Allemanha e frequenta em Ratisbona a celebre Escola de Musica Sacra.

Maravilhados pelo seo grande talento, offerecem-lhe a cadeira de professor d'organ n'essa tão reputada Escola e talvez Perosi tivesse accitado se não fôra os reiterados convites de Monsenhor Tesorieri, bispo d'Imola que insistia com don Lorenzo para que viesse organizar no seu seminario uma *Schola Cantorum* modelada sobre a de Ratisbona. Em Imola, dirigindo as grandes execuções dos classicos italianos Perosi começou os seus estudos theologicos e em 1896 foi ordenado sacerdote sendo logo depois convidado como *mestre capella*, na cathedral de São Marco em Venesa, uma das mais elevadas posições e da qual ainda até hoje é titular.

Don Lorenzo tinha n'essa epocha vinte e dois annos de idade

Inspirado por uma nova concepção, mais livre e mais dramatica que a dos mestres classicos, Perosi propoz-se escrever um cyclo de doze oratorias illustrando os principaes episodios da vida de Christo. Actualmente quatro já foram executadas com um extraordinario e indiscriptivel successo são ellas : *A Paixão de Christo segundo São Marco*, a primeira apresentada ao publico na igreja de São João e São Paulo em Veneza e depois em Milão na Santa Maria das Graças. No dia seguinte a imprensa e as sumidades criticas musicas saudavam o reformador da musica religiosa e o consagravam grande artista. Vieram mais tarde a *Transfiguração de Christo* em Março de 1898 e em Julho do mesmo anno a *Resurreição de Lazaro*. O successo foi prodigioso.

Faltava ainda para este triumpho da arte religiosa uma consagração suprema. Ella veio em fins do anno passado por um desejo expresso de Sua Santidade Leão XIII, chamando Perosi a Roma para dirigir em pessoa o seo quarto oratorio a *Resurreição de Christo*.

Na basilica dos Santos Apostolos destinada a essa cerimonia, um immenso estrado transforma o côro da vasta igreja, n'um imponente salão todo ornamentado de plantas e ricos tapetes. A enorme nave coberta de poltronas, recebe a Corte Pontifical, o Sagrado-Collegio, os diplomatas junto ao Vaticano e toda uma multidão de notabilidades da

aristocracia catholica romana ; e quando o joven abade termina a sua execução, uma ovação delirante cobre as notas grandiosas da Resurreição de Christo, repercutindo com magestade pelas abobadas do templo.

Don Lorenzo Perosi, convidado pelo Embaixador Italiano n'este cidade, veio a Paris dar um grande concerto de Beneficencia, no qual será acompanhado pela orchestra universalmente conhecida do maestro Lamoureux e os logares para essa audição que é protegida por um *comité* de senhoras da alta sociedade, estão fixados ao preço de 30 francos por poltronas e 150 francos por camarotes de quatro logares. Mesmo assim quarenta e oito horas depois não existia mais um só bilhete.

☆☆



ABBADE PEROSI





As Millionarias Americanas

AS BELLAS-JARDINEIRAS

AS JOIAS DAS MILLIONARIAS.

Dissemos que Miss Helen Gould adora as flores. Ella possui uma soberba collecção de orchideas e de Tulipas cujos bolbos foram comprados na Hollanda por preços fabulosos Naturalmente as demais senhoras da Quinta Avenida não tardaram a seguir um exemplo vindo de tão alto, com esta differença porem que o que para miss Helen constitue uma occupação encantadora das suas horas de recreio é para ellas uma questão de moda e snobismo. Ha porem algumas que se especialisaram d'um modo notavel. M. O. P. Belmont é celebre pela cultura das violetas. M. Hood Wright imaginou novos methodos de conservação das plantas cujas folhas são decorativas e para o melhoramento das orchideas.

E' natural que as mãos finas e bellas d'estas ociosas não queiram nem possam servir-se da grosseira e pesada ferramenta dos vulgares jardineiros. Por isso logo os ourives de New-York tomaram as devidas precauções para satisfazer esta nova mania de suas elegantes freguezas. Os regadores de prata, ornados com as iniciaes de seus proprietarios, custam pouco mais ou menos mil francos cada um. As thesouras para cortar os cachos de uvas valem de 50 à 100 francos. As foices têm cabos lavrados do mais alto valor artistico. N'este momento fabricam-se até *necessarios de jardinagem* que se compõem de um encinho, uma enchada e uma pá tudo feito em prata e custando de 750 à 2000 francos.

Muitas das collecções de plantas d'estas senhoras são tão preciosas que estão guardadas á chave, como as violetas de H^{me} Belmont por exemplo, que se especializou na cultura da *Maria-Luisa* da *Lady Campbell*, magnificas violetas purpurinas, e nas violetas brancas das quaes, por meio de habeis e pacientes cuidados, obteve variadas e raras especies. M. Eglinton fez grandes estudos de botanica para chegar a ter a competencia horticola que é hoje superior, e não tem rival nos dois hemispherios. O admiravel jardim que possui é unico pelas collecções de rosas-trepadeiras que embalsamam o seu palacio durante todo o anno.

Citaremos ainda entre as mulheres americanas que possuem maravilhosos jardins e que são jardineiras habeis: M. Walter Well cujas azaleas obtêm os primeiros premios nas exposições a que concorrem; M. Elliott Lhephard, M. Pierpont Morgan, miss Parsous, Kennedy, M. Charles Lander e M. Mortuner Brooks.

As senhoras da Quinta Avenida só se dedicaram á jardinagem por que esta constitue um passatempo caro. Salvo algumas excepções, entre as quaes miss Helen Gould, que gostam das flores pela sua belleza e seu perfume, o resto das multi-millionarias só vêem em tal occupação um meio luxuoso de gastar os dollars paternos ou conjugaes. Por isso a paixão das flores está muito abaixo da paixão das joias que, deve-se dizer, é importação europeia. Os homens de negocio, rudes e activos, dos dois primeiros terços d'este seculo não tinham nem dinheiro nem tempo para se occuparem dos *écrins* de suas mulheres. Ha vinte e cinco annos as mais ricas senhoras americanas teriam sido vencidas n'este ponto pelas mais modestas esposas dos commerciantes parisienses. Mas os jornaes d'Europa descrevendo e gabando as joias de M^{me} X. ou da duqueza de Y, suscitaram do outro lado do Atlantico a inveja; e o estimulo tornou-se em breve uma paixão que hoje tomou proporções loucas. Precisamente temos presente a descripção do collar que Jorge Vanderbilt offereceu á sua noiva no dia do casamento. Esse collar avaliado em 750000 francos compõe-se de cinco enormes rubis, da cor tão rara chamada sangue de pombo. Só essas cinco pedras valem 600000 francos isto é 120000 francos cada uma; os 150000 francos que ficam são o preço dos diamantes que guarnecem o collar.



MISS ANTONIETA GEBRARDHT
Millionaria de Louisville.

Os cinco rubis ligados por uma cadeia tão fina que é quasi invisivel estão, separados uns dos outros por seis diamantes de grande dimensão.

As joias de M^{me} Astor são avaliadas em 3 700 000 francos e comtudo o seu melhor collar não vale 60 000 francos. Este collar é do typo dito coleira, coberto inteiramente de diamantes e com uma plegada de largura. M^{me} John Astps, possui um collar de 425 000 francos em diamantes e esmeraldas semelhante a um diadema composto das mesmas pedras. M^{me} Olivier Belmont é a feliz proprietaria do famoso collar de perolas que pertenceu a Maria Antonietta, a mais admiravel collecção de perolas que existe no mundo e cujo valor é pelo menos de 200 000 francos. M^{me} Jorge Gould, alem da sua famosa collecção de rubis e diamantes possui um collar que vale 675 000

francos. O collar de M^{me} Frederic Gebhardt em saphiras e diamantes custou o mesmo preço; M^{me} Henry Sloane, tem um collar de diamantes e perolas que vale mais de 850 000 francos.



Residencia de Carlo Tiffany o grande e riquissimo joalheiro Americano em Nova York.

M^{me} Harry Whitney não perdôa a sua cunhada o crime de possuir um collar de 825000 dollars quando o seu só vale 450000 e M^{me} Mac Twombly, cujos diamantes estão avaliados em 1750000



Residência campestre de Samuel Bayne nos arredores de Nova-York.

francos, não pode occultar o seu despeito contra M. Bradley Martins cujo collar de perolas vale 1700000 francos e a *garniture* de rubis perto de 2 milhões.

O ROMANCE DE MISS GRACE STUYVESANT

A ociosidade da mulher americana é celebre. As moças de Europa, salvo raras excepções, morreriam de tédio se tivessem que resignar-se á inutilidade absoluta de suas irmans d'Alem-Atlantico. Em Inglaterra, na Allemanha, na França é muito raro que uma moça não se occupe de qualquer coisa ou que pelo menos não ajude sua mãe na gerencia ou administração da casa. Na America a donzella não faz nada nem mesmo isso porque tambem, para sua desculpa, sua mãe não faz coisa alguma.

Com effeito na maior parte das familias da Quinta Avenida, existe um personagem indispensavel que cumula os cargos de dona da casa e mestre de cerimonia e que se poderia talvez chamar o *gentleman* de ante-camara. O nome que lhe dão em New-York é o de *gentleman in waiting*. Este personagem, geralmente um velho estroina arruinado, figura que parece ter sahido de um romance de Octavio Feuillet, combina os menus dos jantares de gala, faz a lista dos convidados, elabora os planos das festas, confere as contas dos fornecedores e até ás vezes, se é necessario, dirige os *cotillons*. Este sujeito é incumbido de certos detalhes, que as mais futeis e perguiçosas senhoras europeias se envergonhariam de não fazer por suas mãos. Os dias parecem pois interminaveis ás senhoras e ás moças da Quinta Avenida, e como, por causa da sua opulencia, não querem visitar os armazens ou os *Ice-Cream-Salons* como as outras senhoras de New-York, têm que inventar, para passar o tempo, distracções especiaes e extraordinarias que não são nem da sua idade nem do seu sexo, como se verá pela seguinte narrativa que é rigorosamente authentica :

No mez de Abril do anno passado desembarcava em New-York um certo barão austriaco que tinha o seguinte bilhete de visita :

BEICHSPREIHERR VON UND ZU BISCHOFFSHAUSEN
VON BERGE NEUENRODE UND ALTENSTEIN
K. u. K. Oberlieutenant i. d. R. des Uhlanen Regiments
Alexander II, Kaiser von Russland N^o 11

Este personagem eminente, fatigado pela civilisação, viera a New-York procurar uma herdeira. Como não tinha relações n'esta sociedade particular, fôra modestamente para o Hotel Windsor e dias depois fizera inserir nos jornaes da localidade dois annuncios baratos redigidos assim :

Qual e a bonita millionaria, sem ligações de familia, de 17 a 25 annos, e digna de ser apresentada á côrte que quer casar com um rapaz de alta nobreza? As photographias e as cartas serão fielmente devolvidas. Exclusive Caixa 297.

Um formoso rapaz de alta nobreza e official, desejaria casar-se com moça muito bella e muito rica. Responder no prazo de uma semana porque o interessado partirá com o seu séquito no fim d'este tempo. Sincerité Caixa 297.

Infelizmente para o tal barão estes dois annuncios foram lidos por algumas moças millionarias que resolveram zombar do pretencioso austriaco, e a mais rica de todas affirmou « que haviam de mostrar a esse senhor que as Americanas não se deixam seduzir pelos titulos e brazões! ». Immediatamente urdiram a intriga e depois de uma correspondencia preparatoria, escolheram a photographia de uma linda mas obscura actriz e mandaram-na, sob o nome pomposo de *Grace Stuyvesant* e acompanhada de uma carta escripta á machina, a *Exclusive caixa n^o 297*.

No dia seguinte uma creada fiel foi ao correio e perguntou se havia uma carta para miss *Grace Stuyvesant*. Havia; e imagine-se a alegria, os risos das moças millionarias quando leram a seguinte carta.

A miss *Grace Stuyvesant*.

O seu formoso rosto produziu um effeito irresistivel. Pedimos-lhe pois resposta confidencialmente ás seguintes perguntas :

Qual é a sua religião? Quantos centimetros tem de cintura? Quanto pesa (em arrateis)? Gosta de musica e de dança? Canta? Toca algum instrumento? Que linguas falla? Anda em bicycletta? Monta a cavallo? Seu pae ainda é vivo e se é, que idade tem? Sua mãe é viva? Que idade tem? Tem irmãos, irmans e quantos? São casados? De que nacionalidade são os maridos de suas irmans? Americanos, Estrangeiros? Nobres ou plebeus? Dispõe da sua fortuna ou só do rendimento? A quanto monta essa fortuna? E' em dinheiro, terras, ou titulos? Tem esperanza de herdar?

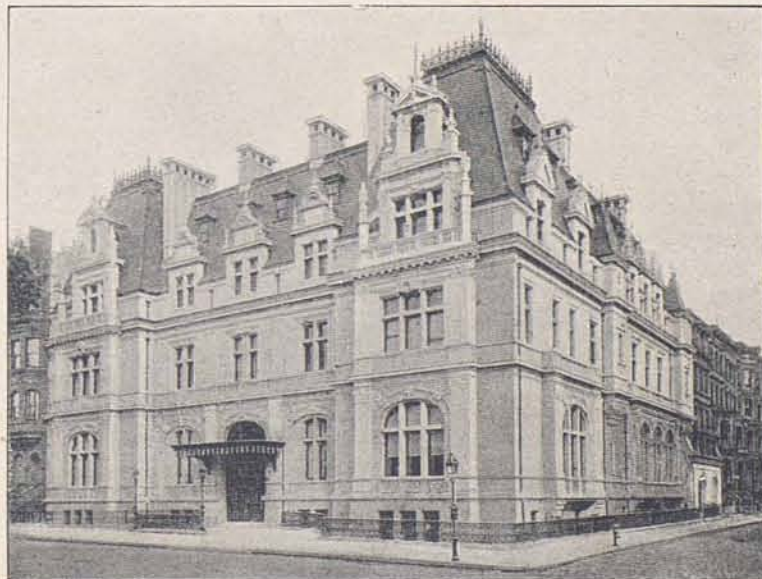
Muito respeitosamente

Exclusive Caixa n^o 297.

Durante cinco dias esta carta ficou sem resposta. As moças faziam todas as supposições possiveis a respeito da personalidade do mysterioso correspondente. *Exclusive* teve decerto medo que lhe escapasse a occasião, porque foi elle que de novo escreveu :

Miss *Grace Stuyvesant*,

Terá certamente prazer em saber que nunca ninguem ha-de saber de que modo a senhora travou conhecimento com o cavalheiro em questão, pois foi sem que elle soubesse que eu inseri o annuncio que se lhe refere. Eu, naturalmente, guardarei o segredo com a maior cautella. *Elle* jamais quereria proceder de tal modo, pois teria receio de que o casamento fosse feito só pelo seu titulo.



Residência de Jacob Astor, Nova York.

Durante um certo tempo as desculpas continuaram n'este tom. *Exclusive* annunciava para muito breve detalhes mais completos bem como a photographia do fidalgo; ajuntando que de todos os retratos recebidos o de miss *Grace Stuyvesant* era o mais admirado e o que parecia merecer a escolha. Enfim esperava-se uma resposta pela volta do correio, pois que o fidalgo e seu séquito deviam bre-

vemente partir da cidade. Esta carta dava como endereço: *W. E. L. Wishing*, caixa 28, correio de Brooklyn.

As moças millionarias resolveram não responder e durante alguns dias Grace Stuyvesant não deu signal de vida. Durante este tempo souberam que um estrangeiro tinha querido informar-se no correio do endereço de Miss Grace. Desesperado pelo resultado infructifero de suas pesquisas o nobre estrangeiro voltou aos annuncios prevenindo *Miss Grace Stuyvesant* que o moço fidalgo e sua côrte iam partir dentro de oito dias.

Ao mesmo tempo as confidencias começam. *Exclusive* escreve dizendo que não é elle o fidalgo, mas sim um simples agente matrimonial, que, sem esperança alguma de retribuição, procura um principesco noivo a uma das suas ricas compatriotas. Explica o caracter do seu nobre cliente, dá promenores, renova as perguntas da sua primeira carta e por fim manda a photographia annunciada, com a assignatura de *C. Stonel*.

Ora a photographia tinha a marca de Carl Pietzen de Berlim, onde fôra enregistrada com o numero 13912. Foi pois muito facil estabelecer a identidade do modelo. Trez semanas mais tarde, a 12 de Junho, photographia e *fac-simile* das cartas do audacioso barão austriaco foram publicadas, com todos os detalhes necessarios, n'um grande jornal de New-York. A partir d'esse momento, ninguem mais ouviu fallar de *Exclusive* nem de *Wishing, Stonel*, etc. O plano falhára e o joven official de alta nobreza, partira precipitadamente do hotel Windsor, deixando nas mãos das suas trocistas adversarias as provas da colossal *blague* de que fôra victima.

E comtudo não seria porventura desculpavel o vaidoso austriaco? A combinação que imaginara não tem precedentes? Miss Grace Stuyvesant se tivesse sido realmente uma millionaria, seria por ventura a primeira que com seu dinheiro comprasse uma corôa? Miss Anna Gould não casou com o conde Boni de Castellane? Miss Consuelo Vanderbilt não é hoje a duqueza de Malborough, da familia pois da rainha de Inglaterra? E a condessa de Essex e *lady Grey-Egerton* e a princeza de Hatzfeld não são todas originarias da Quinta Avenida?

Será preciso citar mais nomes? Miss Farbes casou-se com o conde de Choiseul-Praslin; miss Litta Gardner é hoje marquesa de Breteuil; miss Maud Elly Godard, é princeza Charles Poniatowska, miss Marie Hoffmann: marquesa de Morés; as duas filhas de Singer: Winnarella casou com o principe de Polignac e sua irmã Isabel com o duc de Decaze; *Madame Frederic Stevens* trouxe, em dote, ao duque de Dino 35 milhões de francos.

A America tem, como se sabe, dado ás suas filhas que casaram na Europa cerca de 200 milhões de dollars, dos quaes só a França absorveu metade. Mas a aristocracia ingleza tem a primazia, no valor de cada dote se exceptuarmos o de miss Anna Gould que trouxe ao conde Boni de Castellane 75 milhões de francos; miss Consuelo Vanderbilt que deu ao duque de Malborough 50 milhões; e *M^{me} Marshall O. Roberts* que casando-se enriqueceu o coronel Ralph Vinian de 60 milhões de francos.

Somos pois forçados a confessar que até hoje as herdeiras dos nossos multi-millionarios preferiram um marido nobre da Europa a um Americano da sua sociedade.

Parece pois que uma nova orientação se produz actualmente,

talvez porque estas uniões da nobreza nem sempre dão a felicidade desejada. Os filhos das grandes familias europêas que consentem por necessidade a misturar-se á rica burguezia ficam talvez com um certo despeito que naturalmente, mais tarde, não podem occultar a suas mulheres.

N'este momento toda a gente lastima profundamente a infeliz duqueza de Malborough. Não é porque o marido não faça tudo que é possivel para a tornar feliz e seja tão amoroso e affavel como no dia de noivado. Não é tambem porque a immensa fortuna d'este par principesco tenda a diminuir, pelo contrario todos os dias augmenta consideravelmente. Então porque? A duqueza de Malborough tem uma rival! No coração de seu marido? Nada; isso não seria coisa de importancia, nem as boas almas da Quinta Avenida se enterneceriam por semelhante bagatella. A rival de que se trata só procura sobrepujar a duqueza de Malborough no fausto e luxo que esta julgava poder exercer sosinha.

Esta rival é miss Jenine Chamberlain, de Cleveland (Ohio) que acaba de casar com o barão inglez Naylor Leyland. O dote de lady Naylor Leyland tinha alguns milhões de menos que o de miss Consuelo Vanderbilt, mas seu marido possuia pessoalmente uma fortuna muito superior á do duque de Malborough. Por isso logo que miss Chamberlain desembarcou na Inglaterra, manifestou altamente a sua intenção de fazer com que o barão entrasse na camara dos Lords e de pessoalmente reinar sobre a alta sociedade ingleza, o que em parte já conseguiu. O palacio que ella acaba de fazer construir em Londres — Hide Park House — passa por ser o mais admiravel de toda a metropole, superioridade que até então fôra dada ao de lady Randolph Churchill. A duqueza de Malborough, muito despeitada, annunciou que ia mandar fazer melhor ainda; mas como, até hoje, os trabalhos não foram começados, pensa-se em geral que essa intenção não passa de uma fanfarronada e que lady Naylor-Leyland pode dormir tranquilla.

Esta rivalidade e suas causas descobrem maravilhosamente a mentalidade particular das filhas dos nossos multi-millionarios americanos. Para ellas a felicidade perfeita consiste na supremacia do luxo seja qual a forma e de qualquer modo que se manifeste. Se por exemplo miss Astor, desembarcou em New-York trazendo cem vestidos e se então vem a saber que miss Gaelett ou miss Twonbly traz cento e dez, é capaz de nem abrir as suas malas. No anno passado miss Territ que tinha levado para New-York uma soberba parelha de cavallos de 4200 dollars soube que miss Grace Wilson devia guiar uma parelha que viera directamente de Inglaterra e custara 6000 dollars. Immediatamente miss Territ mandou os seus cavallos para New-York e ia tendo um ataque de



MADAME MARTIN

Grande millionaria de Nova-York.

A CONQUISTA DE NEWPORT

Ha dois annos chegou á praia da moda de New-York uma tal *M^{me} Potter Palmer* de Chicago que tinha alugado um modesto *cottage* chamado Arleigh situado na avenida Bellevue a dois *blocs* de Ocean House, *M^{me} Potter Palmer* tinha na sua companhia uma moça, sua sobrinha, miss Julia Dent Grant que fazia as honras da casa.

Com muito boa vontade teriam sido postas de parte, senão tivessem cartas de introdução para as maiores celebridades da sociedade millionaria que as receberam não nas reuniões intimas, mas pelo menos nas grandes festas. No anno seguinte, em 1897, M^{me} Potter Palmer voltou com sua sobrinha para o *cottage* Arleyh. D'esta vez não a receberam com cordialidade, mas indagaram quem seria.

— Quem é afinal esta M^{me} Potter Palmer? perguntava M^{me} Vanderbilt a M^{me} Stuyvesant.

— Parece-me que o marido tem um hotel em Chicago.

— Ah!...

Mas no anno findo, 1895, M^{me} Potter Palmer aluga a esplendida propriedade de M. Theodoro A Havemeyer, por 100 000 fran-

sideravel. Antes do famoso incendio de Chicago os seus predios rendiam-lhe um milhão de francos por anno. A catastrophe arruinou-o totalmente, mas sua mulher conseguiu debelar a crise hypothecando os terrenos onde existiam os predios. Hoje a sua fortuna é avaliada em 600 milhões. Possui em Chicago, perto do lago, um palacio enorme, mas vai fazer construir outro em New-York mais luxuoso e mais vasto, porque sua mulher, depois do triumpho de Newport, só deseja forçar as barreiras dos *Quatro centos* e fazer uma entrada triumphal na sociedade das multi-millionarias. A batalha será renhida, mas M^{me} Palmer provou muita vez que não é mulher que desanime. Durante a sua viagem na Europa, a que já nos referimos, conseguiu ter relações de verdadeira amizade não só com a familia real belga mas tambem



A Peregrinação a Cantorbery, por Sewell

Na residencia de Verão do snr. J. Gould em Lakewood.

cos. Ao mesmo tempo sabe-se que o principe Alberto da Belgica chega proxicamente. Ora M^{me} Potter Palmer que fizera outr'ora uma viagem á Europa como Presidente do Comité das Senhoras na Exposição de Chicago tivera a honra de ser apresentada a diversas familias reaes e entre ellas á da Belgica; o principe Alberto pois, ao desembarcar em New-York, foi pedir a hospitalidade de M^{me} Potter Palmer. Este acontecimento causou grande sensação tanto mais que o principe prolongou a sua estada durante uma semana! D'esta vez a frieza geral desapareceu como por encanto. E depois miss Julia Dent Grant é muito bonita, uma das mais lindas moças de Newport, e o principe foi impressionado por esta belleza e não o occulta. De modo que já por toda a parte se annuncia o seu casamento com a sobrinha de M^{me} Palmer; e, como o principe Alberto é o herdeiro presumptivo do throno da Belgica, quem sabe se esta moça, tão desdenhada o anno passado, virá a pôr sobre a cabeça uma corôa real!

Quem é afinal miss Patter Palmer? Antes de casar chamava-se Miss Bertha Honoré, de Louisville (Kentucky). Sua familia de origem franceza era muito estimada dos conterraneos. Em 1871 casou com M. Potter Palmer que tinha ganho uma fortuna con-

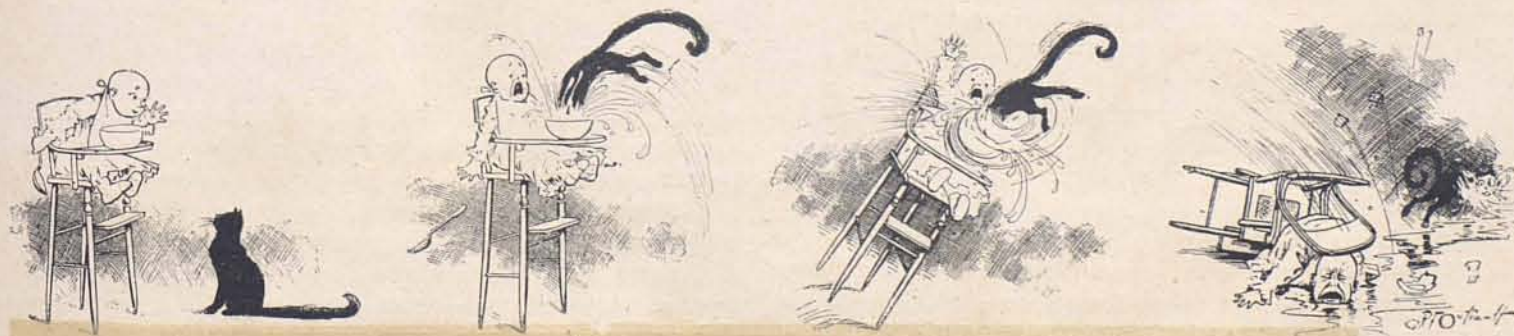
com a Rainha d'Italia, com o Papa e com o principe de Galles.

O que prejudica M^{me} Potter Palmer é ser de Chicago. Os habitantes da Quinta Avenida não são nem querem ser de Chicago. Os *knickerbockers*¹ e os novos millionarios combinar-se-hão de certo para luctar contra as audaciosas tentativas d'aquella, que apenas ha seis mezes, chamavam « a mulher do creado do hotel », ou antes, com mais desdem, a *taverneira*. M^{me} Potter Palmers conseguirá o que quer? Não quero ser propheta, mas todas estas resistencias desapareceriam se o principe Alberto da Belgica casasse com miss Julia Dent Grant e subisse ao throno de seu tio. As mais altivas das nossas aristocratas do dollar, logo se rojariam aos pés da *taverneira*, que seria a tia do rei da Belgica. Singular democracia a nossa!...

L. DE NORVINS.

Da *Revue des Revues*.

1. Este nome quer dizer *calcão* e designa as antigas familias americanas que pretendem descender dos primeiros colonos que desembarcaram do navio *Mayflower* em 1620 nas costas da Nova Inglaterra.



O GATO E O BÊBÊ.

O RAS MANGACHA

SONHANDO, talvez a constituição de um reino independente e uma corôa de soberano livre, Mangascha, ras do Tigré e um dos mais valentes generaes da Ethiopia, revolucionou-se contra a authoridade de Menelik, sublevando, com elle o bellicoso povo d'essa rica provincia tigrina visinha da colonia italiana da Erythrêa.

A noticia d'essa revolta produzio grande sensação em Adis-Aba, capital do imperio africano e um numeroso corpo de exercito com mandado pelo fiél Makonen foi por ordem de Menelik enviado contra o governador rebelde com ordens de saquear o paiz, destruir os insurrectos e trazer vivo ou morto aos pés do descendente de Salomão o chefe desleal que ousara sublevar-se contra o negro mas poderoso Imperador.

A principio, os telegrammas confusos e contradictorios indicavam Mangascha como o instrumento da politica Italiana na Africa. A imprensa Francesa, apressou-se em annunciar uma recrudescencia de espirito na Abyssinia contra as intrigas da Italia, e os jornaes de Paris completando os detalhes d'essas pretendidas historias assignalavam, a partida de Menelik, de Adis-Aba á frente de cincoenta mil homens, para vir novamente percorrer o theatro da ultima guerra de 94-95, ameaçando a Erytrêa de uma nova invasão.

Em Roma estas noticias causaram inesperada surpresa e a opinião publica recordando-se dos recentes desastres da ultima campanha; ficou possuida de um certo panico. Mas felismente, tudo não passava de um grande boato que a imprensa parisiense e francesa tinha querido explorar, contra a politica colonial Italiana. A revolta de Mangascha foi um acto exclusivamente proprio e os governadores militares da Italia na Africa e muito menos o governo de Roma, nada tinham a ver com a rebellião do ras Abyssino.

A victoria do soberano foi completa e esmagadora para o seu bellicoso e irrequieto vassalo.

As primeiras noticias faziã crer que Mangascha, fortemente provido de recursos e armas, repelliria as tropas de Makonen ameaçando por uma offensiva ousada o poder e o prestigio militar de Menelik. Mas apoz uma curta campanha todas essas pretensões desvaneceram-se e mais uma vez affirmou-se a solida organisação e a enorme authoridade e dominio que o actual Imperador da Abyssinia soube impor a esse vasto paiz.

O clero que é uma força respeitavel na Abyssinia, representou

um grande papel na pacificação d'essa provincia revolucionada e foi mesmo o grande capelão de Menelik, personagem que se diz descendente de David, o principal intermediario entre o Imperador e Mangascha.

O prestigio d'esse sacerdote é enorme em todo o paiz e pode-se mesmo diser que apoz o ras Makonen é o funcionario de mais influencia junto a Menelik que o considera como uma pessoa sagrada.

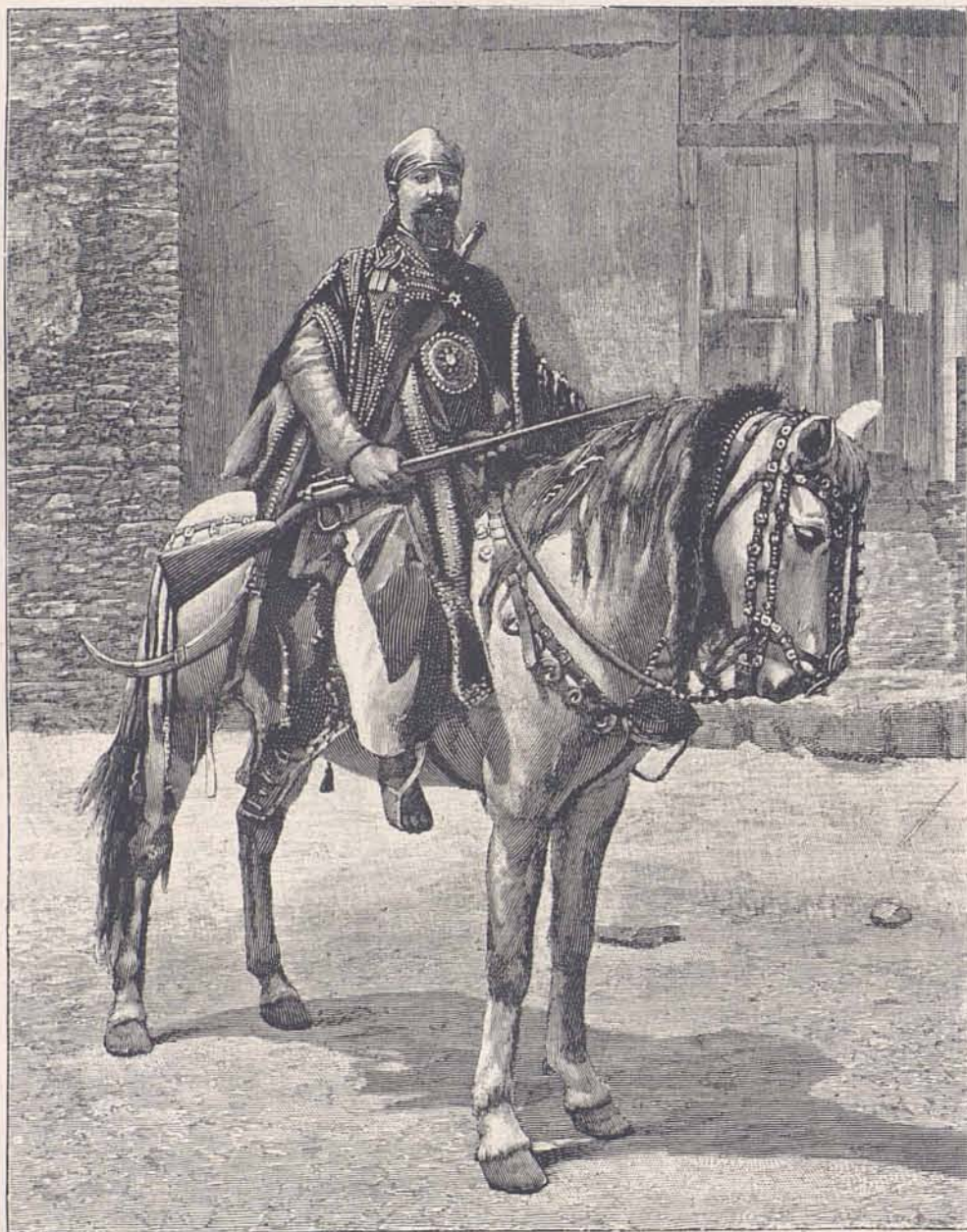
Makonen á frente do seu exercito invade o Tigré, destruindo e aprisionando tudo quanto encontra deante de si; desbarata

em alguns combates a vanguarda dos revoltosos e prosegue a sua marcha invasora até á capital da provincia sublevada onde apoz alguns dias de escaramuças e de rigoroso sitio, Mangascha capitula, sendo conduzido para Warrailou onde despido de suas insignias de ras, desarmado e com uma pedra ao pescoço, (suprema humilhação infligida a um grande abssinio) foi submisso e demoralizado, ajoelhar-se aos pés de Menelik, beijando penitente e humilde as sandalias imperiaes. De Warrailou será conduzido sob numerosa escolta á cidade sagrada d'Axoum, a mais antiga capital da Ethiopia e berço das mais veneraveis tradições d'esse paiz. Diz a historia da Abyssinia que a arca santa e o tabernaculo, arrebatados do templo de Salomão pelo primeiro Menelik, descendente do rei de Israel e da rainha de Sabá foram depositados em Axoum,

onde a tradição pretende que até o decimo sexto seculo ainda ali se conservavam.

Axoum foi tambem até ao começo d'este seculo a cidade onde se coroavam os reis dos reis, titulo dos imperadores da Ethiopia. Cincoenta gerações de soberanos assentaram no throno de gypre; n'esse mesmo throno sustentado pelas quatro magestosas columnas angulares e no qual o rei João, ha uns trinta annos presidia por algum tempo as grandes cerimoniaes religiosas fazendo reviver na velha cidade um passageiro esplendor das suas glorias primitivas.

E' n'este lugar santo e venerado que Mangascha virá prestar novo juramento de fidelidade a Menelik e como o perdão é quasi obrigatorio na Abyssinia elle o alcançará do Imperador, sendo provavelmente mais tarde quando o seu crime for em parte esquecido, nomeado para um governo de um territorio qualquer secundario, pois a sua bella provincia do Tigré já foi por edito imperial entregue ao sempre fiel e dedicado ras Makonen.



O RAS MANGACHA.

CONDE DE CAPRIVI

O GENERAL conde de Caprivi successor do grande Bismark no difficil posto de chanceler do imperio Allemão, não sobreviveu de muitos mezes ao velho e glorioso estadista prussiano. Jorge Leão Caprara de Montecuculli, conde de Caprivi, pertencente a uma nobre familia de origem slava, vinda das margems do Adriatico, nasceu em Berlim em 1831.

Entrou para as fileiras do exercito em 1849 e em 1866 fez como tenente a campanha d'Austria sendo promovido a capitão por feitos de guerra.

Coronel e chefe do estado-maior do decimo corpo do exercito em 1870, salientou-se nas grandes batalhas que se feriram deante de Metz e de Orleans. Promovido general de brigada em 1878 e general de divisão em 1882, Guilherme II, fez n'essa epocha d'esse rude soldado um marinheiro, dando-lhe o titulo de vice almirante e nomeando-o chefe da repartição da marinha do Imperio.

Caprivi, obedeceu sem o minimo protesto, ás vontades do soberano e dedicou-se sinceramente á reorganisação e desenvolvimento das forças navaes da Allemanha. Antes de tudo soldado, elle acreditava que a supremacia militar da sua patria devia ser sempre como grande potencia continental e partindo d'esse principio, trabalhou para dotar a frota nacional de crusadores velozes, recusando sancionar a construcção dos grandes encouraçados que viriam sobrecarregar o orçamento e desequilibrar assim as despesas necessarias e forçadas dos continuos armamentos do exercito.

Já n'essa epocha começavam as exigencias do partido naval, que tem hoje no Imperador um fervoroso propagandista. Caprivi, independentemente da sua correctissima e intelligente administração, oppoz decidida resistencia a essas pretensões, preferindo se demittir do seu importante cargo, quando certificou-se que a influencia do soberano não era alheia ás custosas pretensões do almirantado allemão.

De ministro da marinha passou de novo a ser chefe, partindo para o Hannover onde assumio o commando do decimo corpo do exercito.

Foi n'esse posto, que Guilherme II, veio buscal-o para succeder a Bismark, inaugurando com o novo chanceler uma politica completamente differente e opposta á maioria dos principios estabelecidos e proclamados pelo velho fundador da unidade allemã.

A era Caprivi, encarada constitucionalmente foi salutar e calmanete para as relações exteriores da confederação germanica, e relativamente liberal e tolerante no governo interior do paiz. Durante o seu governo as leis repressivas fabricadas por Bismark para aniquilar os socialistas allemães, foram quasi revogadas; as provincias polacas sujeitas a um constante estado de sitio, respiraram livremente e o severo regimem dos passaportes que tornava a Alsacia e a Lorena inhabitaveis, foi completamente supprimido.

Caprivi, ainda inaugurou uma nova politica commercial, favorecendo na medida do possivel a retirada das tarifas proteccionistas que impediam o desenvolvimento de certas industrias importantes e provocavam represalias por parte dos governos estrangeiros. Essa foi uma das ultimas medidas liberaes da sua administração e a causa principal da futura desgraça do chanceler.

O poderoso partido agrario, não perdoou ao conde de Caprivi essas leis que segundo elle, favoreciam o estrangeiro em detrimento dos grandes proprietarios allemães e especialmente dos grandes senhores prussianos.

Uma forte cabala foi organizada contra o estadista que a titulo de liberalismo, disiam os nobres proprietarios, estava conducindo as finanças e a agricultura do paiz a uma completa ruina.

A camarilha imperial que já não via com bons olhos as constantes reformas do chanceler, associou-se de bom grado á opposição levantada pelos agricultores, organisando por sua vez em torpo de Guilherme II uma incessante intriga contra o seu primeiro ministro.

As consequencias dessa campanha de cortezões não se fiseram demorar e alguns mezes depois, Caprivi, cahia em desgraça, recebendo sem o minimo protesto, das mãos do seu soberano a demissão do alto cargo que elle não sollicitara.

Antes de tudo, general correcto e impecavel, Caprivi obedeceu militarmente, resignando as suas funções, com a mesma tranquillidade que as tinha assumido em cumprimento de uma ordem do Imperador.

Um dos familiares d'esse grande homem contava do mesmo a seguinte e espirituosa anecdota. Alguns annos antes sahia o general de uma soirée ás tres horas

da manhã e passando em frente da secretaria do imperio vira que no gabinete de Bismark ainda havia luz, para o que chamou a attenção dos seus amigos disendo-lhes « o pobre Bismark ainda trabalha, respeitavel imbecil será aquelle que aceitar uma tão agradavel successão. »

Quando mais tarde o general de Caprivi recebia as felicitações pela sua elevação ao posto de chanceler respondera sorrindo aos seus companheiros da soirée, « meus caros amigos, com pesar declaro-lhes que conheço perfeitamente o grande imbecil do qual ha tempos fallamos. »

Não pode haver comparação entre o governo de Caprivi e o de Bismark..

O primeiro foi um simples ministro executando uma nova politica que o soberano desejava experimentar, emquanto que Bismark foi o verdadeiro senhor da Allemanha e o unico systema de governo aceitavel era aquelle que entendia praticar o velho *hobereau* prussiano.



CONDE DE CAPRIVI

Ex-Chanceler do Imperio Allemão † a 14 de Dezembro de 1898.

A Ilustre Casa de Ramires

Continuado do n.º 27.

Gonçalo mal dormira revolvendo pelo quarto até de madrugada colericamente, uma amargura nova. Era, a nova e roedora certesa, de que atravez de toda a sua vida, desde o collegio, de S. Fiel, não cessara de soffrer humilhações. Elle tão attento em não magoar sensibilidades constantemente recebera na sua sensibilidade, pancadas implacaveis. E para accrescimo de soffrimento, todas lhe vinham d'aquelles a quem s'abandonnara com mais confiança e carinho ou então resultavam de actos seus muito simples, muito naturaes e tão facéis para todo o homem como o vôo para uma ave, e só para elle sempre errissados de surpresas dilaceradoras. Logo, á entrada da vida è Andre Cavalleiro o irmão da sua escolha, trasido por elle para a doce intimidade da Torre que se apodera do coração de Gracinha, infamemente a abandona. Depois concebe o desejo banalissimo de penetrar na Vida Política, e logo, o Destino o entala, o esgana, o força á humilhação de se arrastar de s'accolher á sombra forte do homem que durante annos detestara e chasqueara. Depois sua irmã d'uma Casa certamente decahida mas onde ao menos as mulheres sempre mantinham o sereno brilho da pureza, que cede a um amante, quasi sem lucta, na primeira tarde em que se encontra com elle na sombra favoravel d'um caramanchão!...

Atravez d'estes baldões, como se elles não bastassem, sempre uma fatalidade physiologica, uma irremediavel fraqueza da carne arrepiada o obriga deante de toda a ameaça de qualquer perigo a recuar, a fugir... A fugir do Casco que o assalta com uma foice, por que elle não quisera desvalorisar a sua velha quinta historica. A fugir deante de um malandro de suissas louras que o injuria, no meio d'uma estrada povoada, sem motivo, para meramente ostentar pimponice e valentia... E agora pensa em casar com uma mulher que lhe traria uma grande belleza, com uma grande fortuna, — e immediatamente um amigo passa e lhe grita — « A mulher que escolheste è uma marafona cheia d'amantes! » De certo essa mulher não a amava com um amor nobre e forte, e a sua riqueza não o deslumbrava bastante para que atraves de toda aquella scintillação de contos de reis, não lhe percebesse todas as deficiencias, de cultura e raça...

Mas enfim pensara em accomodar nos braços d'ella muito confortavelmente, a sua vida : — e logo desabava com esmagadora pontualidade, a humilhação costumada! Ah realmente o Destino malhava sobre elle com ferocidade injusta. E n'uma vida tão curta — como se allongavam, sombrias e grossas as decepções!

Por noite longa revolveu estes pensamentos, apertando desoladamente as mãos, no silencio do quarto mal allumiado, murmurando. — « Pobre de mim! — pobre de mim! — » E depois de se despir, tão melancolicamente á borda do vasto leito de pau preto, como á borda d'uma sepultura, enterrou a face no travesseiro com um suspiro, um longo suspiro de piedade enternecida de quasi chorada compaixão por aquella sua sorte tão contrariada e sem socorro. Depois já meio adormecido, ainda confusamente contrastava essa vencida sorte com a de todos os seus avós os grandes Ramires cantados pelo Videirinha, todos elles, se o Canto não mentia, de vidas triumphaes, e magnificas. E então, no cançasso de toda essa tristesa, e atraves das palpebras já cerradas surprehendia, na treva do quarto surgindo da treva logo sumidas, as faces d'esses velhos Ramires, umas com alvas barbas ancestraes, outras com esplendidas cicatrises, algumas flamejando como no ardor d'uma batalha, muitas soberbamente serenas como a d'um triumphador n'um cortejo...

Lentamente as fugitivas mascaras ganhavam solidez e relevo; e os corpos emergiam da sombra, com as suas armaduras de malha com os seus gibões de brocado, fortes e cheios da vida inesperada que os reanimara, formando em torno do leito como a assembleia magnifica da sua Ascendencia resurgida. Sem temor espreitando por sobre a borda do lençol, Gonçalo reconhecia alguns d'esses avós lendarios.

Rente á columna do leito Diogo Ramires o trovador segurava o pendão real de Castella, por elle arrancado ao Adiantado mór de Galliza na radiosa manhã de Aljubarrôta! O outro tão velho e formoso que sorria, estendia o braço, era Egas Ramires, negando accollida no seu solar, a El-Rei D. Fernando e á adultera Leonor. Perto da cabeceira, tão perto que elle sentia o ranger dos braços de ferro, Paio Ramires aprumava a lança, para correr ao Egipto, salvar S. Luiz Rei de França! E Paulo Ramires, pagem do Guião nos campos fataes de Alcacer, sem elmo, rotas as armas, mostrava na face, moça, de donsel, a doçura grave d'um avô enternecido...

Então Gonçalo n'um arrastado gemido de fraco que implora murmurou todos esses ressoantes nomes d'avós, tão costumados em Lenda e Chronica. E eis que subitamente Paio Ramires, lhe estende a lança, que faiscou na treva. « Neto, doce neto, toma a minha lança; E logo outro, mais vago, dos mais esforçados da linhagem, lhe offerece uma immensa espada escura. « Toma tambem, oh neto, esta espada, que tanto lidou em Ourique! »

Todos então, alvoroçadamente se moveram como sombras n'um vento forte — e alvoroçadamente lhe apresentavam montantes disformes, ascumas de denegrido ferro, achas d'armas com o fio embotado, punhaes curtos d'onde ainda pingava sangue.

Era em torno do leito um tumultuoso reluzir e retinir de ferros heroicos... E todos confusamente gritavam : — Oh neto, toma as nossas armas — e vence a hoste inimiga! » Mas Gonçalo, erguido sobre o cotovello, espalhava os olhos tristes pelas sombras ondeantes, e tristemente volvia : — Oh Avós, de que me servem as vossas armas — se me falta a vossa alma? »...

Quando accordou, tarde com a enredada lembrança d'um pesadello, em que fallara a mortos, saltou da cama, escancarou a janella. E o brilho calmo e penetrante da manhã de Setembro, tanto generoso sol dourando o torrão mais lodoso, tanto azul sem prega ou mancha, o arvoredito ditosamente banhado em luz e doçura, o forte cimo das collinas harmonioso e nunca abattido, — deram bruscameta a sua alma uma estranha animação, e como um são e rasgado desejo de resistencia e d'esforço! Santo Deus, na vespera quasi chorara, como creancinha muito amimada a quem a mãe larga a mão, n'uma rua segura on nega um fructo que um bicho roeu!... Não, não queria ser a creança que fecha os punhos sobre os olhos e se encolhe e soluça por que lhe escapou a maça roida, ou pressente a solidão! E na verdade o seu mal fôra sempre a sua fraqueza...

Essa fraqueza que o deixava como travado, sem idea e sem gesto, deante de qualquer cancella cerrada! Essa fraqueza que o vergava, logo submisso sob qualquer influencia, como uma espiga, sob qualquer vento vago!...

Por que a prima Maria, uma tarde detraz do leque, lhe aconselha, talvez brincando, que se interesse pela D. Anna, logo elle começa em risonha obdiencia, a rondar a D. Anna com a cabeça atulhada d'illusões e d'esperanças. E essa desgraçada Eleição? Quem o empurrara para a Eleição, e para a reconciliação indecente com o Cavalleiro e, para todos os desgostos d'ahi manados? O Gouveia, só com leves parolas, murmuradas por sobre o cache-nez, á pressa, a subir a Calçadinha!

Homem de tal natureza, por mais bem dotado no espirito è massa inerte, a que o Mundo, constantemente imprime formas varias, e contrarias. O João Gouveia fizera d'elle um candidato servil. E o Manoel Duarte, poderia faser d'elle um beberrão immundo! Que miseria! E todavia o Homem só vale pela Vontade — só no exercicio da Vontade reside o goso da Vida... Por que se a Vontade bem exercida encontra em torno submissão — então é a delicia do dominio sereno : se encontra em torno resistencia, então é a delicia maior da lucta interessante. Só não pode haver gozo, forte, e viril, na inercia que se deixa arrastar, mudamente, com um silencio e a macieza de cera... Mas por Deus! elle que descendia de tantos varões famosos pelo Querer — de certo conservaria

ainda algures escondida no seu ser, como uma braza n'um montão de cinsas, um atomo d'essa energia hereditaria... Sim talvez! mas não era alli em Santa-Irenea, em Villa Clara n'aquelle monotono apagado viver, que jamais a fagulha despertaria, saltaria, resplandeceria em chama! Pois bem, mais nobre esforço, mais luminosa virtude, se elle, n'aquelle abafado canto de aldeia, elle enrijasse a vontade, lentamente, pelo exercicio paciente como se enrija um musculo, e se elevasse á antiga fortaleza da sua raça sem esperança de proveito ou gloria, e só pelo sereno contentamento de não desmerecer da raça!...

Assim phantasiava, assentado á janella, respirando a manhã formosa, com o roupão de flanela mal abotoado. E d'estas phantasias sorria, incredulo e desconsolado — ao puchar a campainha, com um puchão forte. O Bento não tardou com a infusa da agoa quente para a barba. E acostumado ao acordar alegre e conversador do Fidalgo tanto estranhou o seu silencioso mover pelo quarto, com a face enrugada, que desejou logo saber se o Snr Doutor passara mal a noite...

— Pessimamente! foi a secca exclamação.

Bento observou que certamente lhe fiseram mal o cognac de muscatel. Cognac muito adocicado, muito excitante. Bom para o Snr D. Antonio, homem todo musculo, todo osso. Mas o Snr Dr, assim nervoso, nunca devia tocar no cognac.

Gonçalo saccudiu os hombros, com impaciencia.

— Homem, não des tantas leis. Bebo o cognac que preciso e que quero.

Ao mesmo tempo, com a ponta dos dedos, experimentava a agoa na infusa.

— Esta agoa está morna exclamou logo com viveza ja me tenho fartado de diser, para a barba, preciso sempre agoa a ferver.

O Bento, gravemente mergulhou tambem o dedo na agoa :

— Pois esta agoa está quasi a ferver... Nem, para a barba, a agoa necessita estar mais quente.

Então Gonçalo encarou o Bento, battendo o pé no soalho com uria. Sempre, objecções, sempre leis!

— Pois vae immediatamente buscar outra agoa! Quando eu peço agoa a ferver, pretendo que venha em cachão. Irra! tanta sentença. Eu não quero moral, quero obediencia!

O Bento considerou Gonçalo, atraves d'um espanto que lhe affogeara quasi lhe oupara a face. Depois lentamente, em silencio, com magoada dignidade, empurrou a porta, levando a infusa. E ja Gonçalo se arrependia da sua brutalidade... Coitado, não era culpa do pobre Bento se a sua vida lhe andava tão estragada e saccudida. Mas sempre, aquella teima de se impor, de decidir... Emfim coitado conservava a tradição dos velhos aios. E realmente, o direito e fallar paternal que se arrogava, bem o merecia por tão longa tão amavel dedicação.

E quando o Bento, ainda vermelho, reapareceu com a infusa fumegante, Gonçalo logo, recomeçou docemente, para o adoçar :

— Está o dia muito bonito, hein, Bento!

O velho murmurou seccamente, ainda amuado :

— Está bonito.

Gonçalo ensaboava a face, nervosamente, todo no desejo unico agora de reatar com o Bento, de lhe restabelecer a tyrannia amavel.

Por fim :

— Pois se achas assim bonito, vou dar um passeio a cavallo antes d'almoço... Que te parece? Talvez até me faça bem aos nervos.

...Com effeito, talvez fosse do cognac. Olha, oh Bento, então, se te parece fase favor, e grita ahi ao Joaquim que me tenha a agoa prompta immediatamente. Talvez me acalme, uma galopada...

E depois do rapido banho, em quanto se vestia, desabafou inteiramente com o Bento :

— O que eu verdadeiramente precisava para me calmar, Bento, não era um passeio, era uma jornada... Estou farto da eterna Villa Clara, da eterna Oliveira...

O Bento, ja reconciliado, lembrou que o Snr Doutor tinha brevemente uma jornada, e bonita. A volta a Lisboa, para as côrtes.

— Eu sei lá se vou ás côrtes, homem! Não sei nada; tudo falha... Qual Lisboa. O que eu necessito é uma grande viagem, á Russia, á Asia-Menor, a terras onde haja aventuras.

O Bento sorriu superiormente d'aquelle phantasia. E apresentando ao Fidalgo o jaquetão de velvelma cinsenta.

— Com effeito lá na Russia parece que não faltam as aventuras... E alli anda tudo a chicote... Mas aventuras Sr Dr. até a gente as encontra a sahir a porta... Olhe! o paesinho de V. Ex^a que Deus haja, foi aqui ao sahir o portão que teve a bulha com o Dr Avelino da Rosa, que lhe atirou a chicotada e que levou a punhalada no braço...

Gonçalo calçava as luvas d'anta, mirando o alto espelho :

— Pobre Papa! coitado! tambem teve pouca sorte... E por chicote, oh Bento, dá cá aquelle chicote de cavallo marinho que tu hontem estavas a arear... Parece que é uma boa arma...

Ao sahir o portão, o Fidalgo da Torre mettu a agoa, sem destino, a passo lento pela estrada dos Bravaes. Mas defronte do Casal Novo, onde dous pequenos jogavam á bola, pensou em visitar n'essa manhã o Visconde de Rio-Manso. Até, de certo lhe concertaria e pacificaria os nervos, a companhia d'aquelle amavel generoso velho. E se elle o convidasse a almoçar gastaria por lá os seus cuidados visitando essa fallada quinta da *Varandinha* e cortejando a Snr. D. Rosinha.

Gonçalo sabia apenas confusamente que a *Varandinha* ficava algures entre Nacejas e a espalhada aldêa de Canta-Pedra.

E tomou o caminho velho que parte das carvalheiras do Casal Novo, e penetra no valle, entre o cabeço d'Avellan, e as ruinas do Mosteiro de Ribadaes no solo historico onde Lopo de Bayão derrotara a mesnada de Lourenço Ramires. O caminho enterrado, ora entre vallados ora entre muros, não offerecia belleza, mas a macia manhã de azul muito transparente, de sol muito leve, já repassada de suavidade outomnal aligeirava finamente a alma. Como apenas as dez tinham battido na Igreja de Bravaes, Gonçalo não se apressava, até parou, a accender pachorrentamente um charuto, rente d'uma fonte, com o seu tanque quadrado de pedra já gasta pelo roçar das bilhas e pelo batter das roupas, sob a ramagem de duas nogueiras antigas. E teve uma surpresa, reparando que uma pedra d'armas por sobre a bica de bronze era o seu Açor enorme, d'azas muito abertas de garras ferozmente aduncas. Talvez aquellas terras outrora pertencessem á Casa : — ou algum dos seus avós beneficos, posera aquella agoa a correr, na solitaria encruzilhada, para bem dos homem e dos gados... O caminho depois alteava entre campos ceifados. As medas lourejavam altas e cheias por aquelle anno de fartura, e ao longo dos telhados baixos d'algum logarejo, vagarosos fumos subiam direitos e claros no brilho immovel da luz dourada. Lentamente, como aquelles fumos distantes, Gonçalo sentia que todas as suas melancolias lhe deixavam a alma, se perdiam tambem no azul lustroso. Uma revoada de perdizes ergueu o vôo, baixo d'entre o restolho.

Gonçalo alegremente galopou sobre ellas, gritando vergastando o ar com o seu forte chicote de cavallo-marinho que zenia como uma fina lamina. Bruscamente adiante o caminho estreito virava, e n'um cotovello tão agudo que o Fidalgo recebeu desviar de Canta-Pedra.

Então picou a agoa, com pressa de encontrar povoado ou casal onde s'informasse da quinta do Rio-Manso. E justamente n'outra volta do atalho, avistou ao fundo, para alem d'um muro desmantelado uma casa, onde o sol faiscava sobre a cal nova. Era uma casa terrea, com porta baixa entre duas janellas envidraçadas precedendo um quinteiro onde uma immensa figueira alastrava a ramagem por sobre o telhado remendado. Defronte no vasto terreo que se alargava e em que jazião cantarias soltas, uma pilha de traves, pilares de latada deitados, passava uma estrada, que pareceu a Gonçalo a de Corinde. Para alem eram chãs e lameiros : — e nenhuma outra casa povoava aquella solidão fertil.

Sentado n'um banco, junto da porta, com uma espingarda encostada ao muro, um rapaz, grosso, de barrete de lã verde, acariciava pensativamente o focinho d'um perdigueiro. Gonçalo parou.

— Tem a bondade!... Sabe por accaso qual é o bom caminho para a quinta do Sn. Visconde de Rio-Manso, a *Varandinha*.

O rapasote ergueu a face morena dura, de buço leve, remecheu vagamente no carapuço.

— Para a quinta do Rio-Manso... Siga pela estrada até á ponte, depois metta, á esquerda, pela alameda, sempre junto da ribeira. E adiante, depois de passar o ferrador...

Mas n'esse instante assomava curiosamente á porta um homem airoso de suissas lours; e Gonçalo, com um sobresalto reconheceu logo o caçador que o injuriara na estrada de Nacejas, o assobiara uma tarde, á porta da venda do Pintainho... O homem apenas relanceou seccamente o Fidalgo. Depois, com a mão encostada á humbreira, chasqueou o rapasote.

— Oh Manoel, que estás tu ahi a ensinar o caminho, homem! Este caminho por aqui não é para asnos!

Gonçalo sentio a esfriada pallidez que o cobrio e todo o sangue no coração n'um tumulto confuso que era de raiva e desmaio. Um novo ultrage, vindo do mesmo homem, sem motivo sem provocação! Apertou os joelhos no sellim para galopar. E a tremer n'uma voz velada quasi estrangulada que tambem tremia :

— Você mecê é muito atrevido! E já pela terceira vez! Eu não

sou homem para fazer desordens n'uma estrada. Mas fique certo que o conheço e que não escapa sem lição.

Imediatamente o outro deitou a mão para dentro da porta a um cajado, e saltou á estrada affrontando a egoa, com a clara face erguida, um risinho de immenso desafio, e o varapau atravessado :

— Então venha agora a lição... E para diante é que Você já não passa seu Ramires de m...

Uma brusca nevoa raiada de sangue, turvou os olhos esgaseados do Fidalgo. E n'um inconsciente arranque, como levado por uma rajada furiosa de orgulho e força, soprada do fundo do seu ser, atirou a fina egoa n'um galão terrível, dando um rouco brado. E nem comprehendeu como o homem tropeçara, abandonara o cajado, apenas entrevio a mão do homem, immensa, que se estendia, para empolgar a camba do freio...

Então, erguido nos estribos despedio sobre a immensa mão que avançava, uma funda vergastada de chicote, do chicote silvante de cavallo-marinho. Com um berro, de aguda dôr, o homem abatteu sobre um joelho. Mas já, n'um pulo, se erguia quando fulgurante, o chicote de novo o colheu na face, de lado, n'um golpe tão vivo da aresta afiada que a orelha pendeu, despegada n'um borbulhar de sangue negro. Urrando, já com os braços molles o homem recuou, cambaleando. Gonçalo logo n'um arremesso galgou sobre elle, com outra furiosa chicotada, que o apanhou pela boca lhe rasgou a boca toda, de certo lhe espedaçou os dentes, o atirou, com um urro surdo, para o chão, desmaiado.

N'esse momento, um tiro atravessou o terreiro! E Gonçalo, um instante attonito, virando com um salto no selim avistou o rapasote ainda com a espingarda, erguida a fumegar, mas já aterrado hesitando.

— Ah, cão! gritou o Fidalgo.

E picou, a egoa, com o chicote alto : — mas o rapaz, espavorido n'um panico, corria atraves do terreiro para saltar o muro, escapar para as chãs ceifadas!

— Ah cão, ah cão! berrava, Gonçalo. De repente o rapaz, estonteado, topou n'uma viga e cahiu, com as mãos desesperadamente estendidas, quando Gonçalo o alcançou, e com uma cutilada do chicote, lhe fendeu o pescoço, d'onde o sangue jorrou. Como um fardo o rapaz abatteu onde estalou a cabeça contra a aresta d'um pilar, mais sangue jorrou. Então Gonçalo a tremer, a arquejar, estacou a egoa. Ambos os homens jaziam, immoveis no chão. Mortos? Talvez! D'ambos corria o sangue sobre a terra secca... O Fidalgo da Torre sentia uma alegria brutal. Mas um grito espantado souo do lado do quinteiro.

— Ai que mataram o meu rapaz!

Era um velho que atirara a cancella, corria, n'uma carreira agachado, ao longo da sebe, para a porta da Casa. Tão certo e vivamente o fidalgo lançou a egoa, para o deter — que o velho lhe esbarrou contra o peitoril, já coberto de suor e d'espuma. E ante o animal empinado, o fidalgo direito sobre os estribos, com o chicote erguido, a face chamejante, — o velho, de terror, cahio de joelhos, gritou desesperadamente :

— Ai não me faça mal meu Fidalgo, por alma de seu pae Ramires.

Gonçalo ainda o teve assim, um momento, diante da egoa supplicante, todo a tremer, sob o faiscar dos seus olhos : — e gosava soberbamente, aquelle velho dorso encolhido, aquellas callosas mãos que se alçavam para a sua misericórdia, invocavam o nome de Ramires, de novo temido, repossuido do seu prestigio heroico. Depois recuando a egoa :

— Esse malandro do rapazola desfechou a caçadeira contra mim!... Mas Você também não tem boa cara! Que ia Você correndo para casa? Buscar outra espingarda?

O velho abriu desesperadamente os braços offerecia o peito, em testemunho da sua verdade :

— Oh meu Fidalgo, não tenho em casa nem um cajado! Assim Deus me ajude e me salve o rapaz!

Mas Gonçalo desconfiava. Quando elle largasse pela estrada de Corinde, bem poderia o mal-encarado velho correr ao casebre agarrar outra espingarda, desfechar traiçoeiramente. E então n'um relance, com a vivesa d'espírito que lhe afiara a lucta, concebeu, contra qualquer embuscada do velho, um bom ardil, que o fez sorrir, pensando nas « traças de guerra », do velho D. Garcia Viegas, o *Sabedor*.

— Marche lá diante de mim, sempre a direito, pela estrada.

O velho tardou em se erguer aterrado. E battendo com as grossas mãos nas coxas, n'uma ancia que o engasgava :

— Oh meu Fidalgo, mas deixar assim o rapaz sem accordo?...

— O rapaz está só atordoado, já se mecheu. E o outro malandro também. Marche Você.

E tão irresistivel era o mando de Gonçalo, que o velho começou a avançar pela estrada, deante da egoa, como um captivo, todo vergado, os longos braços a bambolear, rosnando, quasi n'um choro : — Ai como ellas se armam! Ai que desgraça! como ellas se armam! » Por vezes parava, com um olhar assustado e torvo para Gonçalo, onde negrejava terror e odio... Mas logo o forte mando desabava sobre elle « Marche! » Para deante das ruinas d'uma casa que ardera e nunca se reconstruira, Gonçalo reconheceu um atalho mais curto para a estrada dos Bravaes chamado o *Caminho da Maria*. [E para ahi meteu o velho, que no pavor d'aquella quelha solitaria, pensando que Gonçalo o affastava dos caminhos claros para o mattar, commodamente, começou a gemer. « Ai que isto é o fim da minha vida! Ai nossa senhora que é o fim da minha vida. » E não cessou de gemer atirando os passos tropeços até que desembocaram na estrada de Corinde entre altos taludes escarpados, revestidos de giesta brava. Então Gonçalo impaciente com a caminhada lenta, gritou ao velho : — « Trotte, corra adiante, que a egoa vae trottar! » O velho largou trottando; mas de repente, com um novo terror, estacou, estendendo desesperadamente para o Fidalgo, afastando os braços tremulos :

— Oh meu senhor, o Fidalgo não me leva preso?...

— Marche! Corra!

E o velho correu, com a cabeça pendida desengonçado, arquejando como um folle de forja. De repente Gonçalo parou. Calculara, que mesmo se o homem agora livre abalasse n'uma carreira, e chegasse a casa, e agarrasse uma arma, e voltasse para se desforrar, — ja elle, n'um galope solto, teria entrado o portão da Torre. Então bradou, com o sobrolho duro :

— Alto! Agora pode voltar para tras... Mas, antes! Como se chama aquelle seu logar? E como se chama você, e o rapaz?

O velho, a offegar, com a boca aberta, esperou, hesitou :

— Eu sou João, o meu rapaz Manoel... Manoel Domingues. Meu Fidalgo. Aquelle logar é a Grainha.

— Você naturalmente mente. E o outro malandro, de suissas louras?

Promptamente, d'um folego, o velho informou :

— Esse é o Ernesto de Nacejas, o valentão de Nacejas, que chamam o *Caça-abraços*.

— Bem! Pois diga lá a esses dous marotos que me atacaram a pau e a tiro, que não ficam quites somente com a sova, e que agora têm de se entender com a Justiça... Ella la irá! Largue!

Do meio da estrada Gonçalo ainda vigiou o velho que abalara encolhido, forçando grandes passadas derreadas, limpando o suor que lhe pingava da testa calva. Depois, á redea solta, pela conhecida estrada, galopou para a Torre. E ia levado n'uma borbulhante alegria. Era como a esplendida sensação de galopar pelas alturas, como n'um corcel de lenda, crescido magnificamente, roçando as nuvens lustrosas... E por baixo, muito em baixo, os homens e as cidades, reconheciam n'elle um verdadeiro Ramires, dos antigos, dos grandes, e erguiam esse maravilhado, enlevado murmuro que é o sulco dos fortes passando! Que estranha aventura! Ainda de manhã, ao sahir da Torre, elle não ousaria marchar para um homem decidido que brandisse um varapau... E depois de repente, em frente d'aquella casa terrea, quando o bruto, das suissas louras lhe grita a injuria (seu Ramires de m...) — um não *sei quê* se desprende dentro do seu ser, e refulge, e transborda e lhe enche cada veia de sangue fervente, e lhe enrija cada nervo de força destra, e lhe põe na pelle o desdem de toda a dor, e lhe repassa a alma de fortaleza indomavel...

E agora allí voltava, um homem, livre emfim da sombra que dolorosamente assombreira a sua vida a sombra molle e torpe do seu medo!

Por que bem certo se sentia agora que, se todos os valentões de Nacejas, se plantassem deante d'elle, com varapaus ou espingardas — esse não sei quê, lá dentro, de novo se voltaria, e refulgiria e o arremessaria, com cada veia inchada, cada nervo teso, para o delicioso prazer da briga. Emfim era um homem! E quando em Villa Clara, na Assembleia ou no Gago, o Manuel Duarte, o Titó, contassem valentias e façanhas, ja elle não enrolaria mudamente o cigarro — mudo não somente pela falta desconsoladora de valentias mas mudo sobretudo pela humilhante lembrança das fraquezas. E galopava, galopava... Para alem dos Bravaes, mais galopou ao avistar a Torre. E era uma sensação singular e preciosa — pois lhe parecia que pela *primeira vez* entrava na sua casa, e que emfim a sua casa lhe pertencia, legitimamente, e que elle occupava legitimamente a sua casa.

(Continua.)

EÇA DE QUEIROZ.

Revista Moderna

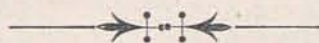
Ilustração Brasileira

MAGAZINE LITTERARIO E ARTISTICO

189

Apparecendo com a maxima regularidade todos os mezes e dando aos seus leitores **cincoenta** paginas de texto e perto de **cem** illustrações impressas em magnifico papel, n'uma artistica capa em **chromo-typographia** e um bellissimo **hors texte** consistindo na reproducção, a côres, dos quadros mais celebres dos pintores contemporaneos.

O texto contido em cada numero da Revista Moderna equivale ao de um volume ordinario de mais de trezentas paginas.



Já se acha em poder de todos os nossos Agentes

© Magnifico Brinde

Que como annunciámos nos nossos ultimos numeros, a *Revista Moderna* offerece aos seus assignantes e leitores que renovarem ou tomarem uma assignatura por um anno

ESSE EXPLENDIDO BRINDE

consistindo n'uma bellissima gravura a côres é a copia perfeita e admiravel do

Celebre Quadro de BOUCHER

O NINHO

(DO MUSEU NACIONAL DO LOUVRE)

uma das melhores composições do grande mestre francez do seculo XVIII, cuja reproducção artistica é rarissima e attinge preços consideraveis nos mercados europeos. Tivemos a felicidade de poder obter uma limitada tiragem d'esta obra prima que pomos a disposição dos nossos leitores nas condicções acima indicadas.

Os nossos assignantes e leitores, que habitam nas localidades onde a *Revista* tem agencias, basta, para o obterem que se dirijam a esses agentes quanto aos que habitam em outras localidades terão a bondade de fazer o pedido por escripto a esses agentes e juntar 1000 reis para as despezas da remessa postal.

ESPINGARDA DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1ª qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

8, Avenue de l'Opéra, PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
da Casa Guinard.

ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inofensivo. Quando se toma em qualquer momento de um accesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes*, contra o *zono (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da fadiga, do *trabalho á sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ

1878 — MÉDALHA DE OURO — 1878

A mais alta Recompensa dada aos Adubos

1889 — FORA DE CONCURSO — 1889

Membro do Jury de Recompensas

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Séde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, Administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para caféceiro, despeza por pré : 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos,
— cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.

Para canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de
50 a 55 francos.

INFORMAÇÕES, ANALYSES, LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA EM PARIZ E EM BORDEAUX

DIRIGIR-SE AOS ADMINISTRADORES DA SOCIEDADE :

30, rua des Allamandiers, BORDEAUX. — 15, rua des Petits-Hôtels, PARIS.

REVISTA MODERNA

Ilustração Brasileira e Magazine Litterario e Artistico

Director : M. BOTEELHO

COUPON DE ASSIGNATURA DE UM ANNO

Illmos Senrs

Agentes da Revista Moderna

Junto enviamos a quantia de 50\$000 Reis importancia de uma Assignatura de um Anno a comecar do N° 25 e terminando com o N° 36, que os Senrs farão o obsequio de enviar-me a direcção abaixo :

Nome do Assignante

Endereço

Os Assignantes do interior enviarão aos nossos agentes, afara a importancia da Assignatura, mais *Mil réis* para a remessa pelo correio do grande quadro a côres, que constitue o valiosissimo e artistico brinde que a *Revista Moderna* offerece a todos os seus assignantes.



MATHIEU-DEROGHE

PARIS — 39, Boulevard des Capucines — PARIS

ASCENSEUR ✕ TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre esmaltes inalteráveis vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889

Membro do Jury 1893. — Membro dos Comités d'admissão da Exposição 1900

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

LIBRAIRIE C. REINWALD — SCHLEICHER Frères, ÉDITEURS
PARIS — 15, RUE DES SAINTS-PÈRES, 15 — PARIS

L'HUMANITÉ NOUVELLE

Revue Internationale, Sciences, Lettres et Arts

PARAIT MENSUELLEMENT EN UN VOLUME IN-8 D'AU MOINS 128 PAGES

ABONNEMENTS { France et Belgique, *Un an* 12 fr. — *Six mois* 7 fr.
Etranger (Union) — 15 fr. — 8 fr.

UN NUMÉRO : 1 fr. 50

Envoi d'un Numéro Spécimen, contre 1 franc en timbres-poste

Principaux Collaborateurs

Ch. Andlet.
Theophilo Braga.
Judith Cladel.
N. Colajanni.
J. Dallemagne.
Victor Dave.

G. De Greef.
G. De La Salle.
Hector Denis.
Holger Drachmann.
G. Ferrero.
E. Ferri.

Jean Grave.
Gunnar Heiberg.
Léon Hennebicq.
Henrik Ibsen.
J. P. Jacobsen.
P. Kropotkine.

P. Lavroff.
Ch. Letourneau.
Domela Nieuwenhuis.
J. Novicow.
Ed. Picard.
Élisée Reclus.

Élie Reclus.
E. De Roberty.
Clémence Royer.
L. Tolstoi.
E. Vandervelde.
Xavier de Carvalho.

Directeur : A. HAMON

Études de Sciences sociologiques, philosophiques, psychologiques, historiques, naturelles, etc.
Contes, Vers, Théâtre, Critiques littéraire et artistique, etc.

Pariz * GRANDE HOTEL * Pariz

*situado sobre os Grandes Boulevards no mais central
e no mais bello ponto da cidade*

OCCUPANDO TODO UM QUARTEIRÃO
sobre o Boulevard des Capucines, Place de l'Opéra
Rue Scribe e Rue Auber

A MAIS LUXUOSA E A MAIS
Vasta Sala de Jantar podendo conter mil pessoas

O Serviço das duas refeições
é constantemente servido em pequenas mezas
de duas e quatro pessoas

MAGNIFICA ORCHESTRA DE PROFESSORES

executando diariamente um Concerto

Durante o JANTAR

Preço Fixo das Refeições

ALMOÇO 5 FR. * JANTAR 7 FR.

Vinho não comprehendido

SERVIÇO A LA CARTE

NO

Grande Restaurant do Hotel

DANDO SOBRE O

JARDIM DE INVERNO

RICOS SALÕES

para Bailes, Recepções
e Jantares

GRANDE SALÃO

DE

BILHAR

800
SALÕES E QUARTOS

*Mobilados com todo o luxo,
elegancia e conforto*

COMMODOS ESPECIAES PARA FAMILIAS

Com salas de Jantar,
salas de banho toilettes, etc.

Grandes salas de banhos quentes e Frios
em todos os andares. Ascensores trabalhando
noute e Dia, Vasto Salão de Leitura com Jornaes e
Illustrações de todo o Universo Enorme Jardim de
Inverno com Fontes luminosas

UM ESTABELECIMENTO HYDROTHERAPICO

de primeira ordem dirigido por um especialista
funcionna no Grande-Hotel

BANHOS DE VAPOR, BANHOS TURCOS, BANHOS RUSSOS, MASSAGENS, BANHOS ESCOSSEZES

Serviço de Carros a preço fixo, pertencente ao Grande Hotel

Agencias de Bilhetes de Caminhos de Ferro e de Paquetes
para todas as partes do Globo. Agencias do Correio e do Telegrapho.
Cambio de Dinheiros e Valores estrangeiros. Salão de Cabelleireiro.

*Remessa do nosso Plano Tarifa a todas as pessoas que nos fiserem esse
pedido por carta. Toda a Correspondencia
deve ser dirigida do Director do Grande Hotel Paris.*

O Plano Tarifa do Grande Hotel permite aos viajantes que desejarem passar algum tempo
em Paris fixarem de antemao as suas despesas e reservarem os commodos que desejam occupar.

Pariz * GRANDE HOTEL * Pariz